

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS
SABADO, 1 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 593 ANO 48.º UM ESCUDO

COMPRE LOTARIA
NO
CAMPIÃO
A CASA DA RUA DO AMPARO
QUE TEM SEMPRE O AMPARO DE MUITA CASA

**ELES ESTAVAM
PERTO
DO EPICENTRO**

**MAS SÓ SOUBERAM O QUE FOI
NOVENTA MINUTOS APÓS O SISMO**

Escalada em Berlim

**As novas restrições podem
causar graves danos
à antiga capital alemã**

MOSCOVO, 1 — (F. P.) — Cau-
sou verdadeira inquietação nos meios
ocidentais de Moscovo a nota que a
União Soviética entregou à R. D. A.,

dando público apoio ao Governo de
Pankow nas novas restrições ao trâ-
sito entre Berlim-Oeste e a Alemanha
Federal.

Com efeito, as novas res-
trições leste-alemãs podem
causar graves danos à eco-
nomia de Berlim-Oeste, tu-
do dependendo da inter-
pretação que lhes for dada
na prática. A declaração
leste alemã enumera: «ar-
mas, munições, equipamen-
tos militares e peças soltas».
As duas primeiras ca-
tegorias não são fabricadas
em Berlim-Oeste, mas que
se entende pelas duas res-
tantes?

Segundo contactos priva-
dos com responsáveis so-
viéticos, depreende-se que
os telefones, os aparelhos
de telefonia e os transisto-
res, por exemplo, podem
vir a ser considerados como
«produtos estratégicos», o
que afectaria duramente a
indústria electrónica ale-
mã, concentrada em Ber-
lim. O mesmo se pode dizer
da indústria química e das

peças soltas de automóveis
e, segundo um jornal oes-
te-alemão, inclusivamente
das lampadas «Osram» (fa-
bricadas em Berlim-Oeste).

cujo transporte as alfande-
gas leste-alemãs poderão
interditar, sob o pretexto

(Continua na 12.ª página)

O JURI DECIDIU:

CLAY SHAW INOCENTE

NOVA ORLEANS, 1 —
(A. N. L.) — Clay L. Shaw
foi declarado inocente da
acusação de ter conspirado
para assassinar o presiden-
te Kennedy.

O veredicto foi conhecido
à 1.02 horas locais, depois
de o júri, todo constituído
por homens, ter estado reu-
nido durante 56 minutos.

Nas alegações da acusa-
ção que precedeu a delibe-
ração do júri, o procurador
distrital Jim Garrison ata-
cou o sistema federal e in-
vocou afirmações do pró-
prio John Kennedy, num
último esforço para conse-
guir a condenação de Clay
Shaw, que incriminara co-
mo participante, com Lee
Oswald e David Ferrie, numa
conspiração para assas-
sinar o presidente.

Dirigindo-se aos jurados
Garrison afirmou que a ver-
dade sobre o assassinio ti-
nha sido negada ao mundo.

O advogado de defesa de
Shaw, Irvin Dymond, ac-
cusou Garrison de se ter
servido do seu constituinte

(Continua na 12.ª página)

GRANDE PRÊMIO DE PUBLICIDADE

**ANUNCIAR
É
COMUNICAR**

EM PUBLICIDADE o que conta é a
comunicação. O efeito. O êxito. E, por-
tanto, para já, o «pousar os olhos no
anúncio». Daqui, poder dizer-se que a
primeira grande força da publicidade é a

Imprensa. Num jornal, os «olhos» pren-
dem-se ao que vêem, ainda antes do en-
tendimento se aperceber do que lê.

(Continua na 14.ª página)



HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Estes homens estavam no mar, a bordo
do navio «Manuel da Silva», na exacta
longitude e a 1 grau 46' de latitude do epi-
centro (que como se sabe se localizou no
Atlântico) do sismo que ontem abalou o
nosso País, espalhando um pânico que,
sem razão, para muitos se prolongou na
madrugada de hoje. O balanço provisório
do que poderia ter sido uma catástrofe em
Portugal, é de 11 mortos, algumas cente-
nas de feridos e muitos milhares de contos
de prejuízos materiais.

**TREZE «RÉPLICAS» AO SISMO DE ONTEM (INTENSIDADE
A ÚLTIMA DAS QUAIS ÀS DUAS DA MANHÃ DE HOJE
CADA VEZ MENOR)**

LER NOTICIÁRIO SOBRE OS SISMOS NAS PAGINAS 8 E 9

AS PROMOÇÕES DO MARISCO

A primeira das três vezes que estive em Vigo foi durante o Governo do general Primo de Rivera. Aceitando o convite para uma ida à Galiza, feito por uns amigos que tinham de ir visitar, da parte da família, uns alunos portugueses do Colégio de Jesuitas de La Guardia, frente a Caminha, encontrei logo nesse modesto estabelecimento, onde vi tantos compatriotas, motivo justificado para um artigo no «Diário de Lisboa», que provocou uma interessante carta de Cristóvão Aires, enaltecendo o «seu» Colégio Militar, a excelência do seu ensino e a sua valiosa contribuição para formar gente de «élite».

Fomos pernoitar a uma pensão da piscatória Baiona; e, no dia seguinte, tivemos uma desagradável surpresa: não aceitavam, para pagamento da conta, dinheiro português, e as pesetas que levávamos eram «curtas» para isso.

— Só em Vigo — indicaram-nos.

E fiquei eu, com as malas, de reféns, enquanto os meus amigos iam àquela grande cidade trocar, a um câmbio impressionante, uma

parte considerável dos escudos que levavam.

Resolvido o assunto, fomos todos para Vigo; e, depois de instalados, cumprimentámos o nosso cônsul, Vasco Morgado, que amavelmente nos convidou para um almoço inesquecível.

Estávamos num restaurante chamado simplesmente «Mariscos», que justificava plenamente o seu nome, pois nunca admirei tanta variedade de excelentes animais marinhos.

O estabelecimento estava cheio; mas não vi uma única pessoa comer um bife, um peixe, uns legumes. «Em Roma se romano».

Depois de admirar longamente a sua vasta e encantadora baía de percorrer as suas ruas, de apreciar a graciosidade e a alegria das suas mulheres e das suas «muchachas», regressámos a Portugal; e nunca mais me saiu da cabeça esta pergunta: «Porque não criar em Lisboa um estabelecimento daqueles?».

Superl, mesmo, a alguns amigos que empregassem o seu dinheiro em tal iniciativa; mas, em resposta, só recebi respostas pessimistas: — Uma casa de mariscos?... Isso

não dá nada!... Quem tem muito dinheiro compra lagostas vivas, nos viveiros, ou na praça (ou come-as no restaurante); quem tem pouco contenta-se com as já cozidas que vêm nas redes dos pescadores ou vai até Cacilhas, comprar, baratinho, santolas, navaleiras, caranguejos ou camarão... Pois se até os percebes, tão saborosos, não têm quem os coma! Os que são apanhados vão, com os limos, adubar as terras...

Era verdade. Mas que eu tinha razão provou-o, mais tarde, Manuel Outeiro Costa, ao fundar em Lisboa o primeiro restaurante marisqueiro, na Rua do Jardim do Regedor, numa casa recentemente adquirida pelo Município.

Depois disso, o exemplo frutificou: e, ao mesmo tempo que o número de marisqueiras aumentava, o valor dos mariscos subia vertiginosamente.

Até os percebes — que eram os mariscos mais ordinários — deixaram de alimentar as terras de semeadura, trocando-as pelas goelas dos seus donos em grande escala e dos construtores ou possuidores de «arranha-céus»...

FÉLIX CORREIA



A mesa de presidência

CELEBRADA COM UM JANTAR A ALTERAÇÃO DO PACTO SOCIAL

DA EMPRESA FEDERICO BONET, S. A. R. L.

Para celebrar a passagem da Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, da firma Federico Bonet, Lda., da Rua do Açúcar, 22, em Lisboa, reuniram-se num jantar, num popular e prestigioso restaurante típico do Bairro Alto (a Adega Mesquita), algumas dezenas de empregados e colaboradores daquela Sociedade e a que presidiu o próprio fundador da empre-

sa, sr. Federico Bonet, um octogénario com uma vida dedicada ao desenvolvimento industrial, o que lhe mereceu ser agraciado com a Medalha de Trabalho, distinção só muito raramente concedida pelo Governo Espanhol aos industriais do país vizinho.

A nova fase agora iniciada com a referida modificação do pacto social da Empresa, vai permitir à mesma um maior desenvolvimento da sua actividade industrial, propondo-se cumprir um plano que, á semelhança do executado em Espanha, espera-se possa conduzir ao mesmo êxito que os empreendimentos da Sociedade tem conhecido no país vizinho.

Assim, propõe-se a empresa Federico Bonet, S. A. R. L., encetar em Portugal, muito em breve, de colaboração com a sua associada Jonhson War Portuguesa, a fabricação de diversos produtos de limpeza, ceras, aerossóis e similares, tendo já adquirido na Malveira os necessários terrenos para as respectivas instalações fabris.

Além disso, e através de concessão da DON BAXTER, espera a nova sociedade iniciar, dentro do mais curto espaço de tempo, a fabricação de material cirúrgico especialmente do utilizado em transfusões de sangue.

Porém, são mais vastos os planos da empresa Federico Bonet, S. A. R. L. E, na execução dos mesmos, prevê-se, a curto prazo, a manufatura de produtos e especialidades farmacêuticas e do conhecido e prestigiado «Balsamo Bebê», um produto da mais vasta aplicação na higiene da criança, além de outras actividades a cumprir em mais dilatado período de tempo.

Segundo nos disse o dr. Vilela, professor universitário, licenciado em físico-químicas e director técnico da agrupamento industrial Federico Bonet, S. A. (em Madrid), os projectos da Empresa visam a coordenação de uma actividade na península que, em coligação com outros grandes «trusts», particularmente americanos, possa resultar benéfica para os dois países peninsulares. Só através desse entendimento pode atingir-se um nível de produção difícil de alcançar isoladamente, e num volume que permita a sua distribuição por outros mercados mundiais.

UM PAI DÁ O RIM AO FILHO

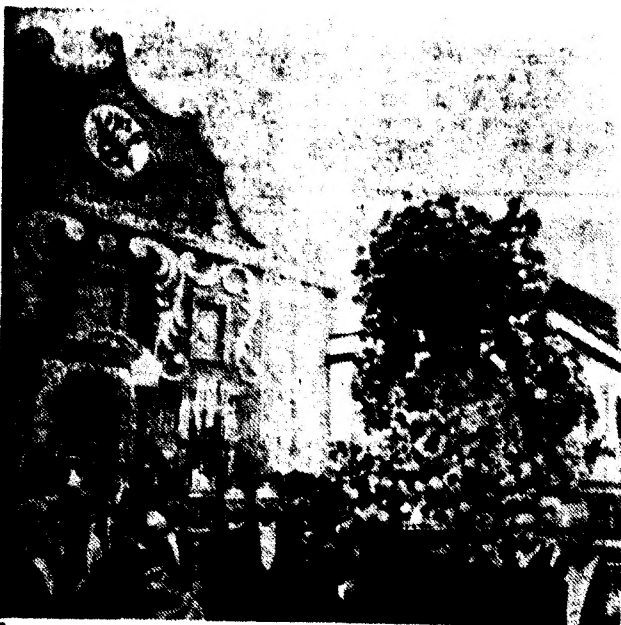
FUNCHAL, 1 — (L.) — O maior dum pai, sobrepondo-se ao amor à própria vida, val ser o epílogo dum caso dramático que tem comovido toda a população do Funchal: tratase dum jovem, Amândio Nobrega, praticante de vários desportos, especialmente vela, que foi atacado há tempos por pertinaz doença que, mesmo apesar da assistência dos melhores especialistas, foi de mal a pior, colocando-o agora entre a vida e a morte, tendo necessidade de uma transplantação de um rim.

Imediatamente o pai, António Nobrega, de 70 anos, que ainda trabalha numa Repartição desta cidade, se ofereceu para dar um dos seus rins a fim de salvar a vida do filho que adora.

A melindrosa operação decorrerá em Londres, dentro de breves dias, e será feita por um dos melhores cirurgiões da especialidade.

António Nobrega segue em breve para a capital britânica, onde arriscará a sua já longa vida para salvar a do filho.

FESTAS DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES ILHA DE S. MIGUEL 10 A 12 DE MAIO



Uma viagem especial do moderno paquete «FUNCHAL» que servirá de hotel durante a estadia em PONTA DELGADA

Saída de Lisboa a 6 de Maio visitando também a MADEIRA e regressando a 14

Consulte o seu agente de viagens ou directamente a Secção de Passagens da

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

LISBOA: — Rua Augusta, 152 — Tel. 37 63 41

DE ONTEM PARA HOJE

MOVIMENTOS CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS

Gilberto Freyre encontra-se de novo em Portugal e voltou ao seu já conhecido Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarina para falar do tema «Movimentos contra-revolucionários dentro dos movimentos revolucionários». Acentuou que «cada revolução é ela e as suas circunstâncias», havendo portanto que a estudar em todos os seus aspectos se a quisermos conhecer e interpretar. E que é das leis da História que esta se repete, mas nunca se copia fielmente. O grande sociólogo examinou depois diversos exemplos de grupos integrados na esfera soviética e perguntou-se se não necessitava o Brasil de reformas revolucionárias agrárias que acompanhem o avanço já conseguido em anos industrializados. O mito brasileiro explica muito as interpenetrações de movimentos revolucionários ou contra-revolucionários de idealistas em realistas, de marxistas em nacionalistas. Mais adiante indicou que não estava fora de causa que uma China pretensamente ortodoxamente marxista se venha a transformar em essencialmente nacionalista e chinesa. Disse, depois, que também existem exemplos de «caudilhismo» em que o chefe se transforma em caudilho dos caudilhos e, portanto, em anticautidilhistas e afirmou que os novos Estados são exemplos de modelos que precisam de ser revolucionários para defesa de valores tradicionais. Revolucionários na técnica, na economia e conservadores do seu passado, tradições e costumes.

LEGIAO PORTUGUESA

Presidido pelo almirante Henrique Tenreiro, reuniu em sessão normal de trabalho, no quartel general da Penha de França, a Junta

Central da Legião Portuguesa. Estiveram presentes, além do comandante-geral da L. P., o sr. general Fernando Marques e Oliveira, os

vogais srs. eng.º José Frederico Ulrich, drs. Góis Mota, Solami Allegro e Júlio Evangelista e capitão Soares da Cunha.

ADVOGADOS E MÉDICOS COLABORAM NUM ESTUDO DE RELAÇÕES HUMANAS

As Companhias de Seguros Império e Sagres estão a realizar uma série de reuniões de trabalho com os seus médicos e advogados, com a finalidade objectiva de se estudarem globalmente as relações humanas com o público destas empresas, em particular com os sinistrados e segurados.

Sabido como é que na perspectiva do «marketing» o cliente se apresenta como estímulo da actuação de toda a empresa, pretende-se analisar os problemas e soluções que possam não ser compreendidos por parte de sinistrados e segurados e as medidas ou atitudes que devem contribuir para tornarem as relações recíprocas cada vez mais claras e confiantes.

Neste esquema de trabalho em que a grande empresa de serviços se considera a si própria como uma personalidade indivisível, humana e coerente, a contribuição dos médi-

cos e advogados da empresa apresenta-se com especial interesse, já que da sua específica formação e dos seus contactos pessoais decorre um aprofundado conhecimento da pessoa humana e dos casos mais delicados com que têm contacto quotidiano.

Nas empresas que pretendem determinar-se rumo ao futuro, como empresas de «marketing» e, muito especialmente, em companhias seguradoras, as relações humanas, de que os médicos e advogados têm uma elevada percepção e um conhecimento apurado pela mais completa experiência, ganham uma relevância muito importante, a exigir de todos os colaboradores uma especial atenção.

A filosofia de mercado que se contém no «marketing» — como se pretendeu esclarecer nestas reuniões da Império e da Sagres — implica o reconhecimento duma nova dimensão da pessoa humana

que conduz à valorização dos serviços que se deseja prestar e necessariamente conduz também à valorização profissional e humana de todos os colaboradores da empresa. A série de colloquios tem sido conduzida pelo dr. Luis Barbosa, director de «marketing», e esta iniciativa inscreve-se numa linha de orientação persistentemente seguida desde há alguns anos na estruturação daquelas empresas.



Um aspecto da reunião

BANCO DO ALENTEJO também no ESTORIL

QUESTÕES DE INQUILINATO (IV)

IMPOSSIBILIDADE DO AUMENTO DO PREÇO DAS RENDAS DE CASA

Por M. ROQUE LAIA

BASEADO EM RAZÕES de vária ordem e em motivos da Justiça Social que aos arrendatários é devida — demonstrei o que há de errado, de anómalo, de injusto, e de parcialidade, no critério — e nas disposições — que permite o aumento mecânico, do preço das rendas das casas, de cinco em cinco anos.

Demonstrei — também — quão injusta errada e unilateral é a actuação e a composição das chamadas «comissões de avaliação», comissões essas que «nada avaliam» e são, só, o meio de um inevitável — e antecipadamente concedido — aumento desses preços, aumento esse que mais e mais acentua a especulação que se exerce à volta do já elevadíssimo preço das rendas de casa.

Demonstrei, também, que esse «aumento cíclico» do preço das rendas atinge, duramente, os orçamentos das famílias consumidoras, já fustigados e esmagados por uma série consecutiva de aumentos do chamado «custo de vida».

Além de injustificada, é, absolutamente, incompreensível a existência da comissão fiscal de avaliação para fixação do preço das rendas.

Ao ser construída a casa, antes dela entrar no mercado do arrendamento, o «fisco» logo a avaliou, para lhe dar entrada na matriz predial.

Já nessa avaliação, o critério fiscal se mostra ofensivo da política social de «uma casa para cada família», pois, o «critério fiscal» é uma das razões do encarecimento do preço das rendas.

Em carta publicada em jornal da tarde de 29 de Janeiro último, o construtor André Tiago da Eira queixava-se de que, tendo arrendado por 1100\$00 mensais cada um dos andares do prédio que construiu na Estrada da Luz, 120, Lote 10, e, embora cada um desses andares tenha — somente — três divisões assoalhadas, cozinha e casa de banho, a respectiva... «comissão de avaliação»... fixou a cada andar a renda de... MIL E QUATROCENTOS ESCUDOS MENSAIS!!!...

Este é um dos muitos milhares de exemplos que se podem apresentar acerca da actuação dessas chamadas... «comissões de avaliação»... e das consequências dessa actuação.

Vê-se, por ele, que é um serviço público, que são funcionários públicos — desses funcionários que reclamam e com razão, não ganharão o necessário — que estabelecem e legitimam a alta dos preços, que tornam a vida mais dura, mais onerosa, aos consumidores; é um serviço público que empurra o comerciante para a especulação, ainda mesmo quando esta não está nos propósitos do negociante!

Por qualquer prisma que seja encarado, o aumento quinquenal dos preços das rendas é — absoluta e completamente — injustificado e injustificável; nem pelo «lado dos senhorios» ele encontra defesa, ou justificação, como já o demonstrei no anterior artigo.

Aumentar — mecânica, inexorável e forçosamente — o preço de um produto, ou de um serviço, cíclicamente, em períodos de 5 anos, prévia e abstractamente estabelecidos, é estabelecer um princípio que as leis da economia repelem e que as regras da Justiça Social conde-

nam; é um autorizado e válido convite à especulação.

Não se poderá dizer que se combate o aumento do custo de vida, que se luta contra a «ESPECULAÇÃO», se se não acabar com esse autorizado e injustificado aumento quinquenal do preço das rendas; enquanto se não «congelarem» esses preços, enquanto se não estabelecer ao comerciante-senhorio — e como aos demais comerciantes — o preço máximo do produto que fornece e a taxa de lucro permissível, a especulação campeará, solta e desenfreada.

Como argumento, dizem, ainda — os que defendem as avaliações e o aumento quinquenal do preço das rendas de casa, — que a existência dessa possibilidade de aumento quinquenal põe termo à constante subida do preço das rendas, por os senhorios já não necessitarem, então de fixar, inicialmente, preços elevados.

Acrescentam, ainda, esses, que, permitindo-se tais aumentos, se torna possível aos senhorios a periódica execução de obras de conservação e de actualização das condições de habitabilidade das casas; afirmam, também, que, através da possibilidade de um maior rendimento, se daria maior incremento à construção habitacional, do que resultaria um abaixamento do preço das rendas, em consequência de passar a haver mais casas para arrendar e, consequentemente, um alargamento da oferta no mercado do arrendamento.

Esses foram — também — os argumentos utilizados pelo deputado, que, na Assembleia Nacional, se declarou disposto a propor a supressão da isenção das ditas «avaliações fiscais» existente nas cidades de Lisboa e do Porto!

Que ele — ou outro deputado — propusessem a supressão do aumento quinquenal de rendas em todo e qualquer ponto do território da República, então, ainda poderíamos acreditar que quisessem dar um carácter real ao mandato que dizem recebido. Porém, propondo — «contra» — impossível é acreditar em tal, tanto mais que os argumentos apresentados como justificativos da anunciada disposição para propor tal supressão são — absolutamente — errados, e desmentidos pela realidade dos factos inofensíveis.

O uso de tais argumentos tem, porém, a vantagem — única — de desmistificar o problema e de ele ser apresentado na sua real e verdadeira faceta.

Na verdade, ao utilizar tais argumentos, os defensores do aumento quinquenal do preço das rendas confessam, implicitamente, que o aumento dado através das «avaliações fiscais» resulta não da desactualização do preço da renda, mas de se pretender que o senhorio consiga, à custa do arrendatário, «amealhar» verbas destinadas, não só à «conservação» do seu património, mas, também, a aumentar esse património.

Pretende-se, assim, que o arrendatário pague — além da «remuneração» pelo gozo temporário da casa, a que é obrigado por lei e que constitui o «lucro» do senhorio — também, as despesas da «manutenção» e «conservação» desse negócio e, ainda, lhe crie as condições de o aumentar e desenvolver!

Pretende-se transformar o arrendatário numa mera «máquina»

de fabricar lucros ilegais e ilegítimos!

Em todo o negócio os encargos deste, a manutenção da exploração, o desenvolvimento desta, saem do lucro normal que o negociante obtém; «no negócio» de arrendar casa — o único não limitado nem no preço, nem na margem do lucro, — pretende-se que a conservação da casa, a possibilidade de novas construções, a própria anulação (?) da especulação, sejam obtidas através de maior preço, e que este aumento se verifique continuamente, sempre mais e mais, e em espaços previamente determinados e fixados de 5 em 5 anos.

A «colera» era, pelo menos, mais generosa, pois, segundo dizem os antigos só aparecia de 7 em 7 anos...

Mas, além de imorais, os argumentos que pretendem justificar a possibilidade de aumentar os preços das rendas com a «diminuição» do preço inicial destas, a promoção de mais construções e da conservação da propriedade arrendada, são falsos.

Em primeiro lugar é absolutamente falso que «a possibilidade de aumentar» o preço, leve à baixa de preço da renda inicial.

Que assim não sucederá prova-o o que se passa nas localidades onde as avaliações quinquenais são permitidas.

Que o digam os arrendatários de Coimbra, de Viseu, de Beja, de Faro, onde existe o direito das tais avaliações, onde os preços dos novos arrendamentos sobem sempre.

Que o digam as populações trabalhadoras de Moscavide, Amadora, Algés, Almada, Matosinhos, Vila Nova de Gaia, e as de todas as outras localidades, onde existem as avaliações quinquenais e onde os «preços» dos novos arrendamentos são, sempre, cada vez mais, e mais elevados.

Também é falso que dessa possibilidade de aumento quinquenal do preço das rendas, resulte a possibilidade dos senhorios cuidarem das condições da casa arrendada.

Consultem-se os arquivos das câmaras municipais dos concelhos limítrofes, daqueles em que existe o direito a requerer essas tais «avaliações» e saber-se-á o número de reclamações — na sua quase totalidade sem solução — apresentadas pelos inquilinos contra a falta dessas obras.

Consultem-se os arquivos das delegações de saúde e ver-se-á o número de reclamações nelas existentes.

Telhados que não vedam as chuvas, pavimentos, tectos e paredes esburacadas, portas e janelas que não fecham, esgotos extravasando, nada merece reparação; ainda são aos milhares as casas nos concelhos limítrofes de Lisboa e Porto, e no resto do País que não recebem obra alguma, nem de conservação nem de beneficiação.

Na maioria das localidades — até em importantes cidades — onde podem ser requeridas as tais avaliações para o aumento quinquenal do preço das rendas, a quase totalidade das habitações não possui nem esgotos, nem água encanada, nem um mínimo indispensável de condições de habitabilidade, não falando, já da existência duma ca-

(Continua na 7.ª página)

Nota
do dia

AS PERGUNTAS E AS RESPOSTAS

O PROBLEMA DA UNIVERSIDADE está longe de poder ser entendido como um problema esquecido, tão pouco isso como apenas um problema de ocasião, pois havemos de o entender e sentir como um problema permanente, que se põe e se repõe na medida em que, cabendo à Universidade o papel de responder às grandes interrogações do tempo, e a sua própria problemática que tem de evoluir. De contrário a Universidade parou, estagnou, anquilosou. Ideias novas, estas? Ideias naturalmente de todos os tempos e de todas as pessoas que procuram estar atentas ao que se passa à sua volta.

Pessoa que procura estar atenta ao que vai à sua volta e desse exame extrair conclusões úteis é o dr. Adriano Moreira, que, precisamente como director de uma escola superior, tomou a decisão de nela promover e iniciar uma discussão sobre a função da Universidade, em que ele próprio perflhou essa posição da Universidade, que se quer dinâmica em vez de estática. De continuo, como e onde havia de encontrar-se a coincidência necessária entre a Universidade e a vida? Como havia a Universidade de encontrar em si as condições para reflectir nela própria as ansiedades e as interrogações vivas que nela hão de procurar expressão?

Toda a gente diz e é verdade que a Universidade está em crise. Lembrou-o também aquele docente, perspicaz observador do fenómeno político que o rodeia. «Está em crise a Universidade e os sistemas, e os regimes e as pessoas (acrescentou o prof. Adriano Moreira). Não há nada que não esteja em crise. Essa é uma das características da nossa época: está tudo em crise». Infelizmente, talvez seja esta a maior verdade do nosso tempo, mas, porque assim é, a única atitude lúcida é não esconder essa realidade e procurar-se fazer-lhe face.

O grande equívoco estará, todavia, de cada vez que quem pensa nesta estirpe de problemas pense distraidamente que se lhes pode encontrar resposta no formulário que se encontra nos armários e que bastará deitar a mão a uma qualquer prateleira, abrir a páginas tantas e sossegar pachorrentamente no «lá está, vamos lá então». Engano perigoso será ou seria o dos responsáveis ou candidatos a tais com esse desenfado de decisão. Quando quisessem pôr a máquina a rodar, sentiram a roda a patinar desembraiada sem sair do mesmo sítio, nem potência, nem resistência.

E daquilo que fica? Ficam as dúvidas e as interrogações. E fica também o dever de não ter medo delas, o dever de as olhar de frente, de ver como é e de procurar os caminhos possíveis. Socorrendo-nos ainda de um fragmento da conferência do dr. Adriano Moreira, dir-se-á que «consegue-se isso tendo coragem nas opiniões, não renunciando a uma convicção». Se isto for feito. Pois «se isto for feito assim, todo o combate pelas ideias é respeitado». Se isto for feito assim. Pois se isto for feito assim, «não hão-de ter receio de exprimir nenhuma opinião, não hão-de ter dificuldade em sustentar nenhum ponto de vista, não devem ter hesitação nenhuma em contrariar nenhuma doutrina».

É a única fórmula possível: ideia confrontada com ideia; doutrina confrontada com doutrina; experiência confrontada com experiência. O mito das ideias estáticas é tão pouco saudável e tão pouco reprodutivo como o mito dos homens como homens e só como homens. Alinhar as interrogações, alinhar as respostas, confrontá-las com as realidades palpáveis é o único método possível num tempo, como o nosso, em que os homens se olhar uns aos outros sem se conhecerem — quase no risco de não conhecerem sequer a imagem que o espelho lhes devolve quando eles próprios se lhe põem na frente.



Conte connosco...

...contamos consigo

BANCO DO ALENTEJO



Perón — sorriso de confiança extrema

NUMA RUA SOSSEGADA de um elegante bairro residencial de Madrid, um homem de meia idade dita diáriticamente cartas, lê os jornais, recebe argentinos de passagem, assiste a demoradas reuniões e sorri para uma bela jovem, muito carinhosa para ele, nas pausas de todos esses afazeres.

É um homem forte, de ombros e rosto largos, com um andar pesado e um tanto curvado. Do lado de fora do pequeno portão de ferro que dá entrada para o seu jardim, um agente fardado está permanentemente de guarda.

Não é um homem de negócios, embora movimentando alguns milhares. É um político, embora um político reformado.

Mas, apesar de retirado da cena, é aqui, nos bastidores longínquos da Europa, que ele maneja as suas figuras num dos maiores tabladros da América Latina: a Argentina.

Faz o papel de contra-regra, dando as «entradas» às figuras que entende oportunas; sabe igualmente do ofício de ponto, ensinando o papel e dando as deixas para as falas nesse imenso palco sul-americano. O seu nome é Perón.

PORQUE, AINDA, O SAUDOSISMO POR PERÓN?

Cerca de 15 anos depois da queda de Perón, do seu exílio, porque, ainda, o saudosismo por esse «leader» que tanta influência conta na classe trabalhadora argentina?

«No tempo de Perón é que nós soubemos o que era ter um pouco de vida decente», disse-me Juan Lopez, enquanto me escamoteava a barba.

«Agora, ainda que vámas de pois de Perón, não mais vivemos desafiadamente», garantiu-me um dos «barman» do Hotel Regidor, de Buenos Aires.

«Homem! Aquilo é que era um político! Quando falava levantava toda uma nação!...» dizia-me Oscar Lupo empregado dos escritórios de uma grande editoria argentina.

Não é difícil ouvir falar assim do homem mais dis-

cuto de sempre da política argentina. Basta auscultar as pessoas e deixá-las falar. É o pequeno-burguês que mais admira e deseja o retorno de Perón. Em Portugal houve, passivamente, sebastianismo. Na Argentina há, activamente, peronismo.

POLITICA SOCIAL E TEMPO DE GUERRA — OS GRANDES TRUNFOS DE PERÓN

O auge de Perón foi durante o tempo que durou a II Grande Guerra. Nesse período, a Argentina, embora com industria fraca produziu o suficiente para se transformar em próspero país onde a agropecuária era uma fonte inesgotável de rendimento. Milhares de refugiados emigravam para a Argentina, promovendo uma entrada maciça de divisas.

O dinheiro corria, o país enriquecia. Perón tinha grandes tiradas falando aos seus concidadãos, e anunciava demagogicamente amplas iniciativas sociais. De facto, nada até ali existia que defendesse o argentino trabalhador. Perón consolidava a sua posição com demagogia bem aceite pela grande massa que via no ditador um protetor.

A QUEDA E O QUE VEM DEPOIS

Mas o «homem forte» sem a acatção da classe média liberal, foi arranjar achas para a fogueira que o haveria de queimar quando entra em litígio com os católicos nacionalistas.

Foram os católicos e essa classe média forte e liberal que o derrotaram. Mas Perón deixa o poder em Março, sucedendo-se-lhe Eduardo Leandri, e em Novembro seguinte a Argentina estava de novo a braços com uma nova crise. Desta emergiu como novo chefe do País Pedro Aramburu que até 1958 governaria tentando sempre desperonizar o país, mas com pouco resultado.

Foi neste período que se organizaram os Partidos, inclusivamente o Comunis-

ta e era instaurada a liberdade total de Imprensa, Rádio e TV.

O AVISO (PERONISTA) DE 1962

Durante todos estes anos, Perón continuou seguindo a evolução dos acontecimentos no seu país, mexendo os cordelinhos que efectivam a força e o poder que lhe garantem o direito de, no exílio e preterido, continuar a ter importância decisiva na política do seu país, mesmo depois dos esforços de Aramburu em desperonizar a Argentina.

E foi em 1962 que se deu o grande aviso peronista, aviso de uma força real, lembrando aos políticos que Perón continuava a existir e deixara raízes. Nesse ano, no mês de Março, os peronistas ganharam de forma esmagadora as eleições para o Governo na provincia de Buenos Aires, a maior e a mais rica da Argentina. Espanto em certos círculos latino-americanos, admiração no Mundo. Em Madrid, nem forte deve ter sorriso-

ALGURES NO MUNDO

um repórter do «Diário de Lisboa»

Joaquim Letria

ta e era instaurada a liberdade total de Imprensa, Rádio e TV.

Em 1958, Frondizi ganha as eleições para presidente depois de negociações com Perón no estrangeiro das quais lhe advieram o apoio total dos peronistas.

Para estas eleições três grandes partidos tiveram força: o Radical, que se subdividia em dois ramos — o nacionalista e o liberal; o Conservador e o Socialista.

Desde que tomou posse até Abril de 1962, Frondizi, que era um radical nacionalista, «mudou de bandeira», fazendo uma política que desgostou não só

sózinho e dado gargalhada nessa altura, um certo ho-

das nos braços dos seus lugares-tenentes. O fantasma de Perón continuava bem vivo na Argentina.

Frondizi já não tem apoio. As alterações que introduziram na sua política e a falta de apoio do exército (muito antiperonista) haviam-no deixado sem bases.

OS MILITARES ATENTOS COM O PODER NA MIRA

José Maria Guido segue-se a Frondizi como presidente provisório. Nas elei-

ções de 1963, Arturo Illia, um radical liberal ganha, tendo os peronistas votado em branco mocicamente.

No mandato (interrompido, como veremos mais adiante) de Illia, os argentinos beneficiariam duma política amplamente liberal, com profundo respeito pelas liberdades individuais e pelos direitos humanos.

Desde que subira ao Poder que Illia era alvo de forte pressão do sector das forças armadas, com os militares à espreita do momento oportuno para subirem ao Poder.

Um escândalo levantado com um contrato petrolífero concedido por Illia foi o «leit motiv». Golpe militar e Illia cai. Os militares estavam finalmente no Poder. Isto foi em Julho de 1966. Mais de dez anos depois de Perón ter abandonado a Argentina.

A ARGENTINA DE ONGANIA

Hoje, vive-se na Argentina de Juan Carlos Onganía. Este é o homem que dizia há dias aos seus concidadãos que se «está longe dos tempos políticos».

Onganía disse logo quando da sua entrada para o Governo que tencionava ficar no Poder 10 anos. Recentemente, ainda durante a minha estadia na Argentina, afirmou que «deixarei o Governo em 1976». Faltam portanto sete anos de Onganía, se entretanto nada se passar pelo meio.

Aramburu tentou desperonizar a Argentina, o que não conseguiu, nem um pouco. Onganía tem outros processos. E estes têm-se mostrado bem mais eficientes: despolitizar a Argentina.

Neste período que governou desde a queda de Illia, Onganía conseguiu uma coisa que dá um certo prazer aos argentinos e serve amplamente os objectivos do presidente-militar: sustentar a inflação e a subida do custo de vida. Isto veio indubitavelmente, restabelecer o equilíbrio social, mas não é, de maneira nenhuma, sinónimo de desenvolvimento.

Onganía tem conseguido que a sua árvore dê frutos; a pequena burguesia fortalecida economicamente pensa muito menos em termos políticos. A juventude, está céptica, apática e desorientada, mesmo nos meios universitários onde o cansaço psicológico venceu. Os partidos políticos foram desmembrados e actividades comunistas correspondem a um mínimo de seis anos de cadeia. Indivíduos condenados por comunismo

não podem exercer funções como jornalistas, professores, etc. As organizações sindicais são dirigidas por indivíduos que asseguram o perfeito «controlo» do Governo.

Actualmente, neste panorama de destroços políticos, sem vislumbre de perspectivas, um movimento vem dar uma certa esperança aos opositores enfraquecidos — o dos católicos progressistas, que progressivamente têm conquistado terreno, a ponto de muito em breve se poderem considerar na vanguarda da oposição.

A Universidade perdeu a autonomia e professores catedráticos têm sido expulsos.

Não se pode dizer que não haja liberdade de Imprensa, mas uma forte lei de Imprensa limita ao máximo os jornais que acaso não tenham já entrado nos táticos equilíbrios de interesses. Jornais da direita, favoráveis ao Governo podem criticar este. Mas os seus colegas independentes recelam-no fazer. No panorama da Imprensa, o jornalismo de semanário, tipo magazine de actualidades norte-americano ganha uma nova força e está amplamente a ser preferido pelos leitores.

Das quatro estações de TV, uma pertence ao Governo e as outras são inteiramente comerciais. As estações de rádio não oferecem problemas, pois quase todas das 10 existentes em Buenos Aires são oficiais, o que data do tempo de Perón, que as adquiriu gradualmente.

O cinema e o teatro estão agora a queixar-se de forte censura. Mais do que os órgãos de Informação. Esta é a Argentina de Juan Carlos Onganía. A Argentina de hoje. Mesmo assim, neste regime, é difícil para nós, portugueses, poder aquilatar, sem ser «in loco», das regalias que os argentinos não abdicaram e que um Governo forte como este sabe, de antemão, que não convém cercar.

Esta é a Argentina-1969. País imenso onde o tango morreu, onde o «Beat» venceu, e uma juventude traumatizada e céptica desconhece como vai ser o seu amanhã.

Na Espanha, um homem forte, de ombros e rosto largo sorri. Lá longe há outros homens trabalhando para ele e por ele. E vai vivendo bem, naquela rua tranquila de um elegante bairro residencial madrileño, porque o seu fantasma continua vivo, correndo à desfilada pelas pampas deste belo país de economia mista, da América Latina, onde ocupa o segundo lugar em importância.

«Un viejo tango...»

UM FANTASMA CHAMADO PERON

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO SÃO LUÍS E ALVALADE

TÍTULO — «A Semente do Diabo» («Rosemary's Baby» — 1968).

REALIZADOR — Roman Polanski.

INTERPRETES — Mia Farrow, John Cassavets.

Para nós, que passámos ontem o dia a descrever as emoções nocturnas provocadas pelo abalo sísmico, e a descrever em termos de um humor enervado o que se havia vivido em desorientação, e pânico por vezes — para nós, deve ser fácil compreender um dos postulados essenciais de Polanski: o terror e o humor andam muito próximos. O riso tem, como sabemos, uma função cicatrizante. Mas quando o riso extravasa, se excede, se aproxima de um limite que ronda o mal-estar, então atingimos o ponto em que a vertigem se instala no seu trabalho de subversão do real. Polanski balança entre os dois pólos com uma admirável firmeza. Em «Rosemary's Baby», ele alcança certamente a plenitude das suas capacidades expressivas.

Receoso, o público compareceu em número reduzido à estreia de ontem. Parece ter sucedido o mesmo em quase todas as casas de espectáculos. Foi no entanto pena. Porque se trata de um verdadeiro acontecimento, o desta estreia entre nós. A pouco e pouco, começamos a ter acesso ao reino do cinema adulto. Com «Rosemary's Baby», é muito provável que estejamos perante a obra-prima de um grande cineasta dos nossos dias.

Sublinhemos, em primeiro lugar, o carácter estruturado da obra global de Polanski. Os elementos específicos de cada filme passam para outro filme em constelações formalmente idênticas. Contudo, Polanski altera sempre o sentido do dado inicial das suas obras: o desenvolvimento de um ambiente. Daí advém a profunda continuidade entre cada filme e simultaneamente as divergências gritantes que entre eles existem.

Seguiremos uma hipótese psicanalítica de Roman Po-

lanski: ele vive fascinado por certas superfícies planas e homogêneas, de tons neutros (como a água) ou de branco (como a neve). Tais superfícies são fendidas, feridas, o que constitui o eixo de cada filme. O título de um filme anterior é bem significativo: «Uma Faca na Água». Não é difícil ver que essas superfícies brancas ou neutras figuram num princípio maternal.

Ora o que acontece em «Rosemary's Baby» é que esse tipo de superfície branca ou plana se mantém com a cidade de Nova York representando o mundo liso, eficiente, e sem falhas, do capitalismo de organização. E nesse ambiente ultramoderno, feito de conforto e eficácia, preenchido por uma alegria despreocupada e sem reservas, é aí que as bruxas vão irromper como uma agressão camuflada, um escândalo. A superfície quebra-se. E é em torno de um caso de maternidade que o processo se verifica. Maternidade subvertida (do berço creme ao berço negro), maternidade ferida na sua base mais íntima. É talvez por isso que Polanski nos surge tão convincente. Mas há ainda outra razão: este é o seu filme em que nos sentimos mais enraizados numa realidade social, em que as coisas nos tocam e com a mais espontânea naturalidade. So a pouco e pouco vamos descobrindo os fios da conjura.

Contudo, a arte de Polanski consiste em tornar inquietantes (pela sua precisão, pela sua significação) os gestos, os olhares, as próprias imagens dos rostos. As personagens, vulgares, quotidianas, quase grotescas, são no entanto movidas por um desequilíbrio qualquer que as torna imediatamente perturbantes. E os sintomas concentram-se para nos provar que tudo está desde sempre minado por um projecto diabólico.

Segundo o modelo kafkiano, é no abuso da precisão que Polanski encontra o mecanismo que provoca os efeitos de irrealidade. Lentamente, o quotidiano desmorona-se e com ele a aparente racionalidade das coisas. Rosemary está envolvida numa teia que a conduzirá ou à submissão ou à loucura. Como muito bem nota Jean-Louis Comolli, não é a feitiçaria que aterroriza Polanski, mas a loucura. É a sequência final vem provar-nos que a aceitação da feitiçaria pode ser o reencontro com a magoada alegria da maternidade (ouçasse a canção). Compromisso desagradável, e contudo tranquilizante. Alguma coisa se salvou: a ternura de Rosemary por algo que supomos ser uma criança. A feitiçaria, essa, vive dentro de nós, é o sorriso generoso do Lobo, o melhor vizinho. Uma feitiçaria lacusturada no mais completo sistema de bem-estar e prosperidade. Uma sociedade corrompida na futilidade da sua vida tranquila: nela a feitiçaria, com as suas vítimas, conjuras e miasas negras. Mas tudo isso é preferível à loucura. Porque essa destrói. A feitiçaria, pelo seu lado, permite o acordo e a sobrevivência.

Muito haveria para dizer sobre esta obra modelar. Satisficemos apenas que Mia Farrow é comovente de simpatia, beleza e talento. E que John Cassavets compõe uma curiosa figura. Todos os restantes intérpretes estão aliás no melhor nível.

Leitor: Rosemary's Baby é um filme duro, é uma transgressão cuidadosamente premeditada. Mas é uma obra tão forte e inteligente que seria lamentável perdê-la.

EDUARDO PRADO COELHO

AUMENTE A RAPIDEZ

DOS SEUS TRABALHOS AGRÍCOLAS

A eficiência do seu tractor depende, também, dos pneus que utiliza. Eles devem aproveitar integralmente a força do motor.

Os pneus MABOR para tractor garantem-lhe essa qualidade. Para tracção permanente, com qualquer alfaia. Para facilidade de reboque de atrelados.

Porquê?

Porque têm carcaça robusta e fortes barras de piso. Desenho estudado para maior eficiência em todas as tarefas. A sua alta resistência assegura, também, maior número de horas de trabalho... e mais recauchutagens.

Com pneus MABOR a duração de cada trabalho agrícola é sensivelmente reduzida.

E o seu tractor dá-lhe maior lucro.



Confie nos pneus

TRACTOR* MABOR



REALMENTE ADEQUADOS À LAVOURA PORTUGUESA

* Para que obtenha maior rendimento dos pneus do seu tractor, a MABOR preparou um folheto de conselhos técnicos. Peça-o ao seu Agente MABOR.

TRINDADE

— F.N.T. —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
o T.N.P., subs. pelo Fundo
do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

O FORNO

BAR • BOITE
SESEMBRA
M/17 20.00

CINEMA NO

COLISEU

Hoje, às 16 e às 21 e 15
(Maiores de 12 anos)

Os filmes:

«BAILARINA»

de Walt Disney

o

«O PRÍNCIPE

AVENTUREIRO»

Amanhã, à tarde e à noite

o mesmo programa

VASCO MORGADO apresenta

TEATRO VILLARET

ADULTOS

EM 3.º MÊS DE ÊXITO POPULAR

A PREGUIÇA

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.

Amanhã: «Matinée» às 16 horas

Noite: uma sessão, às 21.45 h.

2.ª-FEIRA: não há espectáculos

com

RAUL SOLNADO

(Uma comédia que todas as noites é aplaudida)



FERNANDA BORSATTI (a mãe)
ALINA VAZ (a mulher)
MARIO JACQUES (Relações humanas)
ANTÓNIO MONTESZ (o colega)
DAVID SILVA (o pai)



(e... o preguiçoso)

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

VASCO MORGADO apresenta

UM GRANDE ÊXITO POPULAR

O JOVEM

MENTIROSO

Teatro
LAURA ALVES

às 20.45 e 23 h. (Adultos)

Amanhã «Matinée» às 16 horas

UM ELENCO DE CONSAGRADOS
E JOVENS LADO A LADO

HOJE «Matinée»
às 16 h.
INAUGURAÇÃO
DA TEMPORADA
CINEMATOGRAFICA NO
COLISEU



UM ESPECTACULO
DE EXTRAORDINARIA
BELEZA E ENCANTO!



com Kirsten Simonsen, Henning Kronstam, Poul Reichhardt,
Astrid Vallaume, Die Wegener, Jennifer Agutter
e com Mette Henningsen
Produção ROBERT WESTERBY, CASEY RODINSON
Direção de Arte BILL ANDERSON, PETER V. HERALD
e NORMAN CAMPBELL

No programa: o filme
«O PRINCIPE GUERREIRO»
— uma vibrante
epopeia de aventura

«MARIA PEREIRA E O SEU ESPECTÁCULO» NO BARREIRO

Maria Pereira actua no Teatro-Cine Barreirense, na sala e no palco, com o louvável objectivo de contribuir para a divulgação da música portuguesa.

Na primeira parte do «show» foi exibido um excelente filme a cores em que a artista Maria Pereira é a figura central, enquanto a sua volta, em coreografia geral,



Cliff Robertson
candidato a «Oscar»
da Academia

O actor Cliff Robertson foi oficialmente escolhido como candidato ao «Oscar» da Academia Americana pelo seu trabalho no filme de Ralph Nelson, «Charly», em que contracenava com Claire Bloom e cuja estreia em Lisboa está prevista ainda para esta temporada.

Além, o próprio filme incluído também entre os que vão disputar o maior e mais prestigiado troféu cinematográfico do mundo, colocando-o no mesmo nível de «Tomon» e «Julietta», «As Sinfonias do Pescador», «O Verão», «Rosemary's Baby», «A Raposa», «Bona Sera, Mrs. Campbell», «Ok, Menus, as Tens e os Nossos», «Elmira», «O Chitry», «Bang Bang», «Charly» na maioria significativamente representada no Festival de Cannes no Festival Internacional de Berlim, em 1968. Apesar dos seus muitos anos de experiência nos «palcos» de Hollywood, é a primeira vez que Cliff Robertson se distingue pela sua interpretação, que, entre os da maior responsabilidade repunha de memorável e inesquecível.

da, desfilam, ao compasso de belas canções, a paisagem verdejante de longínquos horizontes da região ribatejana e as suas mais típicas personagens — os camponeses nos seus garbosos cavalos em tropel na condução do gado — e os mais típicos recantos dos bairros populares de Lisboa.

A película, uma feliz interpretação de Damasceno Covão, foi realizada por João Mendes e Vasconcelos Couto, tem uma série de canções interpretadas por Maria Pereira, com músicas de Frederico Valério e Fernando Carvalhal, e letras de José Galhardo, Aníbal Nazaré, Nelson de Barros, Jerónimo Bragança e Hermínio Correia. A assistência musical esteve a cargo de Eduardo Loureiro, os figurinos são da autoria de Pina de Campos, e o responsável pela fotografia de alto nível artístico, é Mário Moreira.

A segunda parte do programa foi inteiramente preenchida por Maria Pereira e o seu conjunto, dirigido por Jorge Machado e constituído por S. Agostinho, Artur Machado, Amândio Filgueiredo, Francisco Carvalhal, Adelino dos Santos e Francisco Peres, interpretando, com o pleno agrado do público que enche a sala, fados e canções valorizadas pela riqueza da guardanapo e pelos efeitos de luz.

Enfim um espectáculo, que para além do seu nível técnico e espectacular, serve o turismo português — um aplaudido recital de música portuguesa.



Maria José Valério veio ao «Diário de Lisboa» para nos revelar que está de malas feitas para nova digressão: ainda este mês actuará na Televisão espanhola seguindo, depois, por França, Suíça e Itália, no cumprimento de contratos firmados por intermédio do agente artístico Artur Pereira. Em Novembro, Maria José Valério voltará aos Estados Unidos e Canadá: início de uma temporada que se prolongará pela Venezuela (aqui, pela mão de René Ottolina).

«NOITE DE VERÃO» ACABA NO DOMINGO NO TEATRO ESTÚDIO

Termina amanhã, depois de três meses de permanência no cartaz, a peça «Noite de Verão», do dramaturgo inglês Ted Willis. Trata-se de uma obra que, pelo seu tema controverso tem provocado as mais violentas polémicas.

«Todos dizem que isso — a questão racial — não tem importância. Mas nós sabemos que não é bem assim...» Esta afirmação de uma das personagens de «Noite de Verão» revela-nos o que nos parece ser fundamental nesta obra de Ted Willis: como reagiriamos nós, dadas determinadas circunstâncias, a um problema em que fossemos obrigados a declarar honestamente os nossos credos mais secretos? Já que a ausência de racismo (ou de sectarismo ou de partidarismo de cá), tal como a caridade, deve principiar na nossa própria casa, Ted Willis obriga-nos a enfrentar várias perguntas pertinentes e a responder-lhes sem evasivas ou rodeios.

Jorge de Sousa Costa, Vasco de Lima Couto, Helena Félix (recentemente galardoada com o Prémio da Imprensa para a melhor actriz de Teatro, Decanado de 1968), Joaquim Rosa, Fernanda Alves, Gracia Lobo e o estreante Franco Spencer são os intérpretes deste espectáculo, em que o riso e as lágrimas se dão as mãos para nos apresentarem, com a maior objectividade, um problema de grande interesse.

«Noite de Verão» termina, como dissemos, a sua carreira no próximo domingo. A seguir, a Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa apresentará uma nova peça de Luzia Maria Martins: «Anatomia de uma História de Amor», cuja estreia está a ser aguardada com o maior interesse.

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Maurice Ronet e Michel Bouquet, que rodaram actualmente «A mulher infiel», de Claude Chabrol, serão os principais intérpretes do filme «O último salto», cujas rodagens começam no princípio do ano. O argumento, inspirado no romance de Bartholomé Benassar, «O baptismo do morto», foi adaptado por Antoine Blondin e Jean Rivary.

TEATRO PARA CRIANÇAS

Proseguem os espectáculos de iniciativa municipal dedicados às crianças de Lisboa, com representações nos bairros populares. O desta semana está marcado para hoje, às 15 horas, no salão de festas do Bairro das Furnas, Actua, a companhia dirigida por Rosa Mateus, com a peça infantil «Era uma vez uma princesinha».

tado por Antoine Blondin e Jean Rivary.

■ O problema do abandono dos campos é o tema do filme «O Céu Sobre Nós», que o jovem realizador Elia Guilloit começa a rodar ainda este mês.

■ Depois do sequestro em Itália do filme «Teorema», de Pasolini, foi proibido «Partner», de Bernardo Bertolucci, e decidiu-se que os menores de dezoito anos não podem assistir à projecção de «Galileo», de Liliana Cavani.

CAPITÓLIO

(M. 17 anos) Tel. 370379
HOJE ÀS 21.45 H.
em últimas representações
o filme de S. Mrozek
«TANGO»

A seguir: O original português de Jaime Salazar Sem-polo, «OS VISIGODOS».

«A PREGUIÇA» — êxito no Villaret

Há uma coisa que antecede a rebeldia: a saturação. É entre ambas que Talesnik situa «A Preguiça». E, deste modo, a preguiça com carta de cidadania aparece como uma forma original de liberdade individual. O autor, olhando a sua volta, descobre o tédio, entende-o como protesto e chama-lhe «preguiça».

Comédia para rir e para pensar, «A Preguiça», de Talesnik — autor de grandes êxitos da América do Sul —, será, hoje, em duas sessões, às 21 e às 23 horas, apresentado por Vasco Morgado, no Teatro Villaret, com Raúl Solnado, Fernanda Borsatto, Alina Vaz, Mário Jacques, António Montez e David Silva.

«A Preguiça», que tem direcção de Maria Helena Matos e cenários de Paulo Guilherme, vai-se tornando dia a dia um êxito popular.

Aos domingos, «matinées» às 16 horas e uma sessão nocturna, às 21 e 23.

ballo MONUMENTAL

TEL. 555133 (ADULTOS)
HOJE
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
UM ESPECTÁCULO de
VASCO MORGADO
UMA FARSA
DE GARGALHADA



com desempenho notável de
CAMILO D'OLIVEIRA
FLORBELA QUEIRÓS

nos protagonistas
CARLOS COELHO
CARMEN MENDES
YOLA * LINDA SILVA
ALDA PINTO
ALICE GARCIA

encenação de
SANTOS CARVALHO
maqueta de Lucio Estrela Santos
Amanhã à noite às 21.45 h.

A seguir:
a revista «RI-TE, RI-TE»
dos Parodiantes (Adultos)

CASA da COMEDIA
R. S. Francisco Barja, 22
T. 672299
HOJE, às 22 h.
A CAIXA DE PANDORA
de Fernando Amado
(M. 12 anos)
subs. pelo Fundo de Teatro

ABC
ELAS É QUE SABEM
HOJE, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

Pensão Monumental
(Restauradores)
Magníficos apetrechos,
Serviço de bom hotel,
Rua da Glória, 21
Tel. P. P. C. 36 98 07.



HIPPIES

COMUNICADO

COMUNICAMOS AS NOSSAS CLIENTES E PÚBLICO EM GERAL QUE FECHAMOS NO FIM DO CORRENTE MÊS A HIPPIES-I, NO DRUGSTORE DA AV. DA LIBERDADE, ANUNCIANDO BREVEMENTE, COM UMA AGRAVAVEL SURPRESA A SUA REABERTURA NOUTRO LOCAL.

ATÉ ESTA DATA CONTINUAMOS A ESPERAR-LOS NAS

HIPPIES II — R. RODRIGO DA FONSECA, 82-A
HIPPIES III — AV. RESSANO GARCIA, 34-D

• SÓ HOJE E AMANHÃ, no Maria Vitória •

2 últimos dias da famosa revista

GRANDE POETA É O ZÉ!...

Despedida de um enorme êxito, com os populares artistas:

- SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA
- MAX • ANITA GUERREIRO • DORA LEAL
- VÍTOR MENDES
- e da notável atrocção • MAY AVRIL

• Amanhã, última «matinée» às 16 horas •

• 3.ª-FEIRA, 4-ESTREIA
no TEATRO SÁ DA
BANDEIRA, do PORTO

Às 20.45 e 23 h.

«Prémio de Imprensa»
- 1968 - como
«A melhor revista do ano»



JOSÉ VIANA
no
«Cafedratice»

IMPOSSIBILIDADE DO AUMENTO DO PREÇO DAS RENDAS DE CASA

(Continuação da 3.ª página)

sa de banho a qual, considerada — ainda hoje — como um elemento de «luxo» serve para a fixação dum maior aumento quinquenal.

Também o argumento de que, a possibilidade de aumento quinquenal do preço das rendas se reflectiria num aumento da construção de habitações, é falso.

As estatísticas o demonstram! Efectivamente, vejamos o que a esse respeito nos dizem as estatísticas oficiais — Bol. do Inst. Nac. de Estatística, referente a Novembro de 1968:

— ano de 1965: casas para habitação construídas em todo o continente 114; destas foram construídas — em Lisboa, 26; no Porto, 44; total, 70 ou seja mais de 60%, construídas, precisamente, nas duas únicas localidades não sujeitas ao aumento quinquenal das rendas das casas para habitação.

E, não se diga tratar-se dum facto esporádico, pois, todos os números estatísticos o referem.

Por exemplo: — ano de 1967: casas para habitação construídas em todo o continente, 150, das quais foram construídas — em Lisboa, 61; no Porto, 43; total 104, o que representa 70% e mostra não ser o número de casas construídas para habitação impulsionado pela possibilidade do aumento quinquenal do preço das rendas.

II

Analisemos os outros aspectos resultantes dos argumentos apresentados — justifica-se a isenção do regime de avaliações em Lisboa e Porto, ou é aconselhável económica, política, e socialmente — que se revogue essa isenção?

Sob os mesmos pontos de vista, poder-se-á sustentar ser possível às famílias arrendatárias, suporta-

rem mais um agravamento de preços, e o mais brutal de todos, o das rendas de casa?

Será aconselhável, sob esses mesmos aspectos, manter o regime actual, ou a isenção deve estender-se a todo o País?

Consultemos as estatísticas oficiais, para o que volto a dar a palavra ao referido Bol. do Inst. Nacional de Estat.

Vejamos:

ÍNDICE DO PREÇO DE HABITAÇÃO

	Nov. 1961	Nov. 1968
Lisboa	199.2	264.1
Porto	137.3	174.9

É de notar que o maior aumento do preço das rendas se processa, precisamente na casa que interessa à grande massa dos arrendatários, isto é — aos de economia mais débil.

Efectivamente, se tomarmos como elemento de apreciação a casa de tipo mais baixo, ou seja a de «menor» número de divisões — «até 4 divisões» — verifica-se que esse aumento foi de:

	Nov. 1961	Nov. 1968
Lisboa	271.6	380.2
Porto	147.2	202.1

A propósito do preço das rendas de casa de habitação em Lisboa, não deixa de ser curioso o resultado da análise que nos faculta a Assoc. Lisbonense de Proprietários através dos quadros que publica no número de Janeiro último da sua revista «A Propriedade Urbana», quadros esses transcritos dum célebre parecer de triste história.

Esses números, mais que as estatísticas oficiais, nos mostram quando em Lisboa têm subido as rendas das casas de habitação e quanto essa subida tem de especulativa.

Repare-se:

Períodos de celebração dos contratos	N.º de contratos celebrados	Rendas até 500\$ mensais		Rendas mensais de 1000\$, e superiores	
		Número de contratos celebrados	Porcentagem	N.º de contratos celebrados	Porcentagem
1943 a 1948	11 570	8 529	73.7%	3 041	26.2%
1954 a 1958	25 519	6 114	23.9%	19 405	76.1%
1963 a 1965	28 263	4 956	17.5%	23 307	82.4%

Vê-se, assim, que num período de 22 anos as rendas de 500\$00 e inferiores «descem» de 73.7% dos contratos celebrados para 17.5%; que as rendas de 1000\$00 e superiores, «sobem» de 26.2% do total dos contratos celebrados para 82.4%!!!

Ainda outra curiosa «conclusão» se tira desses quadros: a de que a tão «chorada», «falada» e «reclamada» percentagem de rendas baixas em Lisboa é mais teórica que real e que é infundadamente que ela serve de base ao aspecto sentimental do pretendido aumento do preço das rendas e como justificação deste.

Na verdade, num total de 154 050 arrendamentos com data conhecida, incluindo os de há mais de 20 anos — (os números foram primitivamente publicados em 1967) — celebrados em Lisboa, até 1942 e posteriormente a este ano até 1965, somente 9372 deles, ou seja, uns escassos 6% são de rendas até 100\$00 mensais.

E, desses 9372 arrendamentos 7541 são arrendamentos celebrados até 1942, isto é, referem-se e incidem sobre propriedade envelhecida e desactualizada.

Mas, não é, somente, o elevado e exagerado preço das rendas de casa que, esgotando os magros orçamentos familiares, contra-indica qualquer aumento desses preços.

O constante e vertiginoso aumento de todos os preços do chamado «custo de vida» — que se não evita só com medidas de repressão, mas exige a supressão de toda a enorme legião de «intermediários» entre o produtor e o consumidor — frente às parcas receitas dos orçamentos familiares, tornam — absolutamente — proibitiva toda e qualquer ideia do aumento dos preços das rendas.

As estatísticas o demonstram:

ÍNDICE DOS PREÇOS NO CONSUMIDOR

	Nov. 1961	Nov. 1968
Lisboa	115.0	154.5
Porto	112.3	154.0

Deste índice geral analisemos, em separado, as duas outras verbas que mais oneram os orçamentos das famílias consumidoras, e maior influência têm na formação do total — a alimentação, vestuário e calçado — e vejamos como uma e outra não cessam de aumentar:

ALIMENTAÇÃO

	Nov. 1961	Nov. 1968
Lisboa	115.0	154.5
Porto	112.3	154.0

VESTUÁRIO E CALÇADO

	Nov. 1961	Nov. 1968
Lisboa	108.3	122.9
Porto	97.3	104.2

Vejamos, de seguida, o que se passa no domínio dos salários.

Não fornece o mesmo boletim — ou outros — elementos donde seja possível tirar uma conclusão útil, uma vez que só são referidos os salários médios de algumas das profissões manuais, e a massa dos consumidores é constituída por estas e também por todas as outras.

Vou, porém, socorrer-me — com a devida venia — dos imparciais e precisos números apresentados pela dr.ª Odete de Carvalho no seu belo estudo «A Repartição pessoal do rendimento em Portugal» publicado no n.º 19—Vol V-1967 da «Rev. Análise Social» do Gab. Inv. Sociais do Inst. Sup. Ciências Econ. e Fin.

Al se lê: em 1962 em relação ao total dos trabalhadores por conta de outrem — incluindo, portanto, os funcionários públicos — 85.2% ganhavam menos de 15 contos anuais, ou seja 1250\$00 por mês.

Em 1964, cerca de 92.5% dos trabalhadores por conta de outrem, recebiam menos de 18 contos anuais, ou seja 1500\$00 mensais.

Os salários dos não especializados dos sectores não agrícolas considerados na recolha de Janeiro de 1965 são, em média de 36\$00 diários, o que corresponde, por ano a 11 contos.

Desses trabalhadores não especializados, 42% ganham menos de 35\$00 diários, e deles 76% são mulheres.

Segundo esse mesmo estudo, a taxa de lucro, das sociedades de construção, segundo a amostra dos balanços, depois de deduzidos os impostos, é de 23.2%, sendo a percentagem em relação das sociedades, segundo a Est. das Soc., de — 162.6%!!!

Vê-se, pois, que a situação da classe «pagante» é tal, que, só por inconsciência e insensibilidade se poderá falar em «avaliações» para

aumento dos preços das rendas, na supressão da isenção delas quanto a Lisboa e Porto.

Concluir dos números apresentados, com imparcialidade e lealdade — que, em toda a restante parte do continente e Ilhas Adjacentes o aumento quinquenal das rendas é, não só, uma medida antieconómica mas também, anti-social, e «contra» a família, não é difícil.

Como já tem sido dito e redito muitas vezes, é nos concelhos limítrofes das grandes cidades — e em especial das cidades de Lisboa e Porto — que vive a maioria da população que nelas trabalha, funcionando as habitações desses concelhos como mero dormitório dessa população trabalhadora.

Porém, o «custo da vida» é, nelas, igual ao das cidades a que estão ligadas; e, temos, ainda, de atender e de considerar que a esse custo acresce — para essa população — as grandes e pesadas verbas do transporte até à cidade e, ainda, dentro desta, as necessárias à deslocação «para» e «do» local de trabalho.

Assim, tudo quanto se diga contra o aumento do preço das rendas em relação a Lisboa e Porto, e contra a existência das avaliações e o aumento do preço quinquenal das rendas, tem exacta e adequada aplicação às restantes localidades do País.

As estatísticas oficiais só nos dão números quanto ao preço das rendas nas cidades de Lisboa e Porto e, além destas, em relação a Coimbra, Évora, Viseu e Faro.

Tomemos, por conseguinte, estas quatro últimas cidades como elementos de comparação, e embora nem sequer em relação a todas elas haja números referentes a Novembro último.

Mas assim mesmo vejamos o que essas estatísticas demonstram:

ÍNDICE DO PREÇO DA HABITAÇÃO

	Nov. 1961	Agosto 1968
Coimbra	115.0	161.7
Évora	103.8	173.7
Viseu	119.9	171.3 (em Nov. é já de 182.5)
Faro	99.8	230.9

ÍNDICES DOS PREÇOS NO CONSUMIDOR

	Nov. 1961	Nov. 1968
Coimbra	110.6	138.1
Évora	107.2	141.3
Viseu	110.2	144.0
Faro	99.7	148.0

Se deitarmos um olhar, embora rápido para o que o referido Bol. Est. nos diz a respeito dos preços de retalho, observados em 15 de Novembro último, podemos fazer uma ideia do que é a vida das classes consumidoras.

Assim, vejamos: carne... a de carneiro, que é a mais «baratinha» (?) custava, cada quilo 30\$00 em Lisboa, Coimbra e Faro; 34\$00 em Viseu; 40\$00 no Porto, ou tanto como um dia de salário-médio! — leite... cada litro variava entre 3\$40 em Coimbra e 4\$30 em Évora — ovos... os preços mais baixos situavam-se em Viseu e Guarda, cidades em que cada dúzia custava 12\$00, atingindo nas restantes cidades preços entre 17\$30 e 18\$00.

Para fazer face a esse constante e brutal aumento do custo de vida, os orçamentos familiares somente dispõem dos salários e ordenados já atrás referidos, os quais nos mostram que 85.2% dos trabalhadores por conta de outrem — incluindo os funcionários públicos — recebem menos de 15 contos anuais.

Se não olvidarmos que a família média portuguesa se compõe de dois a três adultos e de duas crianças, se não esquecermos que os índices oficiais não tomam em conta despesas indispensáveis que os orçamentos familiares não podem abolir, tais como as de transporte, as de farmácia e de médico, as de educação dos jovens, ficamos habilitados a — sem outras razões que não sejam as da JUSTIÇA SOCIAL — a todos devida — concluir não ser possível a esses orçamentos suportarem mais agravamentos nos preços do custo de vida e menos, ainda no preço das rendas de casa, o maior, e mais grave de todos, o mais difícil de se poder suportar pelas razões que já apresentei.

Os casos sentimentais da propriedade não rentável não podem ser aceites como dados do problema, uma vez que, como já demonstréi, a situação dessa propriedade só encontra resolução com a sua aquisição pelo Estado; mas, se assim o não desejarem, então, deve-se contrapor às queixas dos que alegam terem «pouco» rendimento, as justas reclamações dos que não tendo rendimento nenhum e vivem somente, do seu trabalho e não encontram possibilidades de... «fabricarem mais e maiores lucros» para os outros...

M. ROQUE LAIA

DÁ-ME A HONRA DESTA VALSA?

1 É uma noite como outra noite qualquer. Na mesa de cabeceira o pequeno relógio conta burocraticamente, melancolicamente, o tempo. Tornam-se partículas das minutas no silêncio do quarto. Dois olhos crucificados no tecto aguardam com paciência que o sono venha. Da cidade, lá em baixo, transpiram sinais familiares.

De súbito, um cão uiva. Talvez aquele cão enorme, cantido num palmo de jardim, que costuma vir às grades que delimitam para o cão, ladando a sua raiva de enjaulado sem razão. Outros cães uivam noutros pontos da cidade. Eis aí uma notação das grandes situações dramáticas que os romancistas já abandonaram mas que a realidade teima em utilizar sem rodeios nem vergonhas de modas artísticas. Uiva a realidade, esta noite.

2 A ciência dos animais vai muito adiantada. Percebe isso quando me vejo metido num misturador, completamente indefeso. De súbito, uma grande calma, esta velha sabedoria aprendida diante do inevitável, do stem que vem, do nada valer a pena. As palavras estão certas dentro da cabeça. Um abalo, um tremor de terra, um sismo. Evito pensar «terramotos», por tática. A palavra «terramotos» está grávida de todos os terrores acumulados desde a infância: «Um pavoroso terramoto destruiu a cidade de Lisboa. Foi então que o Marquês de Pombal disse: cuidar dos vivos e enterrar os mortos».

Etc. Sismo é mais científico, mais impessoal, mais alheio a escombros com recheio humano. Toca-nos no cérebro, não na carne, não na alma, não no pressentimento. Só o que toca no pressentimento é que verdadeiramente dói.

3 O sismo eterniza-se. Há um demónio metido na paz doméstica. Parte, em cacetadas perfectas, pratos e casti-

ças. Despega com fragor os candeeiros do tecto. Uma porcelana valiosa estilhaça-se para nunca mais. Pois sim, que tudo vá, que tudo siga o seu destino de coisa breve, nada tem dono!

Levantamo-nos para ter a sensação de aqui. Talvez isto me dê uma reportagem: neste mundo ou no outro. Os olhos brancos ou os pequenos azougados demónios apregoam a minha GRANDE REPORTAGEM DO TERRAMOTO QUE

Derretamos o resto. Aproximamo-nos da janela. Através da névoa, os prédios do outro lado da rua batam. Esfrego os olhos. Bafejo os vidros, esfrego-os com a manga do pijama. Os prédios em frente saltam como torresmos na frigideira. Torcem-se, contorcem-se, tudo existe como que projectado num espelho convexo, tudo muda de forma, de volume, as janelas duplicam-se, o arame que vibra torna-se barrigudo como um fuso que se recusa a voltar à forma que usa. Durante longos minutos, as esquinas perderam o vício da verticalidade: escorrem, de alto a baixo, vertiginosamente, relâmpagos de aresta. As cores esbatem-se até perderem noção de si próprias, esmagadas em cinzento que a noite, de luzes apagadas, sublinha. As horas passam, os meus braços, esquecidos de sua humanidade, aprendem que nada podem fazer, negam-se como braços!

4 Depois, a ciência retomará, também ela, os seus direitos legítimos. Depois, a ciência, que nenhum pressentimento suborna, dirá que o sismo não durou mais de 70 segundos. Finjo que acredito. Guardarei para mim o segredo de ter ballado, durante a eternidade, a mais fantástica das valsas com os prédios da cidade. Os prédios que regressaram agora à virtude matacódica das suas verticalidades.

MARIO CASTRIM



Foi das águas-furtadas do bloco central do Hospital de São José (antigo Convento de Santo António-o-Novo) que os doentes foram evacuados.

Já estão instalados os 237 doentes transferidos do Hospital de S. José

Volto a normalidade ao Hospital de S. José. Esta manhã não se observava já ali o menor sinal da intensa actividade que, ontem à tarde, provocou a transferência dos trezentos e setenta e sete doentes para outros hospitais ou para as suas residências.

Foi no Hospital do Rego que ficou instalado o maior número de enfermos, e ainda que se não possa determinar, exactamente, o quantitativo dos internados transferidos, para cada hospital, as adaptações impostas pela necessidade de instalar os doentes noutras enfermarias e pavilhões impôs um movimento de cerca de novecentas camas.

Cerca das 23 e 30, hora a que saiu o último doente de S. José, ficaram concluídas as operações. Entretanto só cerca das três da madrugada é que o pessoal do Exército que se desempenhou das tarefas de transferência deu por concluída a sua missão. Em viaturas militares foram transportados para suas casas os enfermos a quem foi dada alta, não forçada, mas — segundo nos informaram no Hospital — apenas porque para os mesmos não existia qualquer risco em continuarem os seus tratamentos em casa. Em alguns casos — segundo o mesmo informador — tratava-se de doentes que abandonariam as enfermarias dentro de dois ou três dias.

E salienta-se que as viaturas militares levaram muitos doentes para as localidades onde residem, algumas delas a muitos quilómetros de Lisboa, como Santarém, Runa, Alenquer e Santiago do Cacém.

Adiante-se que a transferência foi consideravelmente facilitada pelo facto da mesma estar já prevista para se efectuar dentro de três meses, visto ter-se já reconhecido não obedecerem ao mínimo de condições exigíveis as salas onde se encontravam instalados os serviços cujos internados foram agora transferidos. Isto até porque os serviços de fracturas e ortopedia vão em breve funcio-

nar na antiga maternidade Magalhães Coutinho, logo que se concluíam as obras de adaptação que ali se estão a efectuar.

No que respeita ao futuro das alas agora abandonadas, já de há muito estão traçados os planos para a sua conveniente reparação e modernização. O sismo, que ontem abalou o País, terá contudo posto em relevo a urgência da sua execução. Na sua visita ao Hospital o ministro da Saúde pôde inteirar-se desse facto e a resolução do assunto parece estar a ser encarada com o maior interesse pelos titulares das pastas da Saúde e Assistência e das Obras Públicas.

A COMOÇÃO PROVOCADA PELO TREMOR DE TERRA CAUSOU A MORTE DE DEZ PESSOAS

O abalo sísmico da madrugada de ontem não causou unicamente a morte do sr. João Gregório dos Reis, locatário de uma casa de Lagos, que, como noticiámos, ruiu.

A comoção também matou — e, assim, temos hoje conhecimento de mais dez mortos que ocorreram em consequência do assustador fenómeno.

● «Vou morrer» — últimas palavras de um antigo cônsul francês

Uma das pessoas que pereceram em consequência da comoção foi o sr. Jean Pierre Menjuzan, subdito francês, antigo cônsul do seu país em Lisboa, onde residia há longos anos, e que, presentemente, se dedicava à exportação de conservas.

A forte emoção sentida avolumou-lhe uma pequena deficiência cardíaca de que sofria há pouco tempo. Um acesso de tosse foi o primeiro sinal do desenlace. Sentando-se num sofá, disse para a criada:

— Vou morrer.

A mulher, sr.^a D. Maria do Carmo Medeiros Menjuzan, penosa e esforçadamente, tentou reanimá-lo. Entretanto, a criada tinha ido chamar um médico — mas a campainha do clínico, devido à falta da energia eléctrica, não funcionava.

Quando, minutos mais tarde, chegaram dois médicos, o sr. Jean Pierre Menjuzan já tinha morrido.

O extinto, que foi esta manhã a enterrar no cemitério do Alto de São João (talhão dos Antigos Combatentes), tinha a condecoração da Cruz de Guerra e a Medalha Militar da França, pelo seu comportamento na I Grande Guerra.

● Caiu da cama

Logo após o sismo, foi acometido de ataque cardíaco, que o vitimou, o sr. António Arraiano, de 71 anos, industrial, morador na Avenida Almirante Reis.

O septuagenário, que caíra da cama com a violência do abalo, pôde, ainda, levantar-se e dar uns passos no corredor.

O coração falhou-lhe quando atingiu a porta que comunicava com a rua.

● Vivo em casa, morto no hospital

No Hospital de S. José, faleceu, horas depois de ter sido dada entrada, o sr. José António Mourão, de 74 anos, pedreiro, residente na Praceta Marquês de Castelo Novo, na Amadora, que, na residência, na altura do sismo, foi acometido de congestão cerebral, após ter dado uma queda.

● Outros síncope

Síncope vitimaram, ainda, os srs. Joaquim Miguel Patrio, de 70 anos, residente em Miragaia, Pizio, Pinhel; D. Clementina Rosa Dias, de 64 anos, moradora no Largo Luís de Camões, no Barreiro; Francisco das Neves, de 45 anos, agricultor, que se encontrava no leito com uma perna fracturada, e se afogou por não poder fugir; Custódio José Pinto, de 50 anos, residente no Monte das Gaviões, Montemor-o-Novo; e Lino Lopes, de 3 anos, morador em Cabrela, também daquele concelho.

Vitimados por colapsos cardíacos, relacionados com o tremor de terra, faleceram, também, os srs. tenente Henrique Carvalhal da Silva, e o dr. Mota Velga, de mais de 80 anos, residentes em Lisboa.

Chuvas torrenciais em Marrocos poderão provocar mais vítimas

RABAT, 1 — (F. P.) — De pois do abalo de terra que na noite de quinta para sexta-feira sacudiu a quase totalidade do território marroquino, causando dois mortos e oito feridos em Sale, as chuvas torrenciais em todo o país ameaçam fazer mais vítimas.

Com efeito, engrossadas pelas chuvas, vários cursos de água inundaram ontem várias cidades e aldeias. Na região de Doukkala, a 120 quilómetros ao sul de Casablanca, campos cultivados foram prejudicados por desabamentos e desprendimentos de terras. Três aldeias ficaram submersas. Em Sale, o rio Bouregreg que também passa por Rabat, fez ruir um edifício, cujos locatários tinham sido evacuados. Em Kenitra, estradas foram cortadas e há 100 000 hectares de culturas diversas sob as águas. A 120 quilómetros a nordeste de Rabat, 39 casas foram levadas pela torrente. Aldeias da região encontram-se isoladas. No Médio Atlas, 85 casas estão submersas. Não há notícia de vítimas entre as 200 famílias evacuadas.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café «Correio da Sabão Faria, 18-A.

ora diga-nos...

— Como reagiu ao sismo?

Aquilo era como se o mundo fosse acabar. Parecia a terra num vórtice. Tudo tremia. Até as pessoas, agarradas o seu medo de perder a vida.

— Por acaso reagiu bem — disse-nos o sr. Rui Manuel Domingues, de 22 anos, gráfico. — Acordei com o barulho, mas consegui dominar-me, de modo a tranquilizar os

cenários. «foi uma coisa sem explicação».

— Estava a deitado e acordei um bocadinho antes daquele barulho todo, porque o meu filho mais novo tinha começado a chorar. Depois veio a confusão, fiquei ali com a mulher, a sogra e os filhos, tudo muito calado. Só eu é que dizia: — não há outra hipótese: é um terramoto. As garrafas — umas garrafas de champagne — começaram a dançar e

houve, assim, uns estragos.

— Teve medo, naturalmente...

— Claro que tive. E só não saí pela porta fora por estar acompanhado...



meus pais, especialmente o pai que é doente do coração.

— E medo, sr. Domingues?

— Claro que tive. A calma é que me valeu.



● Para o sr. Joaquim da Silva, de 36 anos, mar-



● A sr.^a D. Inácia da Conceição, de 56 anos, residente na Rua Castilho, preferiu gritar.

— O meu marido tinha ido à casa de banho. No regresso começou o tremor de terra. Ficámos atropalhados e desalmos a gritar.

«Se o sismo durasse o dobro teríamos ido para o fundo»

—opinião do 3.º piloto do «Manuel Alfredo» que navegava na zona do epicentro

Aqueles que estiveram mais perto do epicentro do sismo que ontem de madrugada sacudiu Portugal foram os passageiros do «Manuel Alfredo», que a uma hora e quarenta e três minutos (hora de bordo, ou seja, 3 e 41 de Lisboa) vogava na latitude de 37º 16' Norte e a longitude de 11º Oeste — enquanto o epicentro do tremor de terra se situou precisamente no sítio em que se cruzam o meridiano 11º 8' e o paralelo 35º 30'. A longitude era, portanto, a mesma, e só a latitude da situação, no momento, do «Manuel Alfredo», era de 1º 48' mais a norte que a do referido epicentro. E, no entanto, ninguém pôs a hipótese de que aquilo tivesse sido um tremor de terra!...

Foi isto o que nos disseram os srs. 3.º piloto sr. João Manuel Cadaval Rocha e 3.º maquinista sr. João António Pereira Chuva, que se encontravam de quarto (de serviço) aquando do abalo telúrico — aquele responsável pela parte de cima do paquete, este pela parte de baixo.

Disse-nos o sr. João Rocha:

—Senti um grande solavanco, seguido de outros, repetidos e semelhantes. Alguns segundos, talvez menos de meio minuto. Pensei logo que tinham sido as máquinas a avariar-se...

Resposta o sr. João Chuva, relatando a sua experiência subterrânea:

—Parecia que estávamos a andar por cima de rochas, que o navio subia escadas! Não recebendo ordens de cima, parei as máquinas, por julgar que encahlhramos... Não sabia onde, mas dava a sensação de que o barco trepidava em cima de lajes! Comunicando as pessoas

das máquinas com as que estavam no tejadilho, souberam estas que não havia avaria e aquelas que não se deram encahlhe — e nasceu, assim, um mistério, que só às 3 e 10 de bordo (5 e 10 de Lisboa) foi desvendado, ao chegar aos ouvidos de alguém a notícia, difundida pelo Rádio Clube Português, de que se registara um sismo! Antes avaria-se a hipótese de que uma das máquinas se imobilizara, sendo arrastada pela outra. Imaginou-se, a seguir, que se houvesse quebrado a pé do hélice... O comandante (de seu nome Joaquim da Silva Oliveira), o imediato e demais tripulação, que, entretanto, se havia erguido e investigavam a situação, puseram todas as hipóteses, que iam, sucessivamente, sendo postas de lado. Nenhum dos tripulantes, nem os mais experientes, tinham jamais sido testemunhas de um tremor de terra no mar, embora de vários na terra, e não souberam fazer a transposição imaginativa...

E o aspecto do mar como era? Responde o piloto por nós auscultado:

—Durante o sismo (que só depois descobrimos que era) ondas desconexas envolveram o barco, submergindo a proa. Era uma água esquisita, ora deite ver, parecia espuma de todo, água castanha e espessa. E logo depois do tremor, o mar ficou picado, com uma ondulação miudinha na crista das ondas, que também não é habitual... Entretanto, e durante horas, vagas anormalmente grandes balançavam o «Manuel Alfredo» — eram ondas diferentes das usuais, mesmo as alterosas. Normalmente, as ondas de través ajudam o balanço do navio, amparam-no e marcam o ritmo da sua marcha. Mas ontem, de madrugada, depois do abalo, as ondas eram escondidas e bruscas, fazendo o navio imobilizar-se momentaneamente no fim de

cada ondulação, antes de voltar para o outro lado, no seu movimento cíclico. Nós, que estamos acostumados aos balanços, mesmo aos mais rijos, contrabalançando-os com movimentos de pernas apropriados, caímos ontem várias vezes no convés, tal a irregularidade e força das vagas.

—E os passageiros, no meio de tudo isso? —Não houve pânico... Alguns ainda estavam a pé, na 1.ª classe, mas a maioria dormia. A princípio, como é natural, gerou-se certo susto, mas todos se convenceram, como nós, que se tratava de qualquer avaria, e voltaram para a cama. Ninguém pensou em tremor de terra.

E mais nada. O navio nada sofreu, está ótimo. E, no entanto, o epicentro estava a uma centena de quilómetros do navio! Se não contávamos com a profundidade do mar: naquela zona, a superfície do mar está a pouco mais de quatro mil metros do solo, e é no solo que se coloca o epicentro de um sismo, intercepção terráquea da perpendicular tirada a partir do hipocentro, que é a posição subterrânea em que o abalo exactamente é originado.

Espere, pelo menos, que, da próxima vez que uma rabanada de vento fizer tombar um mastro do «Manuel Alfredo», não haja um só tripulante que não estremeça, convencido de que se trata de um terramoto...

Sim, porque um susto é um susto. «Se aquilo tem durado mais de um minuto, julgo que o barco tinha muitas possibilidades de sofrer danos sérios, mesmo de ir ao fundo...»

O RESTAURO ARTÍSTICO DOS PAÇOS DO CONCELHO COMEÇA SEGUNDA-FEIRA

• Hoje efectuar-se-ão obras na sala do secretário da presidência do Município

Entre os edifícios danificados pelo tremor de terra, avulta o dos Paços do Concelho.

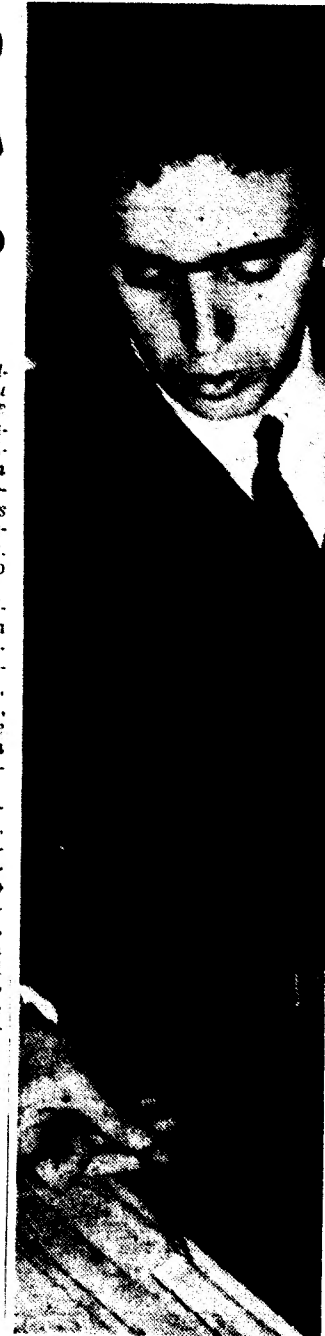
A vibração do sismo abriu fendas na escadaria, no átrio nobre, na sala do secretário da presidência, na sala dos vereadores e no salão nobre.

Na sala do secretário caiu do tecto uma larga placa de estuque, que destruiu parte de um belo lustre de cristal de Baccarat.

Na escadaria, todas as colunas quadrangulares, revestidas de mármore, foram sacudidas pelo sismo. A pedra foi lascada e as juntas dos plintos deram de si. De alto a baixo, há também fendas na sala dos vereadores.

A decoração do salão nobre, com frescos de Neves Junior e de Malhoa, foi igualmente bastante afecta-

O terceiro piloto do «Manuel Alfredo» marca no mapa o local onde o barco se encontrava no momento do sismo



MILHARES DE CONTOS DE PREJUÍZOS

A toda a hora chegam mais notícias de desmoronamentos, acidentes pessoais e consequências nefastas do maior tremor de terra registado nos últimos anos em Portugal.

Um dos principais efeitos devastadores do sismo observou-se no PINHAL NOVO, onde se elevam a cerca de três mil contos os prejuízos causados pelo desmoronamento da fábrica de cerâmica pertencente ao sr. António Pedrosa Amado, Trinta e dois operários, a maior parte dos quais chefes de família, ficaram sem emprego. O desmoronamento do edifício, que se encontrava em laboração há seis anos, ora uma situação praticamente insolucionável, a menos que as entidades oficiais resolvam auxiliar o seu proprietário. Na mesma localidade o sismo causou prejuízos no edifício dos C. T. T., na sede do Grupo Desportivo, onde caiu uma platibanda, no supermercado, onde vários produtos armazenados ficaram destruídos, e no estabelecimento de fotografia de D. Macário Romero, do qual uma das paredes desmoronou-se completamente.

Na TRAFALGA, um bloco de pedra cujo peso se calcula em quinze toneladas, despenhou-se sobre o local onde estão instalados os estufos da firma Lundberg e West, Ltd., causando avarias consideráveis.

Em MELHES (Grandola) registaram-se desmoronamentos de chaminés e vários acidentes pessoais, com consequências graves. No GRADIL abriam fendas o prédio da Casa-Mãe e outros edifícios. Na MOITA DO RIBEIRO quatro móveis tiveram de ser demolidos pelos serviços municipais, em virtude de terem aberto fendas profundas. No concelho de ALENQUEIR várias famílias tiveram de abandonar as suas residências, em virtude do estado em que estas ficaram. Em duas povoações do concelho, Alca e Bairo, quase todas as casas ficaram danificadas. O templo de Santa Quiteria de Alca abriu grandes fendas nas paredes.

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO os prejuízos causados pelo sismo foram avultados. Numerosas casas da vila foram danificadas, e registou-se o desmoronamento de vários toldos e platibandas. Na sede do Lusitano Futebol Clube e do Clube Recreativo Lusitano verificaram-se vários avarias. Uma das platibandas abaladas deste último clube fez cair parte do tecto do restaurante do sr. Grivaldo Rodrigues, destruindo várias dependências.

Em MONTE GORDO, várias casas abriam fendas. O tecto da Igreja Matriz de Castelo ficou muito fendido e, na mesma localidade, muitas dependências de prédios abateram.

Em PORTIMÃO, o tecto de Santa Catarina ficou desmoronado. O bombeiro sr. Fernando da Piedade Castelo foi atingido pelo desmoronamento de um muro, sofrendo fractura de uma vér-

tela, pelo que teve de ser transferido para Lisboa.

Em SANTARÉM, onde não se registaram desastres pessoais, apesar do grande pânico sentido, caiu o cruzeiro da igreja da Misericórdia, abateu parte de uma parede interior e duas aboboadas da igreja de S. Francisco e a igreja do hospital abriu fendas. Registaram-se também desmoronamentos de chaminés e outros estragos em muitos prédios. No Vale de Santarém também muitas famílias viram as suas casas desfeitas. Os sinos da torre de Cabanas com o tremor de terra, começaram a tocar, o que contribuiu para aumentar o pânico da população.

Em LISBOA caíram chaminés nas Ruas do Comércio e de D. António da Costa, tendo nesta última, uma das chaminés caído em cima do automóvel do sr. Vicente Filipe Vieira Galante, destruindo o veículo. A cruz principal da igreja da Misericórdia estilhaçou-se no adro. Três ameias do castelo, da parte Sul, caíram: na Rua de D. Dinis ruíram um ornamento de cantaria. O estuque dos quartos do convento dos Franciscanos abateu completamente, salvando-se os alvenares, que haviam corrido para as chaminés a tempo de evitarem o desmoronamento. Registaram-se ainda vários outros estragos, que deixaram parte da cidade às escuras.

No mosteiro da BATALHA os estragos são de cerca de quinhentos contos. Os principais estragos verificaram-se na joia manuelina do mosteiro, na porta principal, onde caiu a grelha do alçado, e os pilares que, apesar do seu peso de muitas toneladas, foram deslocados pelo sismo. Em todas as aldeias limítrofes da Batalha há estragos a denotar.

Em TOMAR o abalo provocou fendas enormes em muitas edificações e o convento de Cristo sofreu vários danos, sobretudo a parte da charola, que abriu grandes brechas.

Em OLIVEIRA DE AZEITE o pânico foi enorme. Registaram-se vários desmoronamentos, entre os quais parte da torre da capela de S. Lourenço do Vilar. Aproximando-se do pânico e da confusão, ladrões assaltaram a capela de Nossa Senhora de La Sáfete, roubando duas caixas de smolas.

Reconstrução das chaminés

sem licença prévia

O Município lisboeta autorizou a reconstrução das chaminés destruídas pelo sismo sem licença prévia.

Os senhores terão, no entanto, a obrigação de apresentar as respectivas aplicações no prazo de quarenta e oito horas.

CURSO LICEAL

DIURNO E NOCTURNO

CICLO PREPARATÓRIO — ADM INSTITUTOS

Bem apetrechados laboratórios

ESCOLA SÃO VICENTE Rua do Paraíso, 28

(Lisboa) (Tel. 204.000) (Fax 204.000) (204.000)

EXTO MARQUÊS de POMBAL R Carrilho Videira, 10



Aspecto de estragos causados na Fuzeta pelo abalo telúrico ocorrido na madrugada de ontem em todo o País. O Sul não foi poupado pelas consequências do tremor de terra.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Um terramoto causou 60 mortos na Indonésia

DJAKARTA, 1 — (F. P.)

— O tremor de terra na cidade de Madjane, no domingo passado, causou 60 mortos — anunciou o Ministério dos Assuntos Sociais. A cidade fica no centro das Celebes. O abalo telúrico foi precedido de estrondos, como de um canhão, e provocou importantes aluimentos de terras. Formou-se uma grande maré que destruiu todas as barracas dos pescadores nas praias de Madjane.

ECOS

O medo ao sismo é uma reacção biológica, logo natural, e talvez até rica de sentido, do animal homem ante as forças da Natureza que o seu império científico ainda não controla. A par — nem alma nem abalo — dessas criaturas simples que o pânico avassala, há os homens de qualidade trabalhada que se envergonham das expressões de fraqueza, mesmo em situações-limite, e corajosamente dominam o medo e ajudam os outros a reagir. E há ainda uma terceira espécie: a dos que, à beira dos cataclismos ou por eles envolvidos, mal são aflorados pelo medo, se é que chegam a senti-lo, tal a sua aceitação da morte, que pode não ser falta de imaginação nem propriamente desanimador da vida, mas tão só o calo que o hábito do horror e da violência, e da solidão, e o convívio diário com o pio da morte lhes trouxeram. Mas não haverá, apesar de tudo, nessa valentia, esculpida em indiferença, uma inquietante diminuição de tons vital?

A imprensa mundial multiplica-se em notícias e críticas sobre a difícil sucessão do poder em Israel. Três nomes aparecem em evidência: o de Golda Meir, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, infelizmente doente neste momento; o de Itzhak Allon, bem pouco popular, excepto nos sectores dos santiguados, e o do general Moshe Dayan, apoiado pelos nacionalistas exaltados, mas tido por muitos, até pela própria ala esquerda do seu partido, como susceptível de empurrar ainda mais o país para um imperialismo do tipo belicista e fascista. Para Golda Meir ou para Itzhak Allon, tratar-se-ia, obviamente apenas de dirigir um Governo de transição até às próximas eleições. Mas é de presumir que o glorioso general Dayan não aceitará uma solução que pusesse em risco o seu prestígio em fórmula tão provisória. Remédio mágico ou não, não há dúvida de que é difícil substituir Levi Eshkol.

A estupidez não é, como tantas vezes erradamente se supõe, ingénita, mas consequência do escravismo ou do estado servil a que muitos homens são reduzidos em civilizações que não lhes respeitam a dignidade. O ser cuja vida decorra, sem outros estímulos, num pequeno número de operações cujos efeitos sejam sempre os mesmos ou aproximados não terá ocasião de exercitar a inteligência nem o espírito de invenção para remover dificuldades, que não chegam a apresentar-se-lhe. Perdendo o hábito desse exercício, tornar-se-á naturalmente estúpido e ignorante, embora de uma estupidez menos afrontosa que a dos burros sábios: os que julgam tudo saber.

JEFF Keye adverte os norte-americanos contra o perigo de se tornarem máqui- nas que agem sem pensar. Entende que todo o homem deve considerar atentamente cada um dos seus actos, examinando-os e interrogando-se sobre cada regra da vida. De facto, não basta que-

brar as regras cediças, pelo prazer de as quebrar: há que escolher o rumo novo — e saber porquê. As regras fazem-se para ser obedecidas, mas a todo o tempo se desactualizam e podem ser modificadas. Nada é inamovível.

EM «A Fábula da Hora Final», de Dan Proper, que é um dos textos mais ironicamente cruéis da literatura norte-americana actual, lêem-se estes versículos de vitriolo: «No 9.º minuto da hora final três psiquiatras praticavam uma copulação subliminal simultânea com um aparelho de televisão a cores; «No 12.º minuto da hora final a Associação dos Publicitários Norte-Americanos proclamava dignidade do Homem, publicando um impresso com 1000 tópicos diversos sobre o assunto, todo ele escrito em verso livres».

RODEADO por 6000 fiéis, o bonzo Nguyen Than Nam, de 60 anos, vive numa pequena ilha na foz do Mekong de águas lodosas e não raro ensanguentadas. Durante a guerra da Indochina, este homem piedoso fez voto de silêncio, solidário com o destino da sua pátria em revolta. Não se trata de um religioso vulgar, pois Nguyen Than Nam fez os seus estudos em Paris e possui o diploma de engenheiro químico. Em 1958 percorreu todo o Vietnam, incitando os combatentes à concordância e à fidelidade não muito complexa do Vietnam para os vietnamitas. Recentemente, segundo revela o Match, mandou construir, na ponta da sua ilha, uma maquete de cimento que representa os dois Vietnam reunidos. A sua ilha santa é considerada por todos como um oásis de paz. Nguyen Than Nam usa, à cinta, uma simbólica chave de ouro, que, segundo diz, figura o acesso ao paraíso.

ENQUANTO o general Cao Ky ameaça bombardear de novo a República Democrática do Vietnam (Vietnam do Norte) e Nixon se mete em copas, como em linguagem popular só dizer-se, a Frente de Libertação Nacional do Vietnam do Sul, pluripartidária e cujo ariete são as forças do Vietcong, passa ao ataque. Curiosa, e dramática, coincidência, foi precisamente há um ano que o Vietcong desencadeou também, e com êxito impressionante, uma das suas maiores ofensivas. Outra coincidência, esta ainda mais perturbante e da qual não será difícil tirar lições, é no momento em que Richard Nixon deixa a Casa Branca para vir exercer a sua sedução diplomática e fazer o seu jogo de influências na Europa, que o Vietcong dá esta prova de força, como se quisesse lembrar ao mundo — e especialmente aos Estados Unidos — que a questão do Vietnam continua em aberto, e quase a criar bolor, nas conversações de Paris. Talvez os dirigentes da Frente de Libertação Nacional achem necessário apoiar nesta altura os seus argumentos políticos, expressos em Paris, como argumentos militares, expressos na área de Saigão.

FILGRAFICA

- UM GRANDE SALÃO INTERNACIONAL DE EDIÇÕES E MATERIAL GRÁFICO
- UMA DEMONSTRAÇÃO DE UTILIDADE PARA OS TÉCNICOS
- UMA EXPRESSIVA EXIBIÇÃO PARA O PÚBLICO

HORARIO Hoje — Das 17 às 23 horas
Amanhã — Das 15 às 23 horas

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA



Rita Matos Chaves com um dos modelos apresentados

PASSAGEM DE MODELOS DE MALHAS «DRALON» PARA A PRIMAVERA-VERÃO

Organizada pela Bayer Portugal e com a colaboração das fábricas de malhas do nosso País, realizou-se, ontem à noite, no «Espelho de Água», uma passagem de modelos, acompanhada de bebere, para apresentação da colecção de malhas «Dralon» Primavera-Verão 1969, ao comércio de Lisboa da especialidade.

A colecção, intitulada «Lovely Baby», reúne modelos originais, conjuntos de duas ou três peças, camisola, saia e calça, ou vestidos, e a juventude e a feliz combinação

de cores. Os manequins Wendy, Desanka, Maria e Rita Matos Chaves — a actual princesa das «Teen-Agers» portuguesas, escolhida num concurso patrocinado pelo nosso jornal — colaboraram com a sua juventude na valorização dos modelos.

O administrador da Bayer Portugal, sr. João Winne-mann, no final da passagem de modelos, dirigiu algumas palavras de assistência acerca da colecção apresentada, agradecendo a forma calorosa com que fora acolhida.

O desfile foi apresentado e bem pela jovem locutora Maria João Aguiar.

VÃO RECOMEÇAR AS OBRAS NO LARGO DE SANTOS — SEGUNDO UMA CARTA DO PRESIDENTE DO MUNICÍPIO

Do sr. general Franco Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, recebemos esta carta:

«No jornal de que V. é meu digno director foi publicada, no passado dia 25, uma fotografia sobre o estado em que se encontra o Largo de Santos com a seguinte legenda: «A nossa gravura documenta o estado lamentável, em que se encontra o Largo de Santos. Local de grande movimento, há bastantes dias já que o seu pavimento é este, com todos os prejuízos consequentes».

Sobre o exposto informo V. que as obras que se estavam a executar no Largo de Santos foram suspensas devido a dificuldades financeiras do adjudicatário da obra, dificuldades a que sobrevieram a falta de meios e o falecimento de um dos sócios e responsável técnico da empresa.

O problema dos pisos

Segundo uma informação recolhida na Câmara Municipal de Oeiras, as demolições em vista processam-se desta forma: no caso de prédios até dois pisos, o presidente da Câmara pode tomar pessoalmente a iniciativa de mandar demolir; se as construções tiverem mais de dois pisos já é necessária uma deliberação conjunta do Município.

mento de tais disposições, cabe ao Município de Oe-



dores de cabeça
febre
constipações
gripe

Ato primeiro sintoma de gripe ou constipação, tome MELHORAL, de preferência com uma bebida quente. MELHORAL tem 2 elementos activos (500 mg de ácido acetilsalicílico e 30 mg de cafeína), doseados e combinados para lhe dar uma acção mais rápida e prolongada; portanto, alívio mais completo das dores, febre e mal estar resultantes de constipação ou gripe.



CAMARTELO NA BRANDOA VÃO SER DEMOLIDOS OS PRÉDIOS QUE AINDA NÃO ESTÃO HABITADOS OU SE ENCONTRAM EM CONSTRUÇÃO

Reviravolta no caso da Brandoa: vão ser demolidos todos os prédios (standes e lojas) já construídos, mas não habitados, e bem assim aqueles que estão em construção. A notificação dos proprietários começou ontem.

Este é o passo mais importante dado até hoje para tentar sanear uma situação cujo agravamento se dizia ser impossível de deter. Bastou, afinal, uma reunião do governador civil de Lisboa com o presidente da Câmara Municipal de Oeiras, realizada ontem, de manhã, por convocação do dr. Afonso Marchueta.

Segundo se apurou de boa fonte, estas duas personalidades conferenciaram demoradamente, analisando o problema em toda a sua extensão. Por fim, o governador civil decidiu que era tempo de actuar com carácter exemplar e definitivo.

Assim, o dr. Afonso Marchueta determinou aos competentes serviços camarários a notificação dos proprietários de todos os prédios nas condições já referidas. Uma vez notifi-

dos, esses proprietários têm 48 horas para proceder à demolição completa. O camartelo está a caminho da Brandoa.

A lei já previa No caso de não cumpri-

ras proceder à demolição, o que já lhe era facultado, mesmo antes do desmoroamento da madrugada de 26, pelos artigos 165.º e 167.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, segundo a redacção que lhes foi dada pelo Decreto-Lei n.º 44 258, de 31 de Março de 1962.

Por outro lado, o Município de Oeiras deverá assegurar uma vistoria imediata a todos os prédios da Brandoa já habitados. Objectivo: estudar as medidas necessárias para garantir a segurança dos locatários.

«Grande prejuízo», diz um construtor

— É um grande prejuízo para toda a gente a declaração hoje na Brandoa o construtor José António Domingos, que já ergueu ali 15 prédios.

José Domingos engloba nesse «toda a gente» os proprietários, construtores, co-



Botas de borracha — indispensáveis para se andar nas ruas (?) da Brandoa

mercantes e mesmo futuros inquilinos. Acrescentou: «Dois dias não chegam para demolir. Eu pergunto se a Câmara de Oeiras não podia ter actuado antes de os prédios estarem de pé... Quantos prédios há em construção na Brandoa? Mais de cem, disse o nosso interlocutor. E prédios prontos, mas ainda não habitados?

Talvez uns trinta ou quarenta. — Só eu construí quinze em nove anos. Estou de raiz na Brandoa, sei o que digo. Passaram-me pelas mãos uns dois mil e quinhentos contos.

Amigo de boas contas, José Domingos indica com o dedo uma casa feita por ele.

— Está ali um «ladista» que me deve dois contos e quinhentos. Eu já o anisti; qualquer dia arrancho-lhe as pestanas e espremo-lhas com estas mãos como quem espreme limões!

E depois, num rompante de orgulho.

— Como construtor tenho que me devo dois contos e quinhentos. Na ordem do dia camou a apreciação das Contas Públicas. Abriu o debate o deputado eng.º Virgílio Cruz, que apresentou o combate à inflação, seguindo-se os deputados Sebastião Alves e dr. Sotúrio Pires, que fizeram considerações predominantemente influenciadas pelas zonas que representam (Castelo Branco e Moçambique, respectivamente).

Para reforçar o seu ponto de vista, vários exemplos: andaram engenheiros no Cais do Sodré e a cobertura caiu; andaram engenheiros em Queluz e caiu um prédio no ano passado, fazendo dois mortos, etc., etc.

A sucapa, depois de ouvir as declarações veementes de José Domingos, confiou-nos o seguinte de pedreiro Manuel Martins:

— Pois sim, há na Brandoa uma data de prédios rachados. Eles fazem-nos, mas não os fazem com gosto, como a Simone...



Prédios como estes estão ameaçados

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TAPETES
Carpélio
Dist. Excl.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO-LISBOA
CARPETES

CHOCOLATES TAGIOLIS
BARREIRO-LISBOA-QUELUS

Em BUCÉLAS o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda em VICENTE ROMÃO BRAVO.

Despedir não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

FIM DE TARDE EM S. BENTO

Na Câmara, o assunto dominante de quem vai o mesmo que a todo o País preocupar: o tremor de terra. Nos grupos que sempre se formam no hemicírculo, não se falava noutra coisa. O próprio líder, conselheiro Albino dos Reis, contava a alguns parlamentares os prejuízos que sofreu na sua residência. Isto não alterou, porém, a normalidade da sessão plenária: os períodos «antes da ordem do dia» e «de ordem do dia» decorreram como estava previsto, normalmente.

Dando exemplos de serenidade e de civismo, a Assembleia não se deixou perturbar por ondas emocionais. Já o mesmo sucedera quando foram alteradas as tarifas da Carris de Lisboa, ou quando caiu o prédio da Brandoa. O Parlamento não esquece, porém, os seus deveres políticos, como lhe compete. Há quem não compreenda esta distanciação, o que prova bem a incompreensão ainda existente quanto às preocupações dos deputados. E repare-se que todas as grandes datas históricas, de significado nacional, por exemplo, têm sido assinaladas no período antes da ordem do dia. Se porventura, uma vez ou outra, aparece uma alusão a factos quotidianos correntes — desportivos, ou outros — são a tal excepção.

Vem isto a propósito de, apesar da onda emocional que percorreu o País, devido ao sismo que ocorreu de madrugada, a Câmara não ter esquecido os seus deveres e obrigações. Na ordem do dia camou a apreciação das Contas Públicas. Abriu o debate o deputado eng.º Virgílio Cruz, que apresentou o combate à inflação, seguindo-se os deputados Sebastião Alves e dr. Sotúrio Pires, que fizeram considerações predominantemente influenciadas pelas zonas que representam (Castelo Branco e Moçambique, respectivamente).

No período antes da ordem do dia o deputado eng.º Duarte do Amaral pediu a continuação das obras de beneficiação do porto de pesca da Póvoa de Varzim; o deputado eng.º Amaral Neto referiu-se aos recentes incidentes na cintura industrial de Lisboa, que a seu ver «demonstraram a pouca confiança dos operários na organização corporativa do trabalho» e, por fim, o deputado dr. Nunes de Oliveira ocupou-se do turismo no distrito de Braga.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

BOLSAS DE ESTUDO MÚSICA E BELAS-ARTES

De 3 de Março a 2 de Abril de 1969, estará aberta a inscrição para concessão de bolsas destinadas a aperfeiçoamento, no País, ou no estrangeiro, durante o ano lectivo de 1969-1970, nos diferentes sectores da Música e das Artes Plásticas e ainda nos domínios de investigação e especialização em História da Arte e Crítica de Arte, Estética, Museologia, Restauro, Arqueologia, Teatro e Cinema.

A) MÚSICA

Presentemente beneficiam de bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, para estudos de aperfeiçoamento em Música, 17 pessoas. Em 1969 prevê-se, além da eventual renovação das bolsas em curso, a atribuição, para o mesmo fim, de 20 novas bolsas, algumas das quais destinadas à frequência de cursos de curta duração.

B) ARTES PLÁSTICAS E DOMÍNIOS AFINS

Presentemente beneficiam de bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, para estudos no sector das Artes Plásticas e nos demais supra mencionados, 24 pessoas. Em 1969 prevê-se, além da eventual renovação das bolsas em curso, a atribuição de 30 novas bolsas para os mesmos fins.

C) ESTUDOS DE ARABISMO

A Fundação Calouste Gulbenkian, desejando contribuir para os estudos de Arabismo em Portugal, decidiu que fossem especialmente instituídas duas bolsas de estudo no estrangeiro, com essa finalidade, a que poderão candidatar-se licenciados em História ou Filologia Românica pelas Faculdades de Letras do País.

D) CONDIÇÕES BÁSICAS DO CONCURSO

- Podem concorrer às bolsas das categorias A) e B), os diplomados com cursos oficiais e também as pessoas que, não sendo diplomadas, exerçam actividade profissional em qualquer dos respectivos sectores ou domínios. As bolsas da categoria C) somente poderão candidatar-se licenciados em História ou Filologia Românica pelas Faculdades de Letras do País.
- Na atribuição das bolsas nas categorias A) e B) será dada preferência aos pedidos cuja finalidade for considerada de maior interesse para o País e na escolha dos candidatos será particularmente tida em conta a actividade por eles exercida e a sua qualificação artística.
- Até 28 de Março próximo, os candidatos poderão dirigir-se aos respectivos Serviços da Fundação, Avenida de Berna, em Lisboa, para o efeito de obterem os competentes boletins de inscrição, acompanhados de um exemplar do regulamento que lhes diga respeito.
- Os boletins de inscrição que não derem efectivamente entrada na Fundação até às 18 horas do dia 2 de Abril e bem assim todos aqueles que não estiverem suficientemente preenchidos, ou instruídos, em termos de possibilitar a sua fácil apreciação, serão rejeitados «in limine».

AVISO

O período de inscrição para bolsas destinadas a frequência, no País, dos cursos gerais e superiores do Conservatório Nacional, das Escolas de Música especializadas e das Escolas Superiores de Belas-Artes, e as condições do concurso, serão oportunamente anunciadas.

Actualidade internacional

ESCALADA EM BERLIM

(Continuação da 1.ª página)

de servirem para iluminar os quartéis da Alemanha Ocidental.

Esta brutal escalada, que a União Soviética quis tornar pública, lançou um balde de água fria sobre o optimismo dos meios ocidentais, que contavam com demonstrações formais de desagrado pela eleição do presidente federal, executadas com lentidão e com limites cuidadosamente calculados.

Final, o bloco comunista parece contentar-se não apenas em protestar, mas também em impedir fisicamente uma reunião que considera ilegal. E os dias

mais difíceis estão para vir, quando se realizarem as manobras em torno de Berlim.

Uma prova de força, pelo menos sob a forma de uma violenta confrontação psicológica, parece hoje menos inevitável que há uma semana.

REACÇÃO AMERICANA

WASHINGTON, 1 — (F. P.) — Os Estados Unidos reafirmaram, ontem, o direito da República Federal da Alemanha de proceder à eleição do seu presidente em Berlim-Oeste e chamaram a atenção da União Soviética para as consequências que as medidas anunciadas pelo Governo

da Alemanha de Leste poderiam ter na liberdade de acesso a Berlim.

AUTO-ESTRADA ENCERRADA

HELMSTEDT (Alemanha Ocidental), 1 — (R.) — Os guardas da fronteira da Alemanha Oriental fecharam hoje a auto-estrada entre a Alemanha Ocidental e Berlim Oeste por causa de manobras de tropas soviéticas mas voltaram a abri-la ao trânsito duas horas depois.

Um oficial aliado presume que a estrada será novamente encerrada por ocasião das manobras das tropas do Pacto de Varsóvia na Alemanha Oriental no decorrer dos próximos dias.

DECLARAÇÃO DE SCHUETZ

BERLIM, 1 — (F. P.) — «Devemos reagir calmamente, sem histérico e apenas guiados pela razão», afirmou, ontem à noite, em Bonn, o burgomestre renante de Berlim-Oeste, Klaus Schuetz, depois de haver tomado contacto com o Governo federal. Schuetz acrescentou que é preciso evitar os excessos e ter em conta as realidades. «Teremos que suportar nos próximos dias», acrescentou — «outros exemplos de guerra de nervos. Mas sei que sabremos enfrentar as dificuldades que vão surgir. Continuaremos a trilhar o caminho

que escolhemos para pôr termo às tensões e não esqueceremos jamais em semelhantes situações que nos cumpre manter a paz na nossa parte do mundo».

Schuetz seguirá hoje de manhã para Berlim-Oeste e conferenciará com os três aliados ocidentais.

E. U. A. — o preço do poder

Para manter o seu poder e as suas posições, os E. U. A. gastam anualmente cerca de 75 bilhões de dólares. Farto de um terço do orçamento da defesa americano é investido na guerra do Vietnam. Contudo, o fim da guerra no Sueste Asiático não significaria uma substancial diminuição das despesas militares: cálculos oficiais prevêem um encorçamento de passo de cerca de 70 bilhões de dólares, dado que a retirada do Vietnam permitiria o reforço de outras posições e a renovação de todo o material de guerra americano.

Os aliados dos E. U. A. — 14 da N.A.T.O., 7 da S.E.A.T.O. e outros, como o Japão, vinham a América por tratados de defesa mútua — contribuem para a defesa do Ocidente em termos proporcionais e abertamente menores. A soma dos orçamentos militares de todos eles não atinge os 30 bilhões de dólares.

Tranquilidade em Damasco após o golpe de Estado

CAIRO, 1 — (F. P.) — A imprensa egípcia anuncia, hoje de manhã, um golpe de Estado na Síria. Segundo jornais caiotas, o presidente Atassi e o secretário-geral adjunto do Partido Baas, Salah Jedid, en-

contram-se em residência vigiada.

A imprensa egípcia anuncia que os autores do golpe de Estado, que ocupam desde o dia 24 último a Rádio e a Televisão, conseguiram também apossar-se das repartições de Imprensa e da prisão.

O golpe de Estado deu-se sem qualquer efusão de sangue e, acrescenta a Imprensa, há calma na capital síria. Hafez Assad vai formar imediatamente um Governo, dizem ainda no Cairo.

TIROTEIO NO CANAL DE SUEZ

CAIRO, 1 — (A. N. I.) — Tropas egípcias e israelitas trocaram tiros de armas ligeiras ontem, por sobre o canal de Suez, pelo segun-

do dia consecutivo — anunciou no Cairo um informador oficial.

«MAIS FRACO» O ESTADO GERAL DE IKE

WASHINGTON, 1 — (R.) — O ex-presidente norte-americano Dwight Eisenhower continua hoje a lutar contra a morte, tendo os médicos anunciado que contraiu uma pneumonia, que prejudica a sua recuperação de vários ataques cardíacos e a convalescença da perigosa operação abdominal a que foi recentemente submetido.

O velho general, que tem 78 anos, está com um estado geral «mais fraco» e o coração trabalha com considerável esforço, anunciou ontem o hospital Walter Reed.

CIDADE ATACADA PELO VIETCONG

SAIGÃO, 1 — (R.) — Guerrilheiros do Vietcong atacaram com fogo de morteiros uma cidade na área do delta do Mekong, matando sete civis e ferindo mais 63, segundo revelou hoje, nesta capital, um informador militar.

O ataque contra a cidade de Rach Gia foi um de 30, visando principalmente instalações militares em todo o Vietnam do Sul, que ocorreram a noite passada e às primeiras horas de hoje — a sétima noite consecutiva da

actual ofensiva do Vietcong. O informador disse julgar que artilheiros do Vietcong, que atacaram com fogo de morteiros Rach Gia, pretendiam acertar no aeródromo próximo de Lac Hong, situada a cerca de 185 quilómetros a oeste de Saigão. Contudo, as suas granadas de morteiro caíram em Rach Gia, destruindo três casas e danificando outras.

Poucas vítimas e estragos ligeiros foram anunciados nos restantes ataques do Vietcong

COMUNICADO

J. PIMENTA, LDA. E J. PIMENTA, S. A. R. L.

COMUNICAM PARA TRANQUILIDADE DOS SEUS CLIENTES E AMIGOS DE QUE APÓS UM RIGOROSO EXAME, FEITO PELOS SERVIÇOS TÉCNICOS DESTA ORGANIZAÇÃO, OS MESMOS CHEGARAM À CONCLUSÃO DE QUE OS EDIFÍCIOS CONSTRUÍDOS POR ESTA ORGANIZAÇÃO NÃO SOFRERAM ALTERAÇÕES DE EQUILÍBRIO PROVOCADAS PELOS RECENTES ABALOS SÍSMICOS, NEM NOS MESMOS SE NOTA QUALQUER FISSURA.

NIXON EM FRANÇA

Manifestação antiamericana esta tarde em Paris

NOTA INTERNACIONAL

Encontros em Varsóvia

Após ter proposto o começo dos encontros de Varsóvia com os E. U. A., a República Popular da China anulou, ante o espanto dos mais desprevenidos, a sessão marcada para o dia 20 de Fevereiro.

Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros chineses admitiu expressamente que a fuga para a América de Liao Hu Shu, diplomata na Haia, se encontrava na base dessa anulação. Tratar-se-ia de «um grave incidente antichinês, preparado e executado deliberadamente pelos E. U. A. com a cooperação do Governo dos Países Baixos». O porta-voz acusou ainda a C. I. A. de ter «chamado Liao Hu Shu a atrair o seu país» e de o ter «raptado», levando-o para os E. U. A. e acrescentou: «Este crime inegável, cometido pelo Governo americano, suscitou a profunda indignação de todo o povo chinês».

Os peritos ocidentais em problemas chineses (sinólogos lhes chamam) apressaram-se a detectar novas lutas entre grupos rivais no interior do Partido e do Governo chinês: se a proposta do começo das conversações indicava uma predominância momentânea das «pombas», a respectiva anulação significaria uma retomada pelos «falcoes» dos lemas da política chinesa. (Neste sentido, é significativa, por exemplo, a informação do correspondente da Reuter em Pequim).

Corolário de uma tal perspectiva é, a Leste como a Oeste, uma condenação do «aventurismo» chinês por parte dos políticos profissionais, e um apelo dos profetas da Paz e da Concórdia ao recomeço dos encontros de Varsóvia. A Política, porém (tal como a História e a Economia Política) é um campo alheio aos apelos e é em torno de uma análise das relações de força políticas mundiais e da definição teórica em que assenta a prática política chinesa que importa radicar a anulação do encontro de dia 20.

A política chinesa dos «grandes» tem oscilado, após a tomada do poder por Mao Tse Tung, entre sucessivas (e só aparentemente contraditórias) tentativas de a) manutenção da China à margem da comunidade mundial e de b) integração, no concerto dos «grandes», da República Popular da China — desde que esta aceite uma estrutura da sociedade internacional que tem a sua base na partilha do mundo entre as superpotências e a sua expressão máxima na mitologia comunista e seus derivados.

Na sequência de Potsdam, de Teerão e de Yalta construiu-se todo um edifício internacional em que a propriedade de zonas e cidades foi definida com rigor e precisão.

E se para o Ocidente a «defesa da Liberdade»

significou desde então a manutenção da esfera de influência americana, para o Leste «a luta pelo socialismo» veio a ser sinónimo da consolidação das posições soviéticas.

O antagonismo Leste-Oeste tomou-se assim — tal como a «coexistência pacífica» que possibilitou a partilha do globo — um dos alicerces desse edifício. E um tal antagonismo integrou-se no sistema geral em que a comunidade internacional se organiza: ainda quando violento, pressupõe uma determinada estrutura, integra-se nela e constitui a sua expressão. Nessa medida, «a guerra fria» é a continuação da coexistência pacífica por outros meios, sendo a inversa verdadeira também. A comunidade internacional não é inorganizada e as forças opostas de Leste e Oeste opõem-se no interior de um regime político diárquico e imperial ao qual garantem dinamismo e eficácia.

É esse «regime político internacional» que a China Popular contesta; e contestando-o, recusa aceitar as suas permissas, ainda que para conduzir, no interior dele, uma oposição à diarquia que o dirige.

E não se identifique a posição da França com a da China — Kruchchev, no seu encontro com Kennedy em Viena, cometeu esse erro, ao afirmar ao presidente americano que «ambos temos as nossas Chinas». Não é a própria estrutura da comunidade internacional que a França se opõe, mas apenas a diarquia que a rege. Não é a alteração qualitativa dessa estrutura que de Gaulle pretende, mas sim a ampliação da sua elite do poder, melhor, a inclusão da França nessa elite.

O Partido chinês, que foi vítima, numa primeira fase da luta pelo poder, do chauvinismo da Rússia estalinista, venceu Chiang-Kai-Shek após a ruptura teórica e prática com as ideologias do «socialismo numa só Pátria». Considerando a comunidade internacional alicerçada em bases económicas e políticas de carácter capitalista e em relações de indole nacionalista e imperial, o Partido chinês opõe-se-lhe do exterior, propõe-se minar a cidade cosmopolita da Paz Mundial, de que a sede de vidro e aço da O. N. U. é o símbolo acabado, edificando a Internacional dos condenados da Terra.

É a luz desta perspectiva que importa considerar a anulação do encontro de 20 de Fevereiro. Encontrando-se ou não em Varsóvia com os E. U. A. ou (em Paris?) com a U. E. S. S. a China não adere à política dos blocos, não pratica a «coexistência» como não pratica «a guerra fria». É a refutação de todo o sistema político internacional — a subversão para usar uma palavra mágica — que a China propõe.

A. L. S.

PARIS, 1 — (R.) — A União dos Estudantes Franceses (U.N.E.F.) pediu hoje a estudantes para participarem numa manifestação antiamericana, organizada pelo Partido Comunista francês, esta tarde na Place de la République, o local tradicional de comícios da esquerda.

A U.N.E.F. diz num comunicado que as manifestações que assinalaram o primeiro dia da visita do presidente Nixon a Paris deveriam continuar.

Entretanto, Richard Nixon e o general de Gaulle iniciaram, hoje de manhã, no palácio de Trianon, a segunda série de conversações sobre assuntos de interesse mundial.

O presidente francês recebeu Nixon na escadaria daquele célebre palácio do século XVII. Seguidamente os dois estadistas iniciaram as conversações.

A Polícia, com espingardas e pistolas, mantinha-se colocada ao longo dos 13 km de estrada que separa o centro de Paris de Versalhes. Havia um guarda de 50 em 50 metros.

No Bois de Boulogne polícias a paisana inspecionavam o arvoredo que circunda a estrada.

Nas conversações de hoje serão tratados em profundidade os assuntos delineados no primeiro encontro realizado ontem em Paris entre os dois presidentes. A conferência de hoje será dividida em duas partes.

Na primeira, Nixon e o general trocam impressões a sos, durante toda a manhã, no gabinete do presidente francês, enquanto os ministros e conselheiros se reúnem em separado.

Depois do almoço, os dois presidentes conferenciarão no Salon des Jardins, outrora sala de jogo de Luis XIV, com a presença dos conselheiros.



Os três astronautas da «Apolo 9» cujo lançamento, inicialmente previsto para ontem, foi adiado para depois de amanhã, podendo ainda sofrer nova alteração. Da esquerda para a direita: James McDivitt, David Scott e Russell Schweickart

Agitação nas Universidades italianas

ROMA, 1 — (R.) — Professores e investigadores continuaram ontem uma greve por tempo indeterminado nas cidades universitárias italianas como protesto contra os planos governamentais de reforma universitária.

A greve afectava as cidades de Bolonha, Crínea, Messina, Palermo, Milão, Pádua, Roma, Ferrara, Trieste, Pisa, Camerino e Parma.

A Universidade de Roma continuava a noite passada em poder dos estudantes, que estavam a reforçar as barricadas, amontoando pedras como munição, e a prepararem unidades de primeiros socorros para o caso da Polícia tentar expulsá-los.

Em Génova, a Polícia acabou com uma desordem entre cerca de 500 estudantes e operários de diferentes opções políticas durante uma manifestação anti-americana. Em Florença,

formulou acusações em tribunal, conduta desordeira e estragos, contra 154 estudantes, operários e desempregados que reocuparam a Universidade da cidade, após os guardas a terem evacuado anteontem à noite.

REITORIA OCUPADA

GENEVA, 1 — (F. P.) — Prossegue a ocupação da reitoria da Universidade de Genebra, decidida na quinta-feira pelos estudantes em virtude de um conflito com o reitor.

As aulas da Universidade não foram afectadas por esta ocupação, que apenas afectou os serviços de secretaria, que tiveram de ser mudados para outros edifícios da Universidade.

Reina certa animação entre os ocupantes, que não criam quaisquer incidentes. A Polícia genebrina, de resto, não tenciona misturar-se neste assunto.

Adamo casou-se finalmente...

LIEGE, 1 — (R.) — O cantor Salvatore Adamo casou-se ontem com Nicole Durant, de 22 anos, filha de um importante de mobiliário, a quem conheceu desde a infância.

A cerimónia civil, a que apenas assistiram familiares, celebrou-se ontem de manhã nesta cidade. Mais tarde, Adamo, de 26 anos, natural da Sicília mas naturalizado belga, declarou numa recepção em Bruxelas que sua mulher, que nasceu na pequena cidade de Jemappes, no sudoeste da Bélgica, esperava um filho.

A comunicação do casamento de ontem considerava-se supérflua.

sa, pois, tinha sido largamente noticiada na imprensa, no primeiro deste mês, quando o casal se casara em 8 de Fevereiro.

Adamo explicou que as duas famílias sómente tinham chegado a Liege há três semanas e verificaram que alguns dos convidados, entre os da Sicília, não estavam em ordem e, devido a isso, a cerimónia teve de ser adiada.

Entretanto, e tendo a notícia de que o casamento se efectuara e Adamo, que se considerava já casado a partir daquela data, não se incomodou a fazer o desmentido.

A GUINÉ EQUATORIAL SOLICITOU O ENVIO DE «CAPACETES AZUIS»

MADRID, 1 — (A. N. I.) — A Guiné Equatorial pediu oficialmente às Nações Unidas o envio de tropas para o seu território, em consequência de uma série de incidentes entre os nativos e residentes, espanhóis em Rio Muni — revelou a United Press Internacional a um informador oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Guiné Equatorial em Madrid.

Vanessa Redgrave espera

o terceiro filho

MILÃO, 1 — (A. N. I.) — Vanessa Redgrave espera um filho de Franco Nero e os dois artistas pensam casar-se muito em breve — afirma o semanário «Bel-la», que publica, a propósito, uma declaração da artista inglesa: «Estou muito feliz. Espero que seja um rapaz».

Vanessa tem já dois filhos, nascidos do seu casamento com o realizador Tony Richardson, de quem se divorciou em Abril de 1967.

De acordo com o informador, o pedido foi feito em telegrama urgente do presidente Francisco Macías dirigido ao secretário geral das Nações Unidas, U Thant, no qual o dirigente da antiga Guiné Espanhola se solicitava a presença dos «capacetes azuis» da O.N.U. para garantir a paz e a ordem públicas.

Anteriormente — diz ainda a U.P.I. — afirmara-se em círculos oficiais espanhóis que um espanhol fora morto a tiro quando viajava numa lancha a motor no rio Benito.

Ontem à noite a Espanha desmentiu oficialmente notícias que lhe atribuíam o propósito de enviar tropas para a Guiné Equatorial em consequência dos actos contra os brancos ali registados nos últimos dias.

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

(Continuação da 1.ª página)

Esta é a lógica do «GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE»: avallar até que ponto um anúncio caminha na vanguarda do conhecimento, entrando em contacto directo com o público, mesmo sem que este disso se aperceba. Há uma verdade que não pode ser negada: ANUNCIAR É COMUNICAR. E o concurso, que, em segunda edição, este ano, o «DIÁRIO DE LISBOA» promove, tem em vista, por assim dizer, fazer esse apuro, estabelecer essa regra, perspectivar essa certeza, fixar essa norma.

É a finalidade última do «Grande Prémio de Publicidade»: avallar tudo quanto de novo, de útil, de belo, de comunicável, de eficiente e de conseguido existe, hoje, na grande técnica do anúncio. Em seguida, premiar o melhor e destacar os que dele se aproximam.

Neste sentido, o nosso jornal, de uma maneira total e imediata, coloca-se abertamente ao lado do público e dos criadores de publicidade, que uns vivem em contacto diário com os outros, sem que,

na maior parte dos casos, se conheçam — ainda que se estimem. De certo modo, quem trabalha em publicidade trabalha mais para o público do que para si próprio. Da mesma maneira, quem é do público e se sente atraído (mesmo aliciado) por um produto ou uma marca exige que ele ou ela comecem a ser bons logo desde o início: o Anúncio.

Por isso se pode dizer que a primeira grande força da Publicidade é a Imprensa. Num jornal o ANÚNCIO acal nos olhos de toda a gente. É assim. Quase sem pensar, o público dá pela imagem que se ajusta à legenda. Quase sem se aperceber, repara que, de todas as palavras possíveis, a que figura no anúncio é a certa. Estabelece-se a comunicação. Pois é a procura desse acto de COMUNICAR que o «DIÁRIO DE LISBOA» estabeleceu o grande concurso que, este ano, se repete sob a designação de «GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE».

Preparam-se as Agências, os «plásticos», os anunciantes que o concurso está em marcha!

NAS ASAS DA IBÉRIA MAJA DE PORTUGAL

CONTINUA A APRESENTAÇÃO DAS CONCORRENTES

Ultrapassou toda a expectativa a realização, através do nosso jornal, do concurso para eleição da «Maja de Portugal-1969»: certamente promovido pela Associação Maja Internacional com o apoio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha). Dezenas de concorrentes, qual delas mais fotogénica e atraente, concorrem ao convite do «Diário de Lisboa», o que torna extremamente difícil a tarefa do júri prévio encarregado de seleccionar as jovens que,

no desfile final, se habilitarão ao título que garante (no mínimo) uma bela viagem a Saragoça. E daí (quem sabe?) até aos Estados Unidos da América do Norte, na sequência do prémio que é conferido à «Maja Internacional», eleita em terras de Espanha como a mais fotogénica e simpática das representantes de vinte países.

Hoje, apresentamos a nossa leitora Maria Felmina Cruz, de 20 anos, de idade residente

Lisboa. Tem um metro e sessenta centímetros de altura e, como se pode adivinhar, candidata cotada ao título em equação.



Maria Felmina Cruz

A Exposição Filgráfica foi hoje inaugurada pelo Chefe do Estado

Foi esta tarde inaugurada pelo Chefe do Estado, com a presença de vários membros do Governo, representantes do corpo diplomático e muitas outras individualidades a Exposição Filgráfica, promovida pela Associação Industrial de Lisboa.

O certame, patente na F. 1. L., destina-se a apresentar materiais primos e equipamentos utilizados no sector das artes gráficas. Estão re-

presentados 350 expostos de dezasseis países, estando o nosso País representado por 116 entidades. Há ainda, 85 expostos, espanhóis, 81 alemães, 55 britânicos, 43 chineses, 35 brasileiros, 28 franceses, 28 italianos, 24 norte-americanos, 21 suíços, 10 belgas, 8 holandeses, 8 suecos, 3 dinamarqueses, 2 austríacos, 2 japoneses e 1 tunisino.

A exposição Filgráfica contém com o segundo certame da Imprensa Nacional e estará patente ao público até ao próximo dia 12 do corrente.

No salão de entrada, junto ao balcão dos C. T. T., o Banco Borges & Irmão instalou um posto de câmbios, onde, quer os participantes na Filgráfica, quer os visitantes, poderão, dentro do horário do certame, efectuar, com rapidez e comodidade, qualquer operação cambial.

TRÊS FERIDOS NUMA DROGARIA DEVIDO Á EXPLOÇÃO DE UM FOGAREIRO A PETRÓLEO

Numa drogaria da Rua Duarte Pacheco Pereira ocorreu, ao princípio da tarde, a explosão de um fogareiro a petróleo.

O acidente fez três feridos: Luis Faria Magro, de 16 anos, empregado do estabelecimento; a sua colega Maria Isabel Reis Esteves, de 21 anos; e a cliente Ivete Guante Barbosa, de 46 anos, residente na Rua Lopo Infante.

Transportados ao Hospital de S. José, só o primeiro ficou internado na Sala de Observações.

MORTO pelo desmoronamento de um tecto

No hospital de S. José faleceu hoje José Antonio Pinela, de 62 anos, jornalista, de Monte Estoril, Sintra, que nos hospital desta localidade foi atingido pelo tecto da enfermaria, que abateu

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilizam os comboios eléctricos.

TRUCIDADA POR UM COMBOIO

AVEIRO, 1 — Na estação ferroviária desta localidade foi apanhada, às 7 horas, pelo comboio vindo do Porto, uma mulher que aparenta 45 anos. Vestia de negro, calçava botas de borracha, trazia bolsa azul e um garfê que se supõe destinava-se a venda no mercado local. O corpo ficou trucidado. Desconhece-se a identidade da vítima.

ADIADO O VOO DO «CONCORDE»

TOULOUSE, 1 — (F. P.) — Foi anulado o voo experimental do «Concorde» que devia realizar-se esta manhã.

O director-geral da Sud-Aviation, Ziegler, indicará dentro de pouco tempo se o voo se efectuará esta tarde ou se é adiado para amanhã.

As condições meteorológicas não são as mais favoráveis. Com efeito, o vento que se levantara ontem, embora de fraca intensidade, varre a pista e o tecto é ainda muito baixo.

Adiado o julgamento do caso do assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz

Estava marcado para segunda-feira, dia 3, o julgamento dos inculcados no assalto ao Banco de Portugal, na Figueira da Foz. Esse julgamento foi porém adiado, sem ter sido marcado o dia em que se deve efectuar.

O caso ocorreu no Verão de 1967, como é do conhecimento público. Alguns dos inculcados foram presos pouco depois; outros porém só vieram a ser na altura em que um grupo de entrados clandestinamente em Portugal foi ocasionalmente encontrado em Moncorvo e detido. Sabese também que alguns se encontram ainda à revelia, no estrangeiro.

O julgamento fora marcado, após requerimento dos advogados para o Supremo Tribunal de Justiça, para o tribunal da comarca da Figueira da Foz. Posteriormente foi marcado para o tribunal de Coimbra onde se devia efectuar na segunda-feira, como anunciamos.

Adiado o julgamento deverá em breve ser marcado de novo. Preside o corregedor do círculo judicial de Coimbra, tendo como adjuntos os juizes da Figueira da Foz e de Montemor-o-Velho.

No julgamento intervêm Foz, Armando Bacelar, do Porto, Mário Soares e Francisco Salgado Zenha, de Lisboa, e Vasco da Gama Fernandes, de Leiria.

Cumpriu quatro anos de prisão maior provavelmente sem razão

O Supremo Tribunal Militar, em sessão de 27 de Fevereiro, concedeu a suspensão da execução da sentença e liberdade condicional ao ex-soldado da Guarda Fiscal Mário dos Santos Pinto, condenado pelo Tribunal Militar de Viseu, em 1964, a 16 anos de prisão maior, pelo crime de homicídio voluntário na pessoa do civil Amadeu Trigueiro, ocorrido em 21 de Outubro de 1963, em Vilar Formoso.

O veredicto estribava-se grandemente no testemunho de várias testemunhas, que afirmaram ter presenciado o crime, apesar da persistência

negativa do acusado, que sempre negou o que lhe era imputado. Este, entretanto, intentou um processo de perjúrio contra essas testemunhas, o que motivara investigações policiais, as quais tiveram êxito, pois aquelas acabaram de ser pronunciadas, sem admissão de caução, no tribunal da comarca de Viseu.

O Presidente do Conselho recebeu ainda, em audiências separadas, os presidentes da Associação Comercial do Porto e da Associação Industrial Portuguesa. Pelo presidente da A. C. P. foi entregue ao Chefe do Governo, o diploma de sócio honorário daquela associação. O mesmo presidente, convidou o prof. Marcello Caetano para visitar o Porto.

O ministro da Educação em Leiria

LEIRIA, 1 — Vc.o. hoje, em visita oficial, a esta cidade, sua terra natal, o ministro da Educação, sr. dr. José Hermano Saraiva, que, á chegada, era aguardado, no Largo da República, junto da Câmara Municipal, além de outras, pelas seguintes entidades: chefe do distrito, presidentes do Município, da comissão distrital da União Nacional, além de alunos dos estabelecimentos de ensino locais, etc.

Após breve troca de cumprimentos houve, no salão nobre da Câmara, uma sessão solene, durante a qual saudou aquele membro do Governo o presidente da entidade, sr. inspector Bernardo Pimenta. O ministro tratou, depois de diversos assuntos dependentes do seu Ministério, de interesse para a cidade.

O sr. dr. Hermano Saraiva e sua esposa foram obsequiados com um almoço no Hotel Euro-Sol, no qual tomaram parte diversas entidades.

Durante a tarde decorre a cerimónia da inauguração, no salão da biblioteca da Escola Técnica, sob a presidência do ministro, de uma exposição de trabalhos representativos da obra do escultor prof. Joaquim Correia, director da Escola Superior de Belas-Artes.

O sr. dr. Hermano Saraiva, ali recebido pelo respectivo director, sr. eng.º Henrique Torres Machado da Fonseca; pelo corpo docente e alunos; visita, seguidamente, o Palácio Gimnodesportivo, em adiantada fase de construção, junto dos terrenos do Estádio Municipal.

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	21/2/69	28/2/69	Desvio %
GERAL	111,6	111,5	-0,1
METROPOLITANAS	109,1	109,2	+0,1
Bancárias	149,4	150,6	+0,8
Eléctricas	94,2	94,1	-0,1
Industriais	104,1	103,5	-0,6
Diversas	100,0	99,9	-0,1
ULTRAMARINAS	130,3	128,5	-1,4
Angolanas	133,3	131,4	-1,4
Mozambicanas	95,1	95,7	+0,6

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS
47116 — 4 000 000\$
1339 — 400 000\$
35757 — 200 000\$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

47115 — 15 875\$
47117 — 15 875\$

PRÉMIOS DE 10 000 000\$
3592 4658 7768 8648 9132
9239 10218 10439 11631 12431
13471 22063 26486 26375 27321
27888 29469 30317 30945 31774
34740 37988 40355 42526 42986
47863 48012 49778 50182 51354
53273 58642

PRÉMIOS DE 500 000\$ (continua)
1301 a 1400; 35701 a 35800 e 47101 a 47200.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Foram premiados com 1250\$00, no bilhete, todos os números terminados em 396. Com 1000\$00, os terminados em 010; 090; 473; 537; 544; 643; 823; 824 e 899. Com 500\$00, os terminados em 11, 50 e 98. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final seja 6, têm direito ao prémio de 250\$00, a que corresponde a terminação.

Todavia, esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 1.000 Contos da «Sorte Grande» foram distribuídos nos balcões da Casa da Sorte.

OS 4.000 CONTOS DA SORTE GRANDE

foram distribuídos nos balcões da

CASA DA SORTE

Veja o anúncio na última página

J. PIMENTA A SARI

ANDARES

A MADORA PAÇO D'ARCOS
FRENTE A ESTAÇÃO DO C. F.
REBOLEIRA ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE
AMADORA V.B.N.
DA NOVA B. PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187\$50 MENSAIS

Garantido no acto de escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZENS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios, porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

NOVO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO EUROPEIA DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE

Na primeira assembleia geral da nova Associação Europeia de Agências de Publicidade, que decorreu em Zurique, o sr. Jean-Max Lenormand, presidente da Companhia de Agências de Publicidade (C.A.P.), executivo vice-presidente para a Europa Ocidental de McCann Erickson International, foi eleito presidente da Associação, a qual está dividida em dois grupos.

O primeiro reporta-se às associações nacionais de agências de serviço completo da Alemanha, Dinamarca, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Itália, Noruega, Suécia e Suíça. Este grupo será presidido pelo sr. dr. Wolfgang Gabler, presidente da agência alemã Carl Gabler & Co. Os delegados da França para este grupo são o presidente sr. Henri Henault e o sr. Michel Peytel.

O segundo grupo é formado por um certo número de agências plurinacionais: Bates International, Coleman Prentiss & Valley (C.P.V.), Dupuy Compton, Foote Cone & Belding, Linta Int., London Press Exchange (L.P.E.), Masius Int., McCann Erickson International, J. Walter Thompson, Ab Svenska Telegrambyråen. Este grupo será presidido pelo sr. Don Johnston, vice-presidente responsável de J. Walter Thompson para a Europa.

O secretário-geral da Associação é o sr. Smeum, cujos serviços serão, por enquanto, mantidos em Zurique.

No decorrer da reunião, a assembleia adoptou um importante plano de acção destinado, por um lado, a estreitar os laços entre os anunciantes, agências e consumidores, e por outro lado a promover a publicidade nos diferentes países europeus e a fazer apreciar com a devida importância a função da agência.

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

tução das boas vontades particulares.

Já que se tratava de Festival da Canção teria sido muito louvável que a recita do festival se transformasse em benefício da própria canção. Com ela se cria, por exemplo, um fundo que premiasse autores e compositores jovens num saudável espírito de competição e convivência, com vista no fomento de uma canção ligada de raiz nacional.

Desculpem. Com certeza estou a sonhar. A felicidade do David Cooperfield contagiou-me. A verdade é que, depois de um dia tão difícil e modesto como o de ontem, me sinto de certo modo envergonhado por falar destes temas tão, como heide dizer, tão ligeiros ou fúteis. Ou inuteis, se quiserem. Como quiserem.

Com a chegada da violoncelista Jacqueline Dupré, que vem tocarnos uma sonata de Brahms, os meus pensamentos sofrem eclipse momentâneo. Suspensos das arestas do violoncelo, admirativo para a câmara inglesa atenta aos mínimos pormenores do rosto e das mãos, da contensão e do ataque de Jacqueline...

Sorrio. Quem quiser passar para o «Chaparral» tem de atravessar Brahms, a vau. A bem ou a mal, há-de ouvir o que Brahms tem para lhe dizer. Ah, eu sei! Eu sei! Demasiado sei, eu que muitos telespectadores aproveitaram para ir lá dentro, para pôr na mesa uns biscoitos, para o infernal como fomos dizendo há bocadinho... Eu sei. Alguém ficará, é a minha esperança. Os muitos de amanhã foram sempre os poucos de hoje. Teimemos, irmãos, teimemos.

Não me julguem puritano e sabio a esse ponto. Não tenho alma aséptica como as salas de operações. Eis-me firme, no meu posto, a assistir chaparralmente instala-

do A história de El Lobo. Um tiro na guitarra do Blue. O bandido que dizia para a rapariga: «Cocoma nas costas...». E a rapariga dizia: «Não queres saber dos meus vestidos novos.» Em resumo: nunca, em nenhum «Chaparral» se gastou tanta pólvora seca como no episódio de ontem. Foi uma alegria. Para tristezas já basta a vida.

M. C.

PORTUGAL REPRESENTADO NO I SIMPÓSIO EUROPEU SOBRE PAVIMENTOS DE BETÃO

A fim de analisar questões de um interesse muito particular para a Europa, vai realizar-se em Paris, de 2 a 4 de Julho próximo, o I Simpósio Europeu sobre Pavimentos de Betão de Cimento.

Trata-se de uma iniciativa patrocinada pela Associação Internacional Permanente dos Congressos da Estrada, durante a qual se procederá ao estudo das teorias actuais de cálculo e das técnicas mais modernas de construção dos pavimentos definitivos. O programa inclui, ainda, uma visita às obras do prolongamento da famosa auto-estrada do Sul da França, entre Paris e Dijon.

Portugal participará no simpósio, em que colaboram organismos de investigação de vários países. As inscrições de todos os interessados podem ser feitas directamente, até ao dia 1 de Maio, para o respectivo secretariado, 2, Rue de Saint-Charles, Paris 15, ou através da Associação Técnica da Indústria de Cimento, Avenida 5 de Outubro, 54, 2.º direito, Lisboa.

AS MENSALIDADES DOS COLÉGIOS PARTICULARES

Do nosso leitor sr. Ernesto Alfredo Krueger, professor diplomado do E. T. P., recebemos esta carta:

«Sob o título em referência, publicou o jornal de que V. é muito digno director uma notícia segundo a qual os proprietários de estabelecimentos de ensino particular vão aumentar de 15 por cento as mensalidades dos alunos, a partir de 1 de Março, devido ao aumento dos ordenados dos professores.

Surpreende-me, todavia, o ter-se omitido uma das razões fundamentais da precária situação de muitos estabelecimentos de ensino particular, a qual, a meu ver, não reside no aumento dos ordenados dos professores.

Efectivamente, ninguém deveria ignorar que, a partir de 1963, o ensino particular foi gravemente atingido nos seus alicerces pelo lançamento da contribuição industrial a que ficou sujeito e cuja taxa actual é da ordem dos 23 por cento sobre as receitas mais ou menos líquidas da exploração, quando, antes daquele período, se entendera por bem isentar, durante largos anos, este ensino de qualquer espécie de tributação.

Ora, se antigamente já era de ponderar que os colégios

não eram fundamentalmente um negócio; que a sua rentabilidade exigua e exploração muitas vezes deficitária mereciam apoio superior (trazido, então, pelo menos, pela completa isenção de qualquer contribuição), que dizer agora uma sobrecarga tão pesada como a contribuição industrial?

Os aumentos dos ordenados dos professores, aliás justificados, não poderão afectar tão gravemente o ensino particular como vinte e três por cento de contribuição industrial, que constituem um pesadíssimo fardo, absolutamente insuperável por quaisquer aumentos das mensalidades escolares.

Os resultados de tal medida já estão, desastrosamente, a fazer-se sentir através da capitação, que se pressente, de vários estabelecimentos congêneres. Basta ler com atenção a secção de anúncios da nossa Imprensa matutina, em que se verifica estarem à venda externatos e alvarás de ensino. Quem lhes pegará?

Muito agradeceria a V. a publicação desta carta. É que, se porventura este grave problema não estiver, assim, a ser correctamente visualizado, serão todos osvidos e todos beneficiaremos de um esclarecimento.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

Capital: 450 000 000\$00

Sede: — Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convida os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária, na sede da sociedade, Rua de Alexandre Herculano, n.º 244, no Porto, no dia 24 do próximo mês de Março, pelas 10 horas e 30 minutos, a fim de:

- deliberarem sobre Balanço, Contas e Relatório do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano findo;
- deliberarem sobre a venda de uma parcela do terreno no Freixo (Porto).

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos oito dias antes da Assembleia, no Banco Pinto & Sotto Mayer ou no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa ou no Banco Português de Atlântico, em Lisboa ou Porto.

Porto, 26 de Fevereiro de 1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

(a) Eduardo Furtado

Museu de Etnologia do Ultramar

Pelo Seminário das Missões do Espírito Santo, de Viana do Castelo, acaba de ser entregue ao Museu de Etnologia do Ultramar um conjunto de várias dezenas de peças de grande valor etnográfico.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

VEJA O SEU CORPO TRANSFORMAR-SE EM 17 DIAS

O dobro do volume das suas musculaturas em 4 semanas apenas... Ao fim de 17 DIAS já a sua silhueta estará completamente mudada com o



«ERKOSTRONG»

O aparelho que o REPRESENTAL, LDA, se orgulha de apresentar em Portugal, sob exclusividade.

Seja também um homem másculo e estético.

Para isso, necessita apenas de dispor de 9 minutos diários em sua casa, e dum aparelho «ERKOSTRONG».

Uma descoberta que revolucionou a cultura física em todo o mundo.

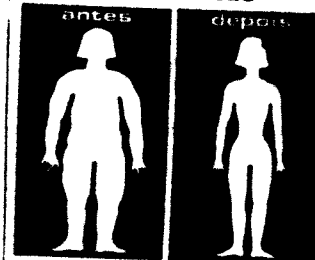
Extraordinário na diminuição de volume do ventre dilatado.

Para todos os indivíduos dos 15 aos 65 anos, MAGROS OU GORDOS.

Emagreça



por semana através das vibrações electrónicas



Agora com o aparelho «Cousin Electronique» poderá eliminar gorduras e celulite ou enrijecer carnes flácidas em qualquer parte do corpo.

As ondas de vibração electromagnéticas do «Cousin Electronique» têm efeitos sedativos para ALIVIO DE DORES E MAU-ESTAR provocados por: Bicos de papagaio, reumático, ciático, lumbago, varizes, cólicas e cansaço muscular.

EXCELENTE ACÇÃO FISIOTERÁPIA PARA alterações ao nível do sistema neuro-vegetativo como: Prisão de ventre, gases, digestões difíceis, flatulências, insónias, fadiga nervosa, etc.

EXCELENTE ACTIVADOR DA CIRCULAÇÃO SANGÜÍNEA.

Confere melhor bem-estar geral ao organismo.

Unize o «Cousin Electronique» para emagrecer, para saúde e bem estar.

Um verdadeiro milagre da técnica, produzido pela indústria electrotécnica, por um preço acessível a todos.

Elimine para sempre OS PELOS INESTÉTICOS

ATRAVÉS DA DEPILAÇÃO ELECTRICA

Apenas por 387\$50 com o depilador



«ELECTRONIC PENCIL»

O mais pequeno aparelho eléctrico de depilação.

Agora pela galvanização da raiz, com este portátil aparelho de pilhas, poderá eliminar PARA TODA A VIDA os pelos do rosto, das pernas, das axilas, das mãos e das costas.

Recorte no cuplo este cupão, e receberá literatura grátis e sem qualquer compromisso. Envie a:

DEPARTAMENTO DE VENDAS E REPRESENTAÇÕES, LDA.
Rua de Triângulo Vermelho, 25-A
Lisboa

Assine com uma cruz o aparelho sobre o qual deseja receber literatura

ERKOSTRONG
COUSSIN ELECTRONIC
ELECTRONIC PENCIL

Nome
Morada
Localidade D. L.

NACIONAL DE FUTEBOL DA PRIMEIRA DIVISÃO

QUEM VAI FICAR NA FRENTE?

Guimarães, Porto e Benfica comandam a classificação do campeonato. Mas Guimarães, Porto e Benfica são, amanhã, três equipas em dificuldades, a contas com a ameaça de perderem terreno, agora que a prova se aproxima do fim. Talvez que o jogo das Antas deva mesmo ser apontado como o n.º 1 deste animado domingo de futebol. Porque aí há um confronto directo entre dois «leaders», cada um a procurar proveito do brado: o seu próprio triunfo e a derrota do concorrente aos louros da vitória final. Apaixonante, este Porto-Guimarães. E na Luz, há o Benfica-Sporting, que, para além de ser um Benfica-Sporting, tem igualmente importância marcada no destino do campeonato. Envolvendo, porém, um só e ameaçado «guia»: o Benfica. A ameaça vai do mesmo Sporting que no domingo anterior venceu o Porto.

BENFICA (29 p.)-SPORTING (21 p.) — Campeões preocupados com o problema próximo... e com o Ajax, de quarta-feira próxima. Equipa habituada a estes ambientes desde antecâmara que estagia em Oeiras. Dos jogadores magoados, Jacinto e Simões, há a convicção de que o extremo-esquerdo está quase certo na equipa, enquanto que o defesa deve quedar-se como suplente.

No que respeita ao Sporting é inevitável que a equipa se reencontrou frente a F. C. Porto, mostrando um futebol há muito tempo cauteses. Houve, durante a

semana, um «susto» com Chico. Porém, entregue aos cuidados do departamento clínico, parece perfeitamente apto para amanhã.

Equipas prováveis:
BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto, Raul e Cruz; Coluna e Toni; Jaime Graça, Torres, Eusébio e Simões.
SPORTING — Damas; Celestino, Armando, José Carlos e Pedro Gomes; Alexandre Baptista e Pedras; Chico, Lourenço, Marinho e José Morais.

F. C. PORTO (29 p.) — **V. DE GUIMARÃES (29 p.)** — Nas Antas, «match» sen-

sacional entre os «leaders» nortenhos. Ambos os clubes apresentam as equipas que no último domingo alinharam, a dos vimaranenses contra a Académica, no seu campo (triunfo, por 2-1) e a dos portistas, em Alvalade, contra o Sporting (derrota, também por 2-1). Assim:

F. C. PORTO — Américo; Bernardo da Velha, Rolando, Valdemar e Atraca; Gomes, Pavão e Lisboa; Djalma, Pinto e Nóbrega.

VIT. GUIMARÃES — Rodrigues; Gualter, Pinto, Joaquim Jorge e Costeado; Artur, Peres e Augusto; Zé-zinho, Manuel e Mendes.

Duas equipas com o título à mercê. Os vimaranenses, até agora, fora de casa, apenas consentiram uma derrota, em Tomar. Quanto ao F. C. Porto, no seu meio, apenas perdeu um ponto.

portistas? No jogo da primeira volta, os vimaranenses ganharam por 2-0.

VITÓRIA DE SETUBAL **ACADÉMICA** (22 p.)

Últimas «relevo» em Alvalade: Armando Ferreira, expressivo, energético, convincente, dá instruções a alguns dos seus pupilos. Reconhecem-se: Gonçalves, Ernesto, Morais, Lourenço e Armando.



PORTO-GUIMARÃES E BENFICA-SPORTING: LOTAÇÕES ESGOTADAS E TRÊS «LEADERS» EM APUROS

no desafio disputado contra o Sporting.

Poderá o Vitória apresentar o impeto ofensivo dos

(26 p.)-LEIXÕES (17 p.) — No «team» sadino, os mesmos elementos que no domingo triunfaram indiscutivelmente em S. João da Madeira. Apenas, de começo, José Maria no lugar de Vítor Baptista, ao contrário do que sucedeu naquela vila. O Leixões também apresenta a mesma equipa que na última jornada venceu a do Sporting de Braga.

BELENENSES (20 p.) — **ATLETICO (8 p.)** — Nos «azuis», Ernesto talvez substitua Valters, se tal ao técnico Wilson se afigurar aconselhável. Nos «atléticos» há várias hipóteses, mas deverá alinhar todos os titulares.

SPORTING DE BRAGA (14 p.)-VARZIM (11 p.) — Ambos com igualdade de pontos e ambos, no que parece, já acausados do espectro da baixa da Divisão I. Luta em família, entre minhotos. Nos bracarense, em relação aos dianteiros, Alípio deverá substituir Lupatini. Nos var-

U. F. (24 p.) — Na primeira volta ganharam os eufistas, por 4-3. Estes apresentam, de momento, o seu melhor conjunto. Na Académica, não alinhará, mais uma vez, o avançado Peres, a contar com uma distensão na virilha. Equipa que defrontou a de Guimarães. Encontro de

boas perspectivas, entre «teams» que militam na «zona de tranquilidade».

U. DE TOMAR (16 p.)-SANJOANENSE (9 p.) — Nas redes dos tomarense, Conde ou Anselmo. Entre os avançados, Leães ou Vicente. Mas a equipa não defendeu muito das que têm a etuado ultimamente. Na Sanjoanense, entre os dianteiros, Vítor Silva talvez substitua Carlos. E agora treinada, por o visivelmente, por Rui Mala. Uma recordação: no jogo da primeira volta os sanjoanenses triunfaram por 4-1. Depois decalaram muito.

O DOMINGO DESPORTIVO

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Nacional-B, P. M. (na Ajuda), 18 h.; Académica-Sporting, Vasco da Gama, C. U. F., 18 h.; Barreirense-F. C. Porto, 17 h.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, Zona Sul: C. D. U. L-Seixal e Ateneu-Olhaneenses (na Ajuda), a partir das 16 h.; C. P. Portimão-Luso, 16 h.; V. Setubal-Farense, 17 h.

— Campeonato Nacional de Juniores: Galitos-G. Figueirense, 10 e 30; V. Gama-Spt. Tomar, 16 e 30.

— Campeonato Nacional de Juveniores: Porto-Marinhense, 16 h.; Galitos-Oliveiros de Coimbra, 16 h.

— Campeonato Nacional

Feminino, da 1.ª Divisão: Académico-C. D. U. P., 16 h.; Sanjoanense-Galitos e F. C. Porto-Académico, 17 h.

— Campeonato Nacional Feminino, da 2.ª Divisão: Vilanovense-Gaia, 17; Leça-Oliveiros, 17 e 30.

CICLISMO — Campeonatos regionais (2.ª prova): Profissionais, 200 quilómetros, partida do Campo Grande, 17 horas e chegada a Alvalade; Populares, 30 quilómetros, partidas a partir das 8 horas.

— Prova de preparação para amadores (seniores e juniores).

GOLFE — Campeonato Nacional, de singulares-seniores, no Estoril, de manhã e à tarde.

HIPISMO — Abertura da

época de «poules» da S. H. P., no campo Grande (se as condições de tempo o permitirem).

LUTA-GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional: B. da Banheira-Ateneu e Runa-Fleice, de T. Vedras.

RAGBI — Prosseguimento dos campeonatos nacionais em curso.

REMO — Disputa do Troféu «C. U. L.», na Junqueira, 10 horas.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional de Juniores: V. Guimarães-Externato de Mosca-vide e Desp. F. da Holanda-Lisboa Ginásio, no Liceu de Guimarães, a partir das 10 horas.

CICLISMO

Quatro favoritos no «Regional» de Profissionais

O ciclismo tem amanhã outra jornada de provas movimentada com a realização, na área da Associação do Sul, de provas para todas as categorias.

Os profissionais disputam a segunda corrida do Campeonato Regional de Fundo, na distância de 200 quilómetros no seguinte percurso: Campo Grande (partida da 2.ª circular às 7 e 30). Sacavém, Póvoa, Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira, Porto Alto, Samora Correia, Benavente, Muge, Benfca, Almeirim, Santarém, Azambuja, Almoester, Cartaxo, Azambuja, Carregado, Vila Franca de Xira, Alhandra, Alverca, Sacavém, Campo Grande, Estádio José Alvalade (chegada na pista à segunda passagem pela meta).

Quatro concorrentes — os que no passado domingo lograram isolar-se e conquistar 3 m e 52 s de avanço — apresentam-se como os mais sérios candidatos ao título. Trata-se dos benfquistas Fernando Mendes e Manuel Luís e dos sportingistas Emiliano Dionísio e Firmino Bernardino, os quais atrairão, naturalmente, as atenções gerais.

Os amadores, por sua vez, terão uma prova de preparação numa distância de 100 quilómetros com o seguinte itinerário: Campo Grande (partida às 8 horas da 2.ª circular), Lumiar, Carriche, Loures, Sete Casas, Magalhães, Cabeço de Montach que, Vale de S. Glão, Póvoa da Galega, Milharado, Sapataria, Dois Portos, Runa, Ordasqueira, Torres Vedras, Catelca, Turcifal, Barras, Vila Franca do Rosário, Malveira, Venda do Pinheiro, Lousa, Carriche, Lumiar, Estádio José Alvalade (chegada na pista à segunda passagem pela meta).

Finalmente os populares, com um contra-relógio individual de 30 km, decidem o Campeonato Regional. A partida do primeiro concorrente está marcada para as 8 horas do desvio de Sacavém, seguida até a Póvoa e regresso em seguida ao ponto de partida. Esta prova vai resolver-se com os tempos que cada concorrente conseguir no contra-relógio, pois na anterior aos dez primeiros foi adjudicado o mesmo tempo. No entanto, o despique irá, por certo, decidir-se entre os homens de Benfca e do Sporting.

Boavista-Beira-Mar o jogo principal da 2.ª Divisão

O mais importante desporto da 2.ª Divisão, da Zona Norte, é o que se disputa no campo do Boavista, onde este recebe o Beira-Mar. De resto, a jornada é bastante calma, como se pode verificar pelo calendário da jornada:

Boavista-Beira-Mar, Farnalhão-Salgueiros, Trancoso-Valecambrense, Académico de Viseu-Pena Fel, Covilhã Torres Novas, Leça-Gouveia, Espinho-Tramagal.

Na Zona Sul, o Barreirense tem amanhã jornada tranquila e pode até beneficiar do despique que os seus perseguidores — Torreense e Portimonense — vão travar no Algarve.

Jornada de interesse, sobretudo em relação aos últimos, como se pode verificar:

Barreirense-Lusitano, de Évora, Portimonense-Torreense, Os Leões-Amada, Alhandra-Montijo, Peniche-Oriental, Sintrense-Sesimbra, Seixal-Luso.

Os jogos da III Divisão

O Campeonato Nacional de

Futebol da 3.ª Divisão tem amanhã a sua 18.ª jornada, que compreende os seguintes jogos:

ZONA A
Vila Real-Desportivo de Fafe, Desportivo das Aves-Bragança, Vizela-Gil Vicente, S. Pedro da Costa-Riopelo, Mirandela-Chaves, Rio Ave-Vianense.

ZONA B
Guarda-Ferrense, Lanegão-Mortágua, Os Pinhelenses-Lusitano, Lusitânia-União de Lamas, Celoricense-Oliveirense, União de Coimbra-Os Marinheiros.

ZONA C
Castelo Branco-Casa P.A., Sacavenense-Marinhense, Ferroviários-Naval, 1.º de Maio, Os Nazarenos-Algés, U. Leiria U. Alentejano, S. C. Beira-Mar-Oliveiros.

ZONA D
Juventude-C. Padade, Santarém-Grandolense, Faro e Benfca-B. Beja, Adjustelense-Farense, Vasco da Gama-Olhaneense, Lusitano U. Montemor.

A D. G. Desportos vai decidir sobre o Sanjoanense-Benfca

Nova e sensacional reviravolta conheceu, agora, o tão falado caso, do decantado e debatido Sanjoanense-Benfca.

Uma longa e discutida história de protestos, recursos, acordos e consultas, teve agora, verdadeiro «golpe de teatro», dado pela Comissão de Arbitragem da F. I. F. A., na sua resposta a consulta feita pelo Conselho Técnico: a opinião daquele órgão internacional é absolutamente contrária à que foi expandida pelo Conselho Jurisdicional da nossa Federação.

Situação preocupante e anómala se criou, portanto: Federação é órgão da F. I. F. A. e esta é de opinião contrária à decisão dada por um departamento daquele seu filiado.

Tentando encontrar um caminho reuniu-se ontem, à noite, em sessão plenária e, através de comunicado resolveu entregar o caso à Direcção-Geral dos Desportos, endossando-a dessa forma, toda a sua responsabilidade. A decisão foi tomada pelas seguintes razões principais, aduzidas no comunicado:

«Considerando, por um lado, que a Direcção, na sua qualidade de órgão executivo da F. I. F. A., deve internacionalmente, obediência à F. I. F. A. e à sua Comissão de Árbitros, designadamente, por força regulamentar, no que diz respeito à aplicação das Leis do Jogo;

Considerando, por outro lado, que igualmente a Direcção cumpre dar execução às deliberações com trânsito em julgado do douto Conselho Jurisdicional, como é o caso presente;

Considerando, por fim, que as soluções adoptadas pela Comissão de Árbitros da F. I. F. A. e pelo Conselho Jurisdicional são absolutamente contraditórias, foi deliberado, por unanimidade, solicitar, com a maior brevidade, ao Ex.º Director-Geral dos Desportos, que se digne instruir esta Direcção acerca de qual das duas soluções deve por ela ser respectada.»

Esperemos, agora, pela decisão do Director-Geral dos Desportos.

HOJE À NOITE

ANDEBOL DE 7 — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Seniores: Benfca-Vit. Setubal (Luz), F. C. Porto-Sporting e Sp. Espinho-Vigorosa, às 22 horas (1.º e 3.º) e 22 e 30 (2.º). Juniores: Belenenses-Vitória (C. Ond. que), F. C. Porto-Sporting e Beira-Mar-2.º do Porto, às 21 e 30.

NATAÇÃO — Torneio organizado pela Associação de Lisboa, de inscrição livre, na piscina do Areeiro, às 21 e 15.

TENIS DE MESA — Festival para distribuição dos prémios da Associação de Lisboa, das épocas de 1965-66, 1966-67 e 1967-68 e final do Campeonato de Lisboa, da 2.ª Divisão (Lisgás-Rod. Cor-deiro), na sala de «Os Combatentes», às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional de Juniores: Desp. F. Holanda-Externato Mosca-vide e V. Guimarães-Lisboa Ginásio, no Liceu de Guimarães, às 18 e às 19 horas.

«NACIONAL» DE BASQUETEBOL (1.ª Divisão)

SPORTING — deslocações difíceis ao Porto e a Coimbra

Neste fim de semana realizamos as 3.ª e 4.ª jornadas do Campeonato, com jogos distribuídos pelo Barreiro, Lisboa, Coimbra e Porto, entre os quais teremos breves comentários.

O Sporting tem, mais uma vez, dois encontros bastante difíceis, sendo o primeiro, hoje, no Porto frente ao Vasco da Gama, partida que vai, com certeza, proporcionar espectáculo emotivo, dada a voluntariedade dos «vascalhos» frente ao maior técnico do 60 % dos «leões». Embora difícil que o 6 na verdade, é de prever, conta-

Amanhã ambos os grupos deslocam-se. Também na Ajuda, e na mesma noite jogam Nacional e Porto. Os norte-nhos perante a subida do adversário podem averbar mais uma derrota. No Barreiro talvez surja novo golpe nas aspirações do B. P. M. Os rapazes do Sul, moralizados pelo recente êxito frente à Académica, podem muito bem repetir-se perante os «bancários» nortenhos. Continuando no Sul teremos, amanhã, o Nacional-B. P. M. na Ajuda, à tarde. Novamente, os nortenhos se encontrarão, em dificuldades, pois os

jovens do Nacional, a repetirem as últimas exhibições, não deixarão quase com certeza, fugir a vitória.

A C. U. F., tal como o Sporting, tem duas difíceis deslocações. A primeira, hoje, a Coimbra. Muito embora, as boas actuações que os fabris têm efectuado, não nos parece, que consigam levar a melhor frente aos escolares.

Amanhã no Porto frente ao Vasco da Gama já temos de nos quedar na expectativa.

P. L. M.

NA LUZ E NAS ANTAS

Produções Langa Moreira efectuam, amanhã, com a tradicional colaboração do «Diário de Lisboa», a cobertura radiofónica, directa e integral, dos dois mais importantes encontros da 21.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão. Teremos, portanto:

Benfica Sporting — O grande encontro do Estádio da Luz será transmitido simultaneamente pelos emissores de Lisboa e Porto de Rádio Clube Português.

F. C. do Porto V. Guimarães — O não menos importante prélio do Estádio das Antas será irradiado, também em simultâneo, pelo Rádio Voz de Lisboa e pelos Emissores do Norte Regionais.

Durante estes relatos, P. L. M. estará em permanente contacto com a nossa redacção, de onde serão transmitidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, incluindo resultados em curso da hora, dos jogos que se realizam nos outros campos e ainda, a obra do Teletón.

No intervalo, da para o ar mais uma edição da rubrica «O CASO DA SEMANA».

O Benfica-Sporting transmitido para Angola

P. L. M. transmite ainda, também directa e integralmente, através de uma rede de oito emissores, o relato do encontro Benfica-Sporting para toda a província de Angola.



Joaquim Ferreira Bogalho — o «homem do Estádio» — recebe das mãos do presidente do Benfica, comendador Adolfo Vieira de Brito, o emblema de 50 anos de associado.

BENFICA — 65 anos de vida começaram a ser comemorados

O Benfica está em festa. Sessenta e cinco anos de vida e de trabalho em prol do desporto, começaram a ser comemorados com a realização de uma sessão solene, efectuada, ontem, na sua sede.

Mais de meio milhar de «dedicações» receberam a gratidão do clube. Seis (José Vasques Filipe, Joaquim Tremoceiro Junior, George Dumont Nesbitt, José Lourenço Tavares, António Nunes e Joaquim Ferreira Bogalho) completaram meio século de filiação clubista. Para eles, uma longa e expressiva ovacão. Joaquim Bogalho — o «homem do estádio» — foi acolhido com particular carinho. Os benfiquistas não o esqueceram. Joaquim Bogalho emocionou-se. Compreensível. O comendador Adolfo Vieira de Brito entregou-lhe o emblema de ouro. Um abraço significativo. Aplausos.

Depois do dr. Luis Bato, que (orientador da sessão) e Adolfo de Brito terem dirigido breves palavras alusivas ao significado do acto, procedeu-se à chamada dos associados com direito ao emblema «dedicação», cabendo tal

tarifa ao nosso camarada Mário Sérgio.

Entre os sócios com 25 anos de vida associativa distinguimos a presença dos drs. Lourenço Gago e Luis Bato, o prof. Nuno de Barros, Idalino de Freitas e o conhecido árbitro de futebol Manuel Lousada.

TRÊS PORTUGUESES NO «CORTA-MATO CANTÁBRICO»

Partiram, hoje, para Espanha, os três portugueses — Maximiano Pinheiro, Carlos Lopes e José Lourenço, o primeiro do Ginásio 1.º de Maio, Agualva, campeão regional e nacional de corta-mato; e os segundos, do Sporting, os melhores classificados no computo das duas principais competições oficiais de corta-mato — que em Santander, amanhã, participarão, ao lado de franceses, ingleses e espanhóis, no «Cross Internacional Costa Esmiradas», de organização da Federação de Atletismo da Cantábria.

O campeão nacional de corta-mato Maximiano Pinheiro, em excelente forma física, poderá dar-nos uma ideia do seu actual valor em competição com destacadas figuras das corridas através do campo.

Além das equipas da França e da Inglaterra, aliás, especialistas neste género de competições, os espanhóis estarão presentes em força, tanto mais que uma semana depois efectuar-se-á em Madrid, em alto nível, os Campeonatos Nacionais de Corta-Mato.

Os dois principais expoentes da França e da Inglaterra são, sem dúvida, Jourdan e Mike Taag. A estes podemos juntar o espanhol Haro, que esta época está em grande apuro de forma.

É claro que as possibilidades

ENTREGA DE PRÉMIOS DA A. PATINAGEM

Em Campo de Ourique, ontem, à noite, a entrega dos prémios respeitantes às competições da Associação de Patinagem de Lisboa, da época passada, festival que, para além dessa cerimónia, englobava ainda dois encontros de hóquei em patins de muito interesse.

No primeiro destes encontros defrontaram-se as equipas campeãs de iniciados, o Paço de Arcos, e a de juvenis, a Juventude Salesiana, tendo esta vencido por 8-0, com 4-0 ao intervalo.

No outro jogo, o Campo de Ourique, vencedor da Taça «José Prazeres», venceu o Belenenses, campeão regional e nacional da II Divisão por 7-2 com 2-0 ao intervalo.

Foram entregues 14 taças aos seguintes clubes: Benfica (4), Juventude Salesiana (3), Campo de Ourique (2), Sporting (1), C.U.F. (1), Parede (1), Paço de Arcos (1) e Belenenses (1).

A Juventude Salesiana recebeu ainda a Taça «Eng. Cândido Duarte», por ter ganhado em três anos alternados o regional de juniores.

Como prémio de D.S.P.N.A., foram entregues placas aos seguintes clubes: Parede, Belenenses, Educação Física, Estremoz e Sporting de Torres. Foram ainda distribuídas bolas e regras de jogo a 13 clubes.

Para finalizar, foram distinguidos pelas suas actuações no capítulo da arbitragem, Manuel Barata (1967) e Manuel Soares (1968).

Encarregou-se da distribuição dos prémios o presidente da A.P.L. sr. José Bruno Teixeira.



É um negro americano, David Haughes, de seu nome, tem 21 anos e 2 metros e 4 centímetros de altura. Joga basquetebol e estreou-se, agora, no Belenenses, contra o Lissas. Uma novidade, no panorama da modalidade, entre nós.

do, que a supremacia «portuguesa» acaba por se impor. Já amanhã, a tarefa dos lisboetas se apresenta mais difícil, pois o adversário chama-se Académica, e todos conhecem a capacidade desta equipa mormente quando actua no seu ambiente. Os estudantes que desta vez se devem apresentar completos (Reis Pires e Hilário não jogaram na semana passada) podem muito bem ser a primeira equipa, a conseguir quebrar a invencibilidade do Sporting. Encontro de desfecho imprevisível, que por isso mesmo (além do valor dos contendores) pode proporcionar uma ótima sessão de basquetebol.

Ao Benfica cabe receber o Maranhense esta noite. Encontro sem dúvida curioso, conhecida a réplica que os visitantes podem oferecer.

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. — Telef. 771639. (Ao Campo Pequeno)

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Triunfos do Algas, C. D. U. L., Atlético e Belenenses nos encontros ontem disputados

Referentes à Zona Sul, e a contar para o «Nacional» da II Divisão, disputaram-se, ontem, à noite, no Pavilhão da Ajuda, mais quatro jogos com os seguintes resultados: Técnico-Algas, 62-68 (20-28 ao intervalo); Atlético-C. I. P., 50-41 (15-23); Oriental-C. D. U. L., 41-69 (22-37); Belenenses-Lissas, 35-41 (28-19).

Os números finais estão de acordo com o decorrer dos partidas, sendo de salientar a recuperação conseguida pelo Atlético já nos últimos minutos do jogo que disputou com o C. I. F.

TENIS DE MESA

Principiou a 2.ª volta dos Campeonatos Femininos e de Juniores

Foram os seguintes os resultados correspondentes aos jogos da primeira jornada da

segunda volta dos campeonatos femininos. V. I. B. Amorim-Ateneu, 1-5; Combatentes-P. Arcos, 0-5. O jogo Sporting-Benfica não se efectuou.

No que respeita ao Campeonato de Juniores, os encontros da 8.ª jornada (1.ª da segunda volta) proporcionaram os seguintes resultados: Benfica-Armadorense, 5-0; Agualva-Intendente, 2-5; Lissas-Sporting, 0-5; C. Católico-Ateneu, 5-4.

VOLEIBOL

O Nacional venceu claramente o L. Ginásio

Prosseguiu ontem em Oeiras, o campeonato de Lisboa de Voleibol na categoria de seniores, tendo o Nacional de ginástica vencido o L. Ginásio por 3-0 (15,12; 15,4; 15,5).

Sob a direcção de Alberto Sousa e Alfredo Silva, as equipas formaram:

NACIONAL — Artur Sequeira, Vilar Moreira, José Custódio, Fernando Carvalho, José Pimpão, João Silveira e António Resende.

L. GINÁSIO — José Borges, Casal Ribeiro, Joaquim Azevedo, Marques Pereira, Fernando Simões, Armando Jerónimo, Fernando Boletto, Rodrigo Carvalho e António Ribeiro.

Encontro, de baixo nível por culpa exclusiva do L. Ginásio que continua a ser uma equipa encaracterística.

No 1.º set, depois de um começo fulgurante do Nacional que chegou a 12/6, os «ginastas» reagiram, alcançando mais 5 pontos o que colocou o marcador em 12/11, dando assim certa emoção à partida.

No entanto ficou por aqui a réplica do L. Ginásio que nunca mais se encontrou, mostrando-se os seus jogadores apáticos e descrentes e revelando, ao mesmo tempo, nítida falta de conjunto.

O Nacional, que lutou sempre de maneira uniforme, acabou por alcançar um fácil e justo triunfo que após o 1.º set não parecia vir a ser tão expressiva.

Conta Universitária

BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
Carrot Baker, Jean Sorel
e George Milles
no empolgante filme em
Scope colorido
**O DOCE CORPO
DE DEBORAH**
Metro: estação Picos

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 787778
As 15.00, 18.15 e 21.45
2.ª SEMANA
Um acontecimento memorável
na história do Cinema!
**O DESAFIO
DAS ÁGUIAS**
com Richard Burton, Clint
Eastwood e Mary Ure
70 mm — Metrocolor
O filme de fundo começa a
projectar-se 5 minutos depois
do início da sessão

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 64153
As 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Um novo estilo de jovialidade
**DOUTOR... VAMOS
A ISTO!**
com Sidney James, Charles
Hawley e Jean Sims

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779085
7.ª SEMANA
As 18.30 e 21.45
**LE VIOL — o desconhe-
cido desejado**
com Bibi Andersen e Bruno
Cremer na mais perfeita liga-
ção franco-sueca
EASTMANCOLOR

CONDES
Telefa. 32 25 23 - 32 67 10
(M. 12 anos)
As 15.15, 18.15 e 21.30
RICHARD BURTON, CLINT
EASTWOOD, MARY URE
Um espectáculo que é um de-
são à sua coragem!
**O DESAFIO
DAS ÁGUIAS**
— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
SHALAKO
MISSAO EM HONG-KONG

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 15.30 e 21.30
Um filme notável sobre um
amor desvairado e impossível!
**24 HORAS DA VIDA
DE UMA MULHER**
com Danielle Darrieux
e Robert Hoffmann

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 527172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de Roman Polanski
A SEMENTE DO DIABO

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.15, 18.15 e 21.45
Um filme de Roman Polanski
A SEMENTE DO DIABO

ODEON
(Adultos) Tel. 326283
HOJE: 15.15 e 18.15 e às 21.30
ESPANTOSO EXITO
UM FILME DE
SENSACIONAL FEROCIDADE
com TERENCE HILL
VIVA DJANGO
Nunca o édio teve mais alto
preço na ponta de uma bala...
(Eastmancolor) Versão Inglesa

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326385
HOJE: 15.15 e 18.15 e às 21.30
4.ª SEMANA E ÚLTIMA
DE GARGALHADA
com CAMILO DE OLIVEIRA
**O LADRÃO
DE QUEM SE FALA**

IMPERIO
(Adultos) Tel. 558134
As 15.15, 18.30 e 21.30
4.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história
de amor...
TECHNICOLOR
ROMÉO E JULIETA

AMANHÃ, domingo, às 11.00
(onze horas da manhã), an-
testreia patrocinada pelo
ABC Cineclub de Lisboa
do filme de Carl Th. Dreyer
«A PALAVRA» («Ordet») —
Bilhetes à venda (M. 17 anos)

ESTÚDIO
Tel. 48560
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Technicolor — 3.ª SEMANA
**UM CORAÇÃO
SOLITÁRIO**
Um filme de Robert Ellis Miller
com Alan Arkin e Sandra Lick

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 260729
3.ª SEMANA
As 15.15 e 18.15 e 21.30
As 21.30 — em continuação de
estreia — (Adultos)
Tony Curtis e Monica Vitti em
**O CINTO
DA CASTIDADE**

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
DESAFIO
CINDERELA EM PARIS

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 15.30, 18.30 e 21.45
UM IDOLO DA CANÇÃO:
**ROBERTO CARLOS
EM RITMO
DE AVENTURA**
EASTMANCOLOR
Um movimentado filme
com belas canções!

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
As 3 da tarde e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
FRANK SINATRA RAQUEL
WELCH e DAN BLOCHER
(da «Bonanza»)
no filme oficial
**UMA MULHER
NO CIMENTO**

LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 791574
AR CONDICIONADO
Parque privado
As 15.30 e 21.30
**EM PONTO
DE REBUÇADO**
com James Garner, Debbie
Reynolds, Maurice Ronet e
Terry Thomas
A SEGUIR: dias 4 e 5:
«Quanto Mais Quente Melhor»

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 280729
As 17 e 21.30
AS MINHAS PISTOLAS
com Mário Moreno (Cantinflas)

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30
**7 NOIVAS
PARA 7 IRMÃOS**
com Jane Powell e Howard Keel



Fernando Gonçalves, jovem
compositor revelado por
Marques Vidal, está em ver-
sões de gravar o seu pri-
meiro disco comercial, que
terá acompanhamento do
acordeonista Carlos Aires.

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 455131
As 15.15, 18.15 e 21.30
Fred Astaire — Petula Clark —
Tommy Steele em
O VALE DO ARCO IRIS
Technicolor — Panavision

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
TECHNICOLOR
De simples pistoleiro a chefe
da Mafia até ser condenado
pela própria família
Kirk Douglas em
**OS DOIS IRMÃOS
SICILIANOS**

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320917
As 21 horas
**OS TEUS, OS MEUS
E OS NOSSOS**
OS LÍRIOS DO CAMPO

CONCURSO «MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocínio da IBERIA
(Lineas Aereas de España)

Nome
Morada Tel.
Idade Profissão

Junta duas fotos (uma de rosto e outra
de corpo inteiro) e remeter para o «Diário
de Lisboa», Rua Lus Soriano, 44-48, Lisboa

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno D

AJUDA — Mendes Gomes, Col. da Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Lda, Col. da Tapada, 83-A (634721).
ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 99-A (41269).
* Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479).
ALTO DO PINA — Delfon, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (6 Pr. Paiva Couceiro) (843571).
ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * Neve Iorque, Av. Estados Unidos da América, 40-B (junto a Entre-campos, 760658).
AMOREIRAS — Amoretas, Praça das Águas Livres, 8-D (681515).
AREIRO — Maribel, Av. de Roma, 31-A (776235) * Lusi-tana, Avenida de Roma, 8-A (735443) * Childe, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Avenida da República, 55-A (712132) * Providência, R. D. Filipe de Vithena, 9-C (frente ao Banco Social do Arco do Cego (770324) * 54 de Bandeira, R. Marques Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) * Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Casas Novas, lote 66 (310172).
BAIXA — Simões Pires, Rua do Prato, 115 (362350).
BENFICA — Benfites, E. de Benfita 444-A (782606) * Alegria, Estrada de Benfita, 80-A-B (780511) * Progresso, Estrada A-da-Mala, 54-C (702226) * Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126).
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim (3228-32846).
CAMPO DE OURIQUE — Linde, R. Ferreira Borges, 30 (660955) * Fíndar, R. D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Penitentes, Campo das Murtiras da Pátia, 117-119 (553308).
CAMPOLIDE — Ramil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zénel, Rua A. 82 (Barro da Liberdade) (651840) * Neve, R. de Campolide, 97 (641475).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Mar-gem, 15-B (ao Bairro do Grilo) (382470) * Zema, R. General Justino.

ESTEFÂNIA — Feneço, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54608).
GRACA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (861909) * Higiénica, R. Heliadora Sulgado, 20-A (844361).
LUMIAR — Petutela, R. do Lumiar, 122 e 124 (790332) * Deure, Alim. Linhas de Torres, 93-A-B (79181).
MADRAGOA — Mederna, R. Garcia de Orta, 24 (663171).
MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464).
ESTRELA E LAPA — Alb. R. de Santana e Lapa, 56 (663562).
OLIVAIS — Simão, Av. de Berlim, Rua D. 1. G A (310581).
PALHAVA — Cento, Est. das Lo-ranleiras, 202-B (780841).
PEDROÇOS — Higiluz, R. de Pe-drouços, 50-52 (610280).
PICHELEIRA — Mariz, Col. do Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395).
S. PAULO — Marcos do Nas-ci-mento, Col. Marques de Abran-te, 36-A (664238).
SANTO AMARO — Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (63832).
SANTA MARTA — Marais Ser-mento, R. de Santa Marta, 5-A 5-B (46490).
S. Santa Luzia, Rua da Sau-dade, 2-3 (869831).
MOSCAVIDE — Varela, Av. Mos-cavide, 44 (225210).

TEATROS
TEATRO V. SANTANA — As 21 e 45: «Noite de verão» (12 anos).
CASA DA COMEDIA — As 21: «A Caixa de Pandora» (12 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Socinha Freira».
MONUMENTAL — As 20 e 45 e 23 h: «Quando ela se despiu» (17 anos).
LAURA ALVES — As 21 e 23 h: «O Jovem Mendicão» (17 anos).
CAPITOLIO — As 21 e 45: «Lan-go» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 23 h: «A Pregaça» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23 h: «Grande Poeta e o Zé» (17 anos).
ABC — As 20 e 45 e 23 h: «Ela é que sabem» (17 anos).

CINEMAS
COLISEU (cinema) — «Bailarina» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Selvagem e o vento» (17 anos).
PARIS — As 21: «Diga-lo que digam».
ROYAL — As 21: «No calor do noite» (17 anos).
OLIMPIA — As 19: «O vingador oltra à esquerda» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21 e 30: «A mulher dos Mares do Sul» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «Estrela Negra» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Amor e comidos» (12 anos).

JARDIM — As 21: «Ana teares» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — As 21 e 30: «Um homem» (12 anos).
ENCARNACÃO — As 21: «Os teus, os meus e os nossos» (12 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «A Máx-ima do Supergato» (12 anos).
CAMPOLIDE — As 21: «A última jornada» (12 anos).
A VOZ DO OPERARIO — As 21: «O Segredo da Casa Profeta» (12 anos).

Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS CINE — As 21: «Escondido na mata redonda» e «Morte ou vida» (12 anos).
PAREDE — ROYAL CINE — As 21: «Quem brinca com o fogo queima-se» e «O meu caroço homem vivo» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 21 e 30: «As minhas pistolas» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSE — As 21 e 30: «O cinto da castidade» (17 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOAO V. — As 21 e 30: «Mille» — uma rapa-riça moderna» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE PORTU-GAL — As 21: «O justiciero de Rugova» e «3 raparigos em Paris» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPOR-TIVOS — As 21 e 30: «Gente Nova» (12 anos).
MEM-MARTINS — CINE CHABY — As 21 e 30: «7 homens e uma mulher» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Duelo sem tré-guas» (17 anos).

Outra Bando

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 30: «Caçadores de maldade» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — As 21: «Ka-li-Yuga Deus da vingança» e «Faz-se justiça» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — As 21: «Ataque à muralha do Atlântico» e «Com jeito vai de táxi» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JAR-DIM — As 21 e 30: «O tempo do amor» e «O assassino vem na lista» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA — As 21 e 30: «As espingardas do destino» (12 anos).

Outra Bando

ALCOCHETE — Gamello, L. An-tónio dos Santos Jorge 15 — (234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (224020).
ALMADA — Nuno Alveires, Av. D. Nuno Alvares Pereira 39 (270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Alen-ga, Est. Nacional 14 (224302).
BARREIRO — Pimenta, R. Con-joaquim António Aguiar, 259 (2273012).
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pomar, 1 (774365).
MOITA — Silva Rocha, P. da Re-pública, 6 (739029).
MONTIJO — Higiénica, R. José Joaquim Marques, 142 (230370).
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (229081).
SETUBAL — Costa, Largo da Mes-sericórdia (22760) * Brasil, P. do Brasil (24788).
SEIXAL — Godinho, R. da Arela, 5 (229581).

SERVÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361355 * Companhias Reunidas, 537011 * Gásdile, 538521 * Gásdile e Gásdile, 538069.
BOMBEIROS — Sapadores 522222 * Voluntários, 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 533380 * Marítimo, 326456 * Internacional, 362721 * Vi-gilância e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de ur-gência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospi-tal de S. José, 860131 * San-gue, oxigénio e soro, 771168 * 771169 * Transfusões, soro e oxigénio 338524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 861121 * Está-ção fluvial (T. Paço), 825345 * Estação Marítima de Alcantara, 662195 * Estação Marítima de Rocha, 672445 * Estação fluvial (Beldem) 698531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. de Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
TRAY DO FORNO, 15 e 19
(ao Bairro)
TELEFONE 36 81 60

MINI BELA
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Rua do Goo, 1
DAMAIA
(Junto ao Bairro de S. Cruz)

TARANTELA
RESTAURANTE * SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Tel. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para
Banquetes
Lanches de Costelete

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
Aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
Parque privativo para
automóveis
AR CONDICIONADO
(Maiores de 5 anos)

APÓS AS REPELIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFE

Diário de Lisboa
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. M. L.
Editor João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telex: 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA, Telex 1383
Lisboa 2 - Portugal

RESCALDO DO SISMO

Os prédios modernos em cimento armado são mais seguros que os de alvenaria

—declara-nos um técnico de construção civil

De vez em quando

Depois da onda passar, sem que lhes toque, há sempre quem afirme, categoricamente, nunca ter tido medo de molhar os pés. Mas, se pusermos de parte estes valentões, ficamos com o grupo enorme dos restantes que, em face do perigo, ficam cientes de que todos trememos da mesma maneira. Não há privilegiados, já que, no segundo e exacto, ninguém poderá gabar-se de estar aqui e na Suíça, a bom recato e a salvo.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu es-tava muito nublado; o vento era fraco, havia neblina em algumas zonas.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 17°; mínima: Penhas da Saúde, 3°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 8°; Faro, 12°; Funchal, 14°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas, 8°; Portofino, 6°; Porto, 6°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SUL — Na atmosfera: 10°, na água do mar: 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco e neblinas locais; possível agravamento do estado do tempo, com períodos de chuva ou aguaceiros, mais frequentes nas regiões do Centro e Sul.

Amanhã
Nascer do Sol às 8 e 8
Ocaso às 19 e 31

MARÉS

PRELIMINAR Dia 1 — 2 e 47 (4,5 m); 15 e 14 (3,4 m); Dia 2 — 3 e 23 (3,7 m); 15 e 48 (3,6 m); Dia 3 — 3 e 53 (3,9 m); 16 e 20 (3,8 m); **BAIXA MAR**, Dia 1 — 8 e 18 (1,4 m); 20 e 44 (1,4 m); Dia 2 — 9 e 10 (1,2 m); 21 e 20 (1,2 m); Dia 3 — 9 e 43 (1,0 m); 21 e 53 (1,0 m)

NOVO CASINO ESTORIL AMANHÃ

«MATINÉE» As 17 horas
no Salão Restaurante

LES CINQ PERES

- The Tonely's
- Esmeralda Amoedo
- Paris Jazz Ballet

Musica para dançar por

JORGE COSTA PINTO
e sua orquestra

JIRINA'S COMBO
«OS SHEIKS»
(M. 17 anos)

Preços
Chá completo 40\$ (taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA

HOJE As 17 horas
«Matinée infantil»
(M. 6 anos)

As 21.30

AS MINHAS PISTOLAS
(M. 12 anos)

AMANHÃ As 17 e 21.30
MÚSICA NO CORAÇÃO
(M. 12 anos)

Ambiente climatizado

Durante o dia de ontem o êxodo assumiu grandes proporções. Muitos lisboetas, tomados de pânico, abandonaram as moradas habituais e dirigiram-se (ou que as têm) para as suas casas nos arredores de Lisboa.

armado, encontram-se mais seguros em Lisboa, pois os prédios são edificados ao abrigo de um diploma que regulamenta as condições anti-sísmicas da construção civil, para cumprimento do qual existe a fiscalização camarária.

Destas afirmações se conclui que os «fugitivos», moradores em prédios de construção recente, nada ganharão em trocá-los pelas pequenas casas de alvenaria perto da capital — pois, repete-se aquelas são mais seguras, embora os abalos se sintam com maior intensidade. A ilusão é essa sim, tem de ser substituída pela defesa, o mais possível eficiente, contra os abalos de terra através da construção civil adaptada às circunstâncias.

A tampa do caixão abria-se e fechava-se

CANAS DE SENHORIM, 1 — O sismo provocou, na região de Aguiar, no concelho de Nelas, um episódio trágico, que empolgou quantos a ele assistiram e que constitui o motivo de conversa na localidade e arredores. Viu-se na madrugada do tremor de terra o corpo da sr. D. Emília Candeias, de 82 anos, viúva, cujas disposições testamentárias a favor de filhos e parentes, haviam sido mal recebidas por muitas pessoas. O cadáver estava a ser velado na altura em que se deu o abalo. Em consequência deste a tampa do caixão abriu-se e fechou-se em movimento, que enchiam todos os presentes de realidade terrível. Acontecia que a maior parte das pessoas que compareciam ao velatório sentia a consciência pouco tranquila, por causa do testamento, e logo tomavam a casa como castigo divino...

prudência? Quer dizer, as pequenas casas em que se mora um mês, ou dois, durante as férias, oferecerão mais confiança na possibilidade de tremor de terra? Oferecerão mais confiança as velhas casas, da nossa infância, a cujo se o muitos labo-ros de adopção se receberam a partir de ontem?

— Infelizmente para a população de Lisboa, existem milhares de prédios, de vários andares, de alvenaria, não apenas nos bairros populares, mas noutros mais privilegiados. É evidente que os moradores desses prédios poderão ter vantagem em trocá-los, em situações de crise, pelas casas das suas férias, ou, como você disse, da sua infância — em geral mais pequenas e oferecendo, portanto, menor perigo.

Repárese — prosseguiu — que nos terremotos que estão mais dentro da nossa experiência — Agadir, Skopje, Caracas, etc. — os prédios que primeiro ruíram foram os construídos em alvenaria.

A uma nossa pergunta sobre as medidas mais urgentes a tomar, o eng. Pinto Martins afirmou:

— Para já, e dadas as condições de sismicidade de Lisboa, impõem-se duas medidas urgentes:

1) Ordenar uma visita geral aos prédios da cidade para fazer apurar platibandas e chaminés que ofereçam maior perigo;

2) Publicar um diploma ordenando a substituição, no mais curto prazo, dos prédios de alvenaria que não ofereçam as condições mínimas de segurança.

O eng. Pinto Martins é de opinião de que os moradores em prédios de alvenaria agiram com sensatez ao deixar as residências pelos espaços livres da cidade.

— Esses prédios poderiam ter resistido a um abalo de certas proporções, embora saindo malferidos, com fendas, brechas, etc. — e poderiam, depois, não resistir a outros abalos, a outros «replicas» por vezes muito intensas.

Cabe aos proprietários a remoção de chaminés e telhados em perigo

Dos serviços de informação da Câmara Municipal de Lisboa recebemos a seguinte nota:

«Como resultado do tremor de terra da madrugada de 28 de Fevereiro p. p., têm sido feitos centenas de pedidos de socorro, ao Batalhão de Sapadores Bombeiros, para chaminés, coberturas, platibandas, sacadas, etc. que ameaçam cair, representando perigo para os transeuntes e para os inquilinos.

Os bombeiros têm acorrido, na medida do possível, aos locais das chamadas e tentado resolver muitas das situações de emergência.

Devido à grande afluência de pedidos há, ainda, muitas chaminés, coberturas, varandas etc., carecidas de assistência urgente, por constituírem perigo para os transeuntes e locatários dos prédios, muito principalmente se houver vento ou chuva.

Chamase a atenção dos proprietários ou seus representantes de que lhes incumba a eles, e não aos bombeiros, a execução desses trabalhos com a maior urgência, pelo que devem tomar as providências julgadas necessárias.

Os ocupantes dos prédios, enquanto essas reparações não forem executadas, devem seguir as recomendações dadas pelos bombeiros, desocupando as dependências em que haja possibilidades de riscos de vida, devido a queda de chaminés, ou outras derrocadas».

ESTÁ QUASE NORMALIZADO O MOVIMENTO TELEFÓNICO

Tende para a normalização o movimento telefónico que, como se imaginava, aumentou extraordinariamente em consequência do sismo verificado na madrugada de ontem e do pânico que se lhe seguiu, com todas as pessoas a querer saber notícias dos seus familiares e amigos. Acresce a tudo o facto do violento abalo se ter feito sentir, com intensidade semelhante, em todo o País, enquanto de uma forma geral os grandes sismos anteriores quase só tiveram efeitos em Lisboa e noutras zonas delimitadas.

A descarga das baterias dos Telefones de Lisboa e Porto duplicou em relação ao normal — e só não duplicou porque o volume de chamadas foi de tal natureza que a partir de certo momento se tornou impossível encor o serviço, e não se conseguiram sequer marcar os números pretendidos. E quem teve de aguardar firme foram as «memórias» das informações e das avarias (que não existiam...) que tiveram de atender muitos milhares de chamadas dos assinantes, justamente preocupados e inquietos.

«O volume das chamadas de hoje — informam-nos entretanto dos T. L. L. — é semelhante ao de um dia de semana normal, mas um pouco superior ao que é habitual ao sábado, havendo ainda certo atraso em algumas das chamadas, mas que deve desaparecer rapidamente — pelo que se pode considerar a situação quase normalizada».

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

O Presidente do Conselho no Hospital de S. José

Ao princípio da tarde, o Presidente do Conselho, o ministro da Saúde e o subsecretário das Obras Públicas, visitaram o Hospital de S. José, onde observaram os estragos ocasionados naquele estabelecimento hospitalar pelo sismo de ontem.

MAIS 4 MILIONÁRIOS
GRACIAS A SORTE DA

CASA DA SORTE
que distribuiu ontem aos seus balcões os

4.000 CONTOS

DA

SORTE GRANDE — 47 116

A seguir: Lotaria Especial de Março
5000 CONTOS POR 300\$00

CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MILIONARIOS

«Ao serviço da exportação» — Colóquio e exposição —

O FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO leva a efeito nas instalações da Feira Internacional de Lisboa, de 21 a 30 de Abril próximos um Colóquio onde se farão ouvir os presidentes dos Organismos de Coordenação Económica, os delegados do Fundo no estrangeiro, economistas e demais entidades ligadas à exportação, todos eles expondo os problemas que se lhes deparam no exercício das suas funções e as soluções que para eles propõem, ou ideias genéricas acerca do modo de incrementar a saída dos produtos nacionais.

POSTERIORMENTE A APRESENTAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES SEGUIR-SE-Á O DEBATE DOS ASSUNTOS EXPOSTOS, A QUE TERÃO ACESSO TODOS OS EXPORTADORES INSCRITOS.

Simultaneamente e no mesmo local estará patente ao público uma exposição de produtos da lavoura e por isso subordinada ao tema «A EXPORTAÇÃO AO SERVIÇO DA AGRICULTURA».

a LIVRARIA SÁ DA COSTA EDITORA
convida a visitar a FILGRAFICA 1969
onde apresenta selecção de suas edições

CLASSICOS SÁ DA COSTA ★ FOCUS ENCICLOPEDIA INTERNACIONAL ★
GAMA BARROS ★ COLECCAO ENSAIOS ★ TEXTOS BASICOS DO CONHECIMENTO HUMANO ★ GRANDES LIVROS DA HUMANIDADE ★ NOVOS LIVROS ESCOLARES

anuncia os próximos lançamentos
Obras Completas
ANTÓNIO SÉRGIO ★ ANTERO DE QUENTAL

**HOJE TEM
PARA LER:
O MISTÉRIO
DO
«MINERVA»**

Um apaixonante
artigo sobre o
misterioso desa-
parecimento de
um submarino
francês com 57
homens a bordo

(pág. 2)

**QUE SABEM
DE NAZISMO
OS ALEMÃES?**

A linguagem dos
números fala so-
bre o conhecimen-
to do nazismo ale-
mão na sua pró-
pria pátria

(pág. 2)

**A
IGNORÂNCIA
DE
VON BRAUN**

O pai dos fogue-
teiros posto em xe-
que

(pág. 8)

Rato, o vencedor



de gatos e homens (Ler na página central)

**ESTE ERA DULLES
O PAI DA C. I. A.**

(Ler na pág. 5)

Diário de Lisboa

1 DE MARÇO DE 1968 • SÁBADO • N.º 551

O MISTÉRIO
DO
«MINERVA»

SUBMARINO É CAIXÃO DE 57 MARINHEIROS

Em 28 de Janeiro de 1968, há um ano, o submarino «Minerva», em manobras ao largo de Toulon, não regressou ao ancoradouro no prazo prescrito. Não devia voltar à superfície, e, ainda hoje há interrogações sobre as causas da desapareição do submersível e da sua tripulação, composta por dez oficiais e quarenta e sete sargentos e marinheiros.

Na sexta-feira à tarde, na Academia de Marinha, perante uma plateia de oficiais de marinha e na presença do almirante Patou, chefe do Estado-Maior da Marinha, o capitão-de-fragata Sevaistre fez uma exposição da campanha conduzida em 1968 para localizar os restos do submarino desaparecido e acerca da nova campanha que vai ser organizada em 1969.

Depois de recordar o súbito da catástrofe e, logo, o mistério que a rodeia, o conferencista, muito sóbriamente, comentou as pesquisas efectuadas logo em seguida com todos os meios de que dispunha a esquadra do Mediterrâneo.

O comandante Sevaistre explicou que a marinha dispunha de dois elementos seguros e precisos para orientar as suas investigações. Primeiramente, a última conversa por rádio entre o submarino e o Breguet-Alizé da aeronáutica naval com o qual o navio devia efectuar exercícios e que data de 27 de Janeiro de 1968, às 7.55 horas. Nessa hora, o mistral soprava com demasia de violência, e o aviador anunciou que renunciava ao exercício. O comandante do submarino aquiesceu. Foi a última vez que se ouviu a voz do «Minerva». Mais tarde, os sismólogos, apurando as fitas dos sismógrafos, deram a saber ao estado maior da marinha que, no mesmo dia, às 7 h, 59 minutos e 53 segundos, com toda a exactidão, fora registada na zona de manobra do submarino uma violenta impulsão que não era um fenómeno natural e que representava aproximadamente a deflagração que ao ar livre teria produzido a explosão duma bolha

de 600 metros cúbicos.

Fortalecido com estas precisões, que permitiam, segundo parece, situar os restos do «Minerva» no sector de manobra 65, onde o submarino normalmente deveria encontrar-se a marinha anunciou uma campanha de pesquisas na Primavera de 1968: «Operação Reminer». Um terceiro local onde desde o começo do alarme, aparecera uma camada de mazute, teve de ser no entanto abandonado, porque, neste local os fundos marinhos são dum relevo muito tortuoso e inacessíveis com os meios actuais. E, além disso, como fez notar o almirante Patou, respondendo a uma pergunta depois da conferência, o petróleo subia lentamente das profundidades e podia ser desviado da vertical pelas correntes submarinas, e unicamente a sua presença não permitia localizar formalmente um destroço.

Os restos do cargueiro

A bordo do navio «Recherche», da missão hidrográfica de dragagem, do «Marcel-Le-Bihan» e do batiscópio «Archimède», os marinheiros entregaram-se a sondagens precisas, minuciosas e metódicas. Em 17 de Setembro de 1968, o batiscópio, mergulhando para uma identificação visual, encontrou os restos dum navio de guerra desconhecido e, três dias depois, fotografou, a mais de 2000 metros de profundidade, os destroços dum cargueiro. O facto de se ter podido encontrar no fundo do mar, durante outros mergulhos, aletas de foguetões e um depósito de 200 litros demonstra em todo o caso que as intervenções dos son-

dadores electrónicos aliados ao batiscópio são probatórias e eficazes.

O destroço do «Minerva», em contrapartida, permaneceu inencontrável, mas o estado-maior da marinha não renuncia por isso às pesquisas, que recomençarão este ano e cujo objectivo essencial é recolher as informações que permitam melhorar a segurança a bordo dos submarinos.

O comandante Sevaistre, além disso, explicou que as pesquisas a beneficiarem dos meios aperfeiçoados este ano, seriam grandemente facilitadas se a marinha nacional pudesse dispor — custar-lhe-ia 10 milhões de francos — do engenho de pesquisa realizado pelos americanos e que provisoriamente baptizou como «O Peixe».

Trata-se duma espécie de laboratório de detecção comandado a distância e que se pode imergir em grandes

mentos, os da marinha americana indicavam, por seu lado, que não conseguiram determinar as causas da perda

profundidade. A despeito da campanha de observação empreendida desde então, e que vai prosseguir a o-



fundos. Neste ano de austeridade orçamental não é certo que se possa fazer tal despesa.

No momento exacto em que os responsáveis da marinha francesa davam estes esclareci-

do submarino nuclear «Scorpion». Este afundou-se em Maio do ano passado ao largo dos Açores. Estavam noventa homens a bordo. Localizou-se o destroço a 3000 metros de

missão de inquérito confessa-se incapaz, por agora, de se pronunciar acerca das causas do naufrágio.

MAURICE
DENIZIERE

QUE SABEM DE NAZISMO OS ALEMÃES?

A revista católica austríaca «Die Furchen» fez uma comparação entre diferentes edições de um livro de história, largamente divulgado, para verificar o número de páginas dedicadas a certas temas:

A História de 1914 até os nossos dias
Edição de 1949 71 pp.
Edição de 1958 34 pp.

A História do III Reich
Edição de 1949 41 pp.
Edição de 1958 13 pp.

Incêndio do Reichstag
Edição de 1949 2,5 pp.
Edição de 1958 nada

Perseguição dos Judeus
Edição de 1949 3 pp.
Edição de 1958 nada

Movimentos de resistência antinazi
Edição de 1949 8 pp.
Edição de 1958 nada

Campos de concentração
Edição de 1949 8 pp.
Edição de 1958 nada

Perseguição das Igrejas
Edição de 1949 2 pp.
Edição de 1958 4,5 linhas

UM INQUÉRITO DA TV, revelado pelo Neue Illustrierte (16 de Maio de 1959).

— Em 85 alunos somente 2 foram capazes de fornecer uma análise mais ou menos exacta do nacional-socialismo: leram, não na escola, mas por iniciativa própria o Mein Kampf de Hitler. A maioria quase nada sabia sobre o passado recente da Alemanha. Na escola os raros recebem interpretações válidas sobre a época nazi. A opinião dos professores responsáveis é que lhes falta tempo. Não lhes faltará também coragem para denunciar os erros do passado? Será que existe um único livro de história destinado ao ensino que aborde francamente os horrores dos campos de concentração? Frequentemente chega-se ao último ano de liceu sem se abordar a época do III Reich.

A resposta mais comum que os alunos dão é que Hitler construiu auto-estradas. Afirmação de um rapaz: «Com Hitler vivia-se bastante bem. Não havia, como hoje, assassinos de motoristas de táxi. Todos os jovens estavam em organizações. Hitler auxiliou também as mães e as crianças. Se tinha outros fins em vista, não se sabe.» Declarou um outro: «Considere positivo entregar o Poder aos nacionais-socialistas, enquanto uma jovem observava: «Quando Hitler atravessava a rua, as pessoas tinham de levantar o braço. Quem e não fizesse era castigado». Diz ainda um outro: «Hitler era um ditador. Vendia emblemas para chegar ao Poder. Um outro sabe que este tinha sempre um cão junto de si e usava bigodes.

UM FILME

A propósito do filme de Alain Resnais «Nuit et Brouillard», o quotidiano «Die Welt» escreveu: «Há um constrangimento geral em discutir o nacional-socialismo e a questão judaica, e, salvo raras excepções, não há professores que manifestem hoje tendências anti-semitas, e número daqueles que tentam ensinar aos seus alunos a tolerância e uma compreensão justa por esta época funesta é confrangidamente baixo.

UMA CITACÃO DE UM MINISTRO DA EDUCAÇÃO

O prof. Schütte, ministro da Educação de Kene cita a composição de um aluno Rosen de 16 anos: «Em princípios de 1941, o canal imperial da Austria foi assassinado por agentes comunistas. Imediatamente Hitler ordenou a invasão da Polónia pelo seu exército.

REVISTAS ILUSTRADAS

Têm um mercado anual de 15 milhões de exemplares. Títulos: «A luta corajosa dos Capães», «Histórias de Soldados»; neles se exaltam as ações militares alemãs, o exemplo dos bravos generais, a fidelidade dos soldados. Não fazem a menor referência ao nazismo nem aos campos de concentração. Procuram provocar a admiração por uma atitude humana que fez a reputação mundial do soldado alemão.

O SEU HOROSCOPO

pelo astrólogo HORUS

PARA O PERÍODO DE 2 A 8 DE MARÇO

ARIES

(21 de Março
a 20 de Abril)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO): Vontade exagerada. Temperamento colérico.

AMOR: Não tome atitudes desagradáveis mesmo que as coisas não lhe corram como deseja. A bruxidão, dada a má influência que atravessa, só lhe pode trazer consequências difíceis e contrariadas maiores.

DINHEIRO: Deve contar com dificuldades e obstáculos nas suas realizações económicas. Por muito que se esforce não conseguirá atingir neste período o ponto tão desejado.

PROFISSÃO: É necessário haver cuidado com os novos negócios, principalmente aqueles que se apresentarem com o rótulo de «chorudos», pois estes, sobretudo durante este período, não só serão falsos, como até poderão trazer prejuízos. Na actividade do dia a dia, se souber proceder com prudência, tudo correrá normalmente.

SAÚDE: Durante este tempo tenha cuidado, pois está sob influências malélicas. Não cometa imprudências, pois corre o risco de sofrer um acidente.

TAURUS

(21 de Abril
a 21 de Maio)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO): O poder dos sentidos é forte. Temperamento apaixonado.

AMOR: A vida sentimental, familiar e as relações sociais são-lhe favoráveis. Há necessidade de ter cuidado com os falsos amigos, que procurarão causar-lhe embaraços ou pôr a sua reputação em cheque.

DINHEIRO: A sua situação financeira atravessa um período progressivo. Pode contar com uma pequena melhoria que lhe dará satisfação. No entanto, empregue-se com maior vontade neste sentido, porque conseguirá melhores resultados.

PROFISSÃO — As suas influências para esta semana indicam ser uma boa oportunidade para iniciar sociedades e fazer pedidos a pessoas que possam interessar-se pela sua evolução profissional. Favorável para convidar outras pessoas a fim de participarem nos seus empreendimentos.

SAÚDE — Neste aspecto tudo correrá pelo melhor. No entanto, não despreze o habitual regime.

GEMINI

(22 de Maio
a 21 de Junho)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO — Inteligência viva. Temperamento nervoso, agitado).

AMOR — Há indício de possível desorganização na sua vida sentimental e amorosa. As relações familiares serão afectadas e mostrar-se-ão delicadas. Nos casos a amor os recentes torna-se conveniente tratá-los com muito bom senso e diplomacia.

DINHEIRO — No capítulo financeiro corre o risco de promessas falsas e as suas esperanças não passarão de ilusão. Não crie novos encargos materiais durante este período e procure cingir-se ao que tiver.

PROFISSÃO — A sua posição será um tanto embaraçosa se motivar atritos na sua ocupação. Não altere seja o que for nem procure melhoria de lugar, pode criar uma situação crítica.

SAÚDE — Tome cuidado com a alimentação e muito especialmente os líquidos, que podem fazer sentir os seus efeitos malélicos nesta altura.

CANCER

(22 de Junho
a 22 de Julho)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO — Vontade meditativa, indecisa. Temperamento fluídico sujeito a grandes variações).

AMOR — Tempo muito venturoso ao amor. Terá êxito em todos os assuntos de ordem sentimental. No ambiente familiar encontrará um clima de muita compreensão e felicidade.

DINHEIRO — Obser-va-se uma certa melhoria no sector financeiro, embora esse progresso seja um pouco lento. Convém não se precipitar agora nas despesas, para não ter mais tarde que se arrepender.

PROFISSÃO — As condições profissionais são esplêndidas, mas dentro do habitual. Isto é, sem modificações ou outros factores que venham interferir na sua marcha.

SAÚDE — Precave-nha-se contra qualquer alteração de saúde, pois há indícios de vir a sofrer de resfriados.

LEO

(23 de Julho
a 22 de Agosto)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO — Necessidade imperiosa de satisfazer os sentidos. Temperamento dominador).

AMOR — A disposição será melancólica. Note que pode não haver uma razão segura que justifique esse estado de espírito. Tendência a má interpretação das coisas no ambiente familiar e entre o círculo das suas amizades.

DINHEIRO — Neste capítulo há a recar pertubações monetárias. Dificuldades

na aquisição de dinheiro ou a respeito de heranças, propriedades legadas, etc. Procure controlar cuidadosamente os seus haveres, porque corre o risco de sofrer através de associados ou colaboradores, prejuízos.

PROFISSÃO — Os seus afazeres serão pouco meritórios. Use de uma certa reserva principalmente com quem tenha de tratar assuntos importantes ou negócios. A sua posição está sujeita a descrédito, por isso, conte com dificuldades e dissabores.

SAÚDE — Cuide da sua saúde e poupe as suas energias e os seus nervos, procurando a distração e o sossego de espírito.

VIRGO

(23 de Agosto
a 22 de Setembro)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO — Inteligência passiva. Temperamento nervoso).

AMOR — Está sob maus aspectos, portanto, controle tanto quanto possível a sua cólera e domine os seus impulsos. No seu próprio interesse conduza a sua vida sentimental com todo o cuidado, usando de moderação, paciência e sobretudo espírito de compreensão.

DINHEIRO — Não terá uma semana muito feliz para conseguir grandes proventos, contudo, mantenha-se atento, a fim de tirar o melhor partido de uma oportunidade que se lhe deparará.

PROFISSÃO — Não perca tempo ou dinheiro em viagens supondo que elas são absolutamente necessárias para dar maior incremento à sua actividade profissional, porque os astros apresentam-se desfavoráveis a qualquer viagem que pretenda fazer. Por outro lado, não se desoriente nas transacções que fizer, ou nos assuntos que tiver de tratar.

SAÚDE — Sentirá uma certa insatisfação e o seu espírito vaguará na inconstância.

LIBRA

(23 de Setembro
a 22 de Outubro)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO — Vontade justa, bem equilibrada. Temperamento vivo e subtil.)

AMOR — Os prognósticos amorosos e sen-

(Continua na página seguinte)



Os ingleses continuam a não descurar os interiores. Eis um «maple» ultramoderno, extremamente leve, pois as bases onde se apoiam as almofadas são de fibra de vidro. Além de leve, a fibra de vidro é um material que oferece grandes garantias de resistência

ESTACIONAMENTO?



No

TUTTI MUNDI
o seu carro tem lugar!

Enquanto faz as suas compras,
almoça, janta ou toma chá
deixe o seu carro ao nosso cuidado.

*

TUTTI MUNDI
tem uma garagem privativa

COM SERVIÇO



ao seu dispor

TUTTI MUNDI

DRUGSTORE

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM um NEGOCIO IMPORTANTE? Intenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 18 h

Av. João XXI 42 Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef 22 41 62 — LISBOA.

CHARADISMO

1-III-969

N.º 96

Secção de charadas e passatempos dirigida por ZUNCRONITANO

FRANKISK

Campeão de produtores em verso, no Torneio «Poeta das Dúzias» fala para os nossos leitores

Cabe hoje a vez ao nosso Confrade Frankisk, brilhante vencedor da produção em verso do Torneio «Poeta das Dúzias» de falar para os nossos estimados leitores e colaboradores.

Enviámos para este nosso distinto Confrade um questionário, ao qual ele respondeu pela forma que lhes vem, pois vamos publicar a entrevista que nos concedeu, inserindo as perguntas que lhe fizemos e as respostas que nos proporcionou.

P. — Há quanto tempo se dedica ao Charadismo?

R. — Iniciei-me no charadismo em 1931, sendo os meus primeiros trabalhos publicados em 2 de Agosto desse ano num jornal da minha terra — «Vale do Tejo» — onde, 3 anos depois, seria eu próprio a dirigir a secção. Dedico-me portanto ao charadismo há 37 anos, se bem que não consecutivamente, pois o meu espírito ávido de variedades e conhecimento se absorveu durante largos anos no estudo aprofundado do Jogo das Damas, e cansado deste, no das Filosofias Espiritualistas — o que me afastou da prática que não da devoção do Charadismo. Recomecei ininterruptamente e com o meu actual pseudónimo — pois nem sempre foi este — a partir de

9 de Novembro de 1963, data da morte de Ordial, a quem vinha prometendo satisfazer o seu insistente pedido de colaboração. Foi precisamente a amargura pelo falecimento desse bondoso Amigo, e a autocrítica pela falta de cumprimento da minha promessa, que decididamente me fizeram regressar à actividade charadística, que espero não voltar a abandonar.

P. — E ao Cruzadismo?

R. — Ao Cruzadismo, só nesta segunda fase comecei a dedicar-me regularmente, quer como produtor quer como decifrador.

P. — Como nasceu em si a ideia de se dedicar a estas passatempos?

R. — Não é sabido quem quem anda com um coxo acaba coxeando? Em 1931 — tinha eu 14 anos — era meu amigo íntimo, e ainda o é, um rapaz da mesma idade, que trabalhava numa farmácia desta vila (Almeirim) dirigida pelo orientador da secção charadística, do já referido jornal Ouvia ele as explicações dadas lá na farmácia pelo seu chefe aos novos charadistas que a aliciando, e vinha repetir-me o que ouvia. Foi assim, por tabela, que eu aprendi os rudimentos e me interessei pelo Charadismo, e ainda me lembro

bem do entusiasmo desbordante que senti ao penetrar nesse mundo novo e maravilhoso!

P. — Quem o incitou à prática dos mesmos?

R. — No Charadismo, o tal farmacêutico, José Ferreira de Almeida — «Zé Ferro» — que tendo conhecimento do meu entusiasmo me estimulou com palavras muito desvanecedoras para o rapazinho que eu então era. No Cruzadismo não tive «padrinhos». Foi uma consequência lógica e natural da minha actividade de charadista-solucionista, mas ampla nesta segunda fase.

P. — O que pensa do Charadismo e do Cruzadismo?

R. — São duas modalidades afins e úteis sob o aspecto de conhecimento da gramática. Mas o Charadismo tem sobre o Cruzadismo — apesar de este ser mais popular — o interesse literário. É certo que para compor um bom problema de Palavras Cruzadas não se dispensa a imaginação e até o gosto estético, mas o Charadismo tem tudo isso e muito mais, pelo que...

P. — Qual das duas modalidades merece a sua preferência?

R. — A minha preferência vai para o Charadismo, no seu triplice aspecto: Prova, Verso e Desenho.

Bibliografia adaptada — Dicionários: Porto Editora (5.ª edição), Letto Popular (1964), Cândido de Figueiredo (10.ª edição reduzida), Francisco Torrinha (1965); Sinónimos da Tertúlia Edípica (2.ª edição); Verbos portugueses conjugados (3.ª edição), de Rodrigo de Sá Nogueira; Colectânea de Nomes Próprios de Antonino Fernandes Pereira da Cruz, Para passatempos, mais: Dic.º Corográfico de A. Sampaio de Andrade (1944) e Dic.º J. Ségmer (parte histórica de 1964).

Prazo para a recepção de listas — 3 meses

P. — Gosta mais de produzir ou de decifrar?

R. — Gosto de decifrar até porque não pode considerar-se charadista completo aquele que apenas compõe. No entanto, produzir é-me muito mais grato e intelectualmente mais benéfico.

P. — O que pensa da Produção e da Decifração?

R. — São dois aspectos complementares do Charadismo. A produção interessa o poder criador, tanto técnico como literário e artístico; a decifração é o curso de quem os não tem, não só de vocabulário e sinonímia, mas também de mitologia, de história, de geografia, de botânica, de zoologia... não porque todos estes aspectos do conhecimento humano sejam continuamente utilizados no Charadismo, mas porque a simples necessidade de descobrir

uma «pedra» leva a compulsar enciclopédias ou mesmo obras especializadas, e assim a cultura geral vai aumentando.

P. — Tem sentido muitas dificuldades?

R. — Sem dificuldade não há problemas nem enigmas. Portanto, sempre houve e há de haver dificuldades no Charadismo. De contrário não exerceria ele tão forte atracção sobre a inteligência. Mas conforme esta vai amadurecendo, as dificuldades vão sendo menores.

P. — Tem já alguma recordação agradável em resultado da prática destes passatempos, que queira mencionar para os nossos leitores?

R. — São tantas as recordações agradáveis que o Charadismo me tem proporcionado, que as contrariedades —

se algumas houve — já as esqueci.

P. — Em que revistas e secções colabora?

R. — Além das suas — «Charadismo» e «Cruzadismo» no Cinema Português — colaboro também em «A Capital», «A Charada», «O Charadista», «Diário Insular», «Heurecas», «Hora de Recreio», «Jornal do Exército», «Luz no Olho», «Boletim Ambar e Mutual do Norte», de Portugal; «Charadismo» e «Cruzadismo», «Enigmas» e «Almanaque Brasileiro» e do Recife, do Brasil.

P. — O que pensa da secção «Charadismo» do «Diário de Lisboa»?

R. — A secção «Charadismo» do «Diário de Lisboa» é um alfofre de novos charadistas, e quanto mais não

(Continua na 16.ª página)

HORÓSCOPO

(Continuação da pág. anterior)

vez que os aspectos astrológicos vos são francamente propícios.

PROFISSÃO — Se projecta fazer uma sociedade ou pedir colaboração a alguém, é conveniente que o faça, pois nesta altura, conseguirá facilidades por parte de pessoas bem intencionadas. Faça valer o seu esforço, porque o conjunto das influências para esta semana são-lhe propícias.

SAÚDE — Período favorável à saúde. Contudo, evite excitar-se e procure dormir o bastante e fazer exercício ao ar livre.

SAGITTARIUS
(22 de Novembro a 21 de Dezembro)



SAÚDE — Pequenas coisas que a primeira vista imaginará serem maiores do que na realidade são.

SCORPIUS
(23 de Outubro a 21 de Novembro)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO) — Poder dos sentidos calmo. Temperamento também calmo, porém impulsivo.

AMOR — No plano amoroso atravessa um período muito promissor, com excelentes perspectivas, não só no que se refere ao amor propriamente dito, como também para contrair novas e sinceras amizades.

DINHEIRO — Boa oportunidade de ver a sua situação económica progredir. Seja perseverante e verá os seus projectos concluírem-se conforme ambiciona, uma

(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO) — Inteligência viva. Temperamento sanguíneo.

AMOR: Use da maior circunspeção e domine a impulsividade a fim de não criar situações embaraçosas. Seja tolerante e em presença de qualquer contrariedade não exploda.

DINHEIRO: No campo financeiro, as suas possibilidades serão modestas, no entanto as despesas serão maiores e inadiáveis. Terá de contar apenas consigo.

PROFISSÃO: Há tendência a alirios no círculo das suas relações profissionais. Proceda com calma e inteligência, a fim de evitar situações críticas ou erros irreparáveis.

SAÚDE: Desvie-se das emoções fortes e não se exalte. Não abuse da alimentação que lhe for prejudicial.

CAPRICORNIUS
(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO) — Vontade contraditória. Temperamento melancólico.

AMOR: Seus esforços poderão ser compensados por apreciáveis sucessos; não desanime e continue perseguindo seus objectivos. Sorte no amor e nas relações com parentes.

DINHEIRO: Projectos e boas esperanças que contudo não se concluirão. Período medíocre com alguns empreendimentos que acabarão em desilusão.

PROFISSÃO: Período bom para resolver actividades difíceis. Não cometa imprudências; assim evitará que a sua sorte se evapore. Com jeito, conseguirá a ajuda de que necessita.

SAÚDE: Os prognósticos em relação à saúde são muito prometedores neste período.

AQUARIUS
(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO) — Poder dos sentidos muito sensível. Temperamento triste, mas intuitivo.

AMOR: Boas perspectivas no capítulo sentimental. Terá um ambiente de melhor compreensão dos seus familiares para realizar com êxito o que pretende levar a cabo. Se nos seus planos estiver incluída qualquer nova forma de vida ou mudança de residência, não vacile, efectue-as sem recuo.

DINHEIRO: Favorável às questões financeiras. A semana apresenta-se com boas perspectivas de ganhos.

PROFISSÃO: Ganhará prestígio e popularidade aos olhos dos seus superiores. Se trabalha por conta própria, é indicado para o desenvolvimento do seu master.

SACDE: A boa disposição é ótima para ajudar a revigorar o organismo. Cuidado com os excessos.

PISCIS
(20 de Fevereiro a 20 de Março)



(CARACTERÍSTICAS DO TEMPERAMENTO) — Inteligência pouco animada. Temperamento sanguíneo, porém doentio.

AMOR: Seja prudente nas amizades, principalmente nas que fizer durante este período. Use de paciência e moderação no seu familiar e nos assuntos de amor, pois a semana é-lhe desfavorável. Entretanto, alguém do sexo oposto tentará aproximar-se.

DINHEIRO: Pequeno avanço financeiro; entretanto, não faça despesas fúteis, porque terá de enfrentar outros compromissos inadiáveis, a que não poderá furtar-se.

PROFISSÃO: Favorável a todo e qualquer empreendimento tendente a aumentar e valorizar o seu prestígio profissional. Os superiores e a família estarão prontos a dar o seu apoio. De qualquer maneira encontrará facilidades que lhe permitirão alcançar melhoria de situação.

SAÚDE: Apenas registará um pouco de cansaço e alguma excitação provenientes dos afazeres.



ESTE ERA DULLES, PAI DA C.I.A.

Alto de cara enquadrada por finos óculos de aço, de cachimbo sempre na boca, Allen Dulles fazia pensar mais num professor do que num mestre espião. Era no entanto um homem possuído da paixão da informação e da acção ilegal. Nos corredores do Poder e em todos os campos de batalha da guerra fria, foi o alter ego do seu irmão, John Foster Dulles. Os seus métodos de acção não eram contraditórios mas sim complementares: enquanto o secretário de Estado mobilizava o «mundo livre» contra o comunismo, o director da Central Intelligence Agency tecia conspirações e espalhava subsídios, colocando ao serviço da cruzada da democracia métodos que não lhe deviam grande coisa.

Jurista e diplomata como seu irmão mais velho, Allen Dulles, filho do pastor, passou por Princeton antes de entrar na car-

reira diplomática; em 1916, aos vinte e três anos, estava já colocando em Viena. Um ano depois, é na Suíça, em Ber-

na, que se encontra; conduz entre outras, negociações secretas com os Habsburgos. Não terá êxito. Allen Dulles é emendado pela espionagem. Não fará disso qualquer mistério, escrevendo mais tarde a propósito dessa época: «Eu era de facto muito mais agente de informações do que diplomata.» Foi em Berna que cometeu a sua primeira falta profissional ao recusar encontrar-se com um tal Vladimir Gulkanev. Allen Dulles nunca mais teria ocasião de se encontrar com Lenine.

OS CONTACTOS COM HIMMLER

Terminada a guerra, tomou parte nas negociações de Versalhes, e de-

pois regressou a Washington, onde dirigiu por momentos a secção do Médio Oriente. Mas já o jovem diplomata se sente obcecado pela luta contra o comunismo. «O seu patrão era nessa altura, escreve Andrew Tully no livro que consagrou à C. I. A., Ellis Dreesel, um dos melhores especialistas americanos de assuntos alemães e um dos primeiros diplomatas da sua época a favor de uma aproximação entre os Estados Unidos e a Alemanha perante o novo bolchevismo... Durante este período, Dulles provou que assimilava bem as teorias do seu meio escrevendo uma memória sobre «A Lituânia e a Polónia, última barreira entre a Alemanha e os bolchevistas».

Mas a carreira diplomática dá pouco, e Allen Dulles aborrece-se nela. Em 1926, abandona portanto o departamento de Estado para entrar numa importante firma de advogados de Nova Iorque onde já trabalha o irmão, Sullivan and Cromwell.

No entanto só depois de Pearl Harbor é que Allen Dulles vai na verdade retomar o serviço. Devido aos seus contactos na Alemanha, O Office of Strategic Services (O. S. S.) pede-lhe para tomar o cargo em Berna, plaza giratória da espionagem na Europa. Muito depressa consegue estabelecer contactos no interior da Alemanha nazi; graças a um tal George Wood, consegue em especial enviar mais de dois mil documentos da Wilhelmstrasse a Washington. Os seus informadores alemães dão-lhe a saber um dia que um membro do pessoal da embaixada britânica em Ancara trabalha para Hitler. Allen Dulles informa Londres. Cícero, o orlado de quarto do embaixador britânico, não ia tardar a ser desmascarado.

Foi em Berna que se situou igualmente um episódio mal esclarecido da carreira de Dulles. Em 1943, tinha de facto entrado em contacto com um SS de alta categoria, o príncipe Hohenlohe que trabalhava por conta de Himmler, o qual estava disposto a trair o seu patrão Hitler, para que os anglo-saxões aceitassem assinar uma paz em separado. Depois da guerra, os soviéticos deviam apoderar-se dos documentos de Hohenlohe e publicá-los. São muito comprometedores para Dulles, que, segundo o príncipe, teria falado a este de «cordão sanitário» contra o bolchevismo e de «negociações sem vencedor nem vencido».

A chefe SS teria deformado estas palavras para se fazer valer? Dulles tê-las-ia realmente proferido? E neste caso, fê-lo unicamente para tornar o seu interlocutor confiante e obter informações?

Ainda hoje é difícil resolver entre todas estas hipóteses. Seja como for, no fim da guerra Dulles negociou uma rendição em separado dos Exércitos alemães da Itália uma semana antes da rendição final em Reims.

Depois da vitória, Dulles regressou ao estúdio de Sullivan and Cromwell. Nunca mais, no entanto, abandonará a espionagem. Não deu ele uma prova suplementar das suas capacidades ao «resgatar» no fim da guerra a rede de informações do nazi Reinhard Gehlen, abrindo deste modo a porta a uma longa e frutuosa colaboração com a futura C. I. A.?

DA O. S. S. A C. I. A.

Os Estados Unidos foram apanhados desprevidos em todos os planos no momento de Pearl Harbor, em particular na da informação: a puritana América recusava institucionalizar o recurso

aos «golpes sujos». Foi portanto preciso criar dum dia para o outro a O. S. S. A lição não foi esquecida em 1945. Dois anos depois, Truman propôs ao Congresso um projecto de lei incidindo na criação da Central Intelligence Agency. O projecto foi imediatamente aprovado. Entre os que acabam de defendê-lo perante os parlamentares figura Allen Dulles. Num memorando escrito nessa época, Dulles afirma em especial: «A Agência deve ser dirigida por uma elite relativamente restrita que tenha a paixão do anonimato e esteja decidida a consagrar-se inteiramente a este trabalho especial... Seja quem for o director da C.I.A., terá de lhe consagrar toda a sua vida... Ele e os seus colaboradores deverão, de certo modo, tomar o hábito de burel do serviço.»

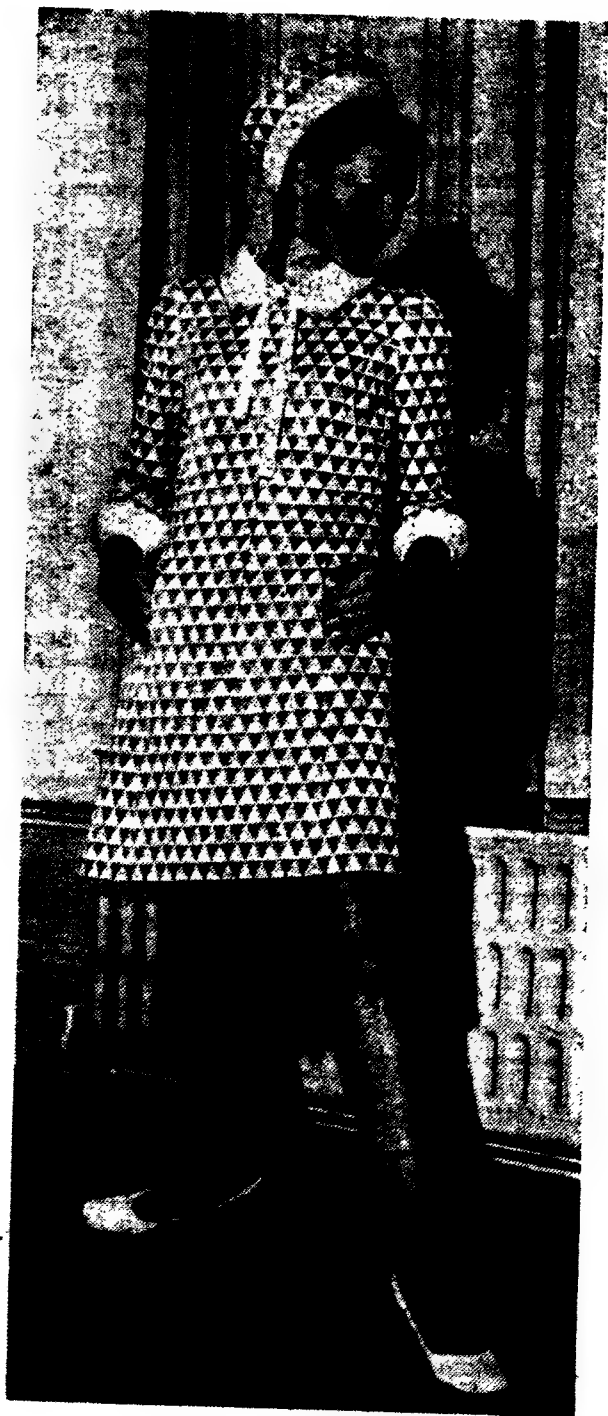
Allen Dulles não podia deixar de pensar em si ao escrever estas linhas. Truman, no entanto, esquece-o e nomeia o general Walter Bedell Smith para a frente dos novos serviços de informação. Será Smith a chamar Dulles em 1950 para o tornar um dos seus adjuntos; ocupar-se-á da secção de planificação, quer dizer da espionagem e da contra-espionagem no estrangeiro e do que se chama, por eufemismo, as operações políticas secretas. Muito naturalmente, Eisenhower designa-lo-á em 1953 para substituir o general Smith. Com John Foster Dulles no Departamento de Estado, iniciava-se a era da «companhia Dulles and Dulles».

Conhecem-se bastante bem as principais operações da C. I. A. durante este período de tempo para que seja preciso repeti-las em pormenor. Os principais capítulos chamam-se: derrubamento de Mosaddegh em 1953; derrubamento de Jacobo Arbenz, na Guatemala, no ano seguinte; penetração conscienciosa nos círculos intelectuais e sindicais da Europa para os «armar intelectualmente» (e financeiramente) contra o comunismo; organização, a partir de 1955, do sobrevoo sistemático do território da U.R.S.S. graças aos aviões espies U-2. Esta última operação é, sem dúvida, um dos mais belos êxitos (técnicos entenda-se) de Allen Dulles. Quando a destruição do avião pilotado por Gary Power fez falhar a conferência de Paris, Eisenhower «cobriu» inteiramente o seu subordnado. Não deixa de ser verdade ter sido a partir de 1960 que começou a declinar a estrela de Allen Dulles. Com ele, a C. I. A. é acusada de se ter tornado «um Estado no Estado», colocando o governo perante os factos consumados, sendo sem cessar do seu campo, que, teoricamente é o da informação.

Mas foi com a equipa da Baía dos Porcos, em Abril de 1961, que começou o verdadeiro «juizamento» de Allen Dulles.

(Continua na 2.ª página)

Em dia com A MODA



Vestido muito juvenil em algodão bege e branco, de Mattli, que faz parte da colecção deste costureiro para a Primavera. Gola e punhos brancos. Chapéu a condizer. A SEGUIR: Vestido muito original (pode ser usado em duas peças (à noite), numa só, (de dia), também da casa Mattli: É de seda preta e branca pintada à mão e tem o fundo decote em V e uma das saias debruçadas a preto

ELES JÁ MATARAM

MILHÕES DE HOMENS

Se lhe perguntassem, de repente, que animal achava mais temível, que responderia? É muito provável que pela sua mente passassem as imagens do leão, do tigre, da pantera, da serpente cascável... E possivelmente não se lembraria desse quadrupede pequeno, luzidio e desagradável que é o rato.

POIS bem: todos os outros animais são uns infelizes, uns pobres di-

animal que não bate em retirada é o rato. Muitos investigadores elogiam a

temente, compara- da ao próprio homem. Os cépticos, os que não acredi-

que até agora operaram com mais êxito durante a sua estada no mundo. O que é certo é que as relações sócio-económicas entre os dois não beneficiam o homem. Desde que a história existe, os ratos nunca deixaram de

para a humanidade.

Sejamus justos, no entanto. O seu propósito não consiste em causar dano, naturalmente, pois obedece apenas a uma necessidade fisiológica. Evidentemente que a rata, como todo o ser vi-

vente, necessita de comer. Outra razão, porém, agrava o seu caso: o rato tem de roer, mesmo que não o deseje. Os seus quatro incisivos crescem 13 cm por ano, em média, e se não limar os caninos morrerá.

Do mesmo modo, o rato não tem interesse deliberado em atacar o homem, mas não vacila nesse ataque se está acossado pela fome. Em contrapartida, o seu ataque a outros animais é, em regra, quotidiano. Sobretudo na Índia, não se detem nem perante os elefantes. E todos sabem que se tem o estômago vazio aproveita mesmo o estado de inanição de um doente ou o sono de uma criança.

MAIS VELHO QUE O HOMEM

MAIS velho que o homem, porque já conta cinquenta milhões de anos sobre a Terra, o rato tem sido um inimigo implacável e vitorioso da raça humana. Este animal serve de veículo às mais mortíferas epidemias. Ao investigarmos a história, vemos que antes da queda do Império Romano, há mil e quinhentos anos, o rato se introduziu nos despojos móveis dos Exér-

citos e passou da Ásia ao continente europeu. E com o rato veio a peste bubónica.

Assinalaremos somente os momentos culminantes da tragédia. Em cinco anos, de 1345 a 1350, morreram quarenta e três

No século XVIII, através dos barcos mercantes russos, chegou à Europa outro tipo de rato, o pardo. Pesava, em média, 460 gramas, precisamente o dobro do seu antecessor. Este reforço significou um sério aumen-

tados Unidos, no porto de São Francisco, cerca de 1908, iniciou-se pela primeira vez uma batida contra os ratos. Organizou-se o Comité Cívico Sanitário, que iniciou o seu trabalho com estas palavras: «É preciso fazer que

penetre no ouvido público de São Francisco, por todos os meios e de qualquer maneira, durante um ano inteiro — até que todos o compreendam tão facilmente como o alfabeto — que a peste é uma doença dos ratos transmitida ao homem através das pulgas».

Apesar de tudo a campanha encontrou a mais tenaz oposição da política doméstica.

O alcaide negou-se a autorizar a publicação de informações e estatísticas sobre a situação epidémica e ameaçou destituir quatro médicos da Junta Municipal de Saúde porque admitir a peste naquela cidade significava uma ameaça para o prestígio dos seus interesses. O Comité Cívico manteve a luta contra o rato e evitou que



Embora infinitamente mais pequeno, o rato é muito mais perigoso para o homem que a baleia

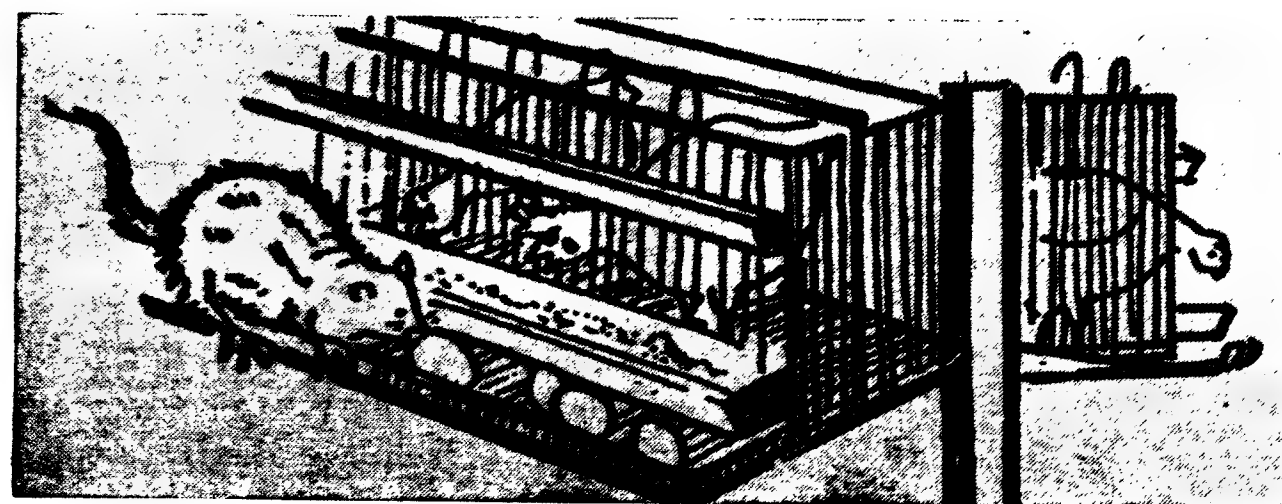
milhões de europeus vítimas da peste negra. Os cronistas do Papa — naquela época os mais preparados — falam de «duzentas mil povoações sem mais habitantes que os animais selvagens».

Em 1665, em Londres, capital da Inglaterra, segundo os historiadores Ppys e Evelyn, cada semana morriam londrinos, até que a cidade ficou deserta e cresceram ervas nas ruas.

Em 1720 a peste chegou a Marselha, cidade do Sul da França, e matou oitenta e seis mil habitantes. Em 1770 fez a sua aparição em Moscovo, hoje capital da União Soviética, onde tirou a vida a 80 mil pessoas. E no Egipto — outro caso entre muitos — entre os anos de 1783 e 1844 registaram-se vinte e três epidemias, com milhares e milhares de mortos.

DESEMBARQUE NA AMÉRICA

O RATO desembarcou em 1775 nos Estados Unidos e hoje campeia desde a Argentina até ao Canadá. Precisamente, nos Es-



O rato é ávido. A preocupação das naturais defensoras dos ovos — as galinhas — não o atemoriza. Ele sabe que está a coberto dos seus ataques



Quando vir um destes animaizinhos a prejudicar-lhe as culturas ou a roer-lhe os alfarrábios não compre um gato. O gato civilizou-se de mais. Compre uma coruja

se propagasse a peste bubónica. Apesar do demora do homem na decisão de lutar organizada contra o rato, não quer dizer que já desde a Idade Média não tivesse vislumbreado o perigo que este animalejo para ele significava. Já no século XIII uma canção alemã falava de um caçador de ratos, o legendário «flautista de Hamelin», que atraía os roedores com o som do seu instrumento... e dos apuros que passava na altura de se fazer pagar pelo seu trabalho. Este «flautista de Hamelin» só em parte é um personagem de lenda. As crónicas desse tempo confirmam-nos que havia caçadores de ratos na cidade e confirmam-nos que os burgueses, depois de completada a limpeza, não gostavam muito de

abrir os cordões à bolsa...

As coisas mudaram desde então. Já ninguém dúvida que o rato é um agente de doenças infestado de parasitas — triquina, trematódos, ascárides, etc. O rato mantém, portanto, o perigo potencial de enfermidades que, além da peste bubónica, compreende o tifo e a leptospirose, entre outras.

A OFENSIVA DA CIÊNCIA

QUASE ao mesmo tempo que se dava a primeira batalha científica, o engenheiro dinamarquês Emil Zuschlag provava a enorme importância do rato nos estragos que vinham sofrendo os depósitos de alimentos do homem. Com-

preendido em toda a sua dimensão e perigo o temível inimigo, o homem, armado com a sua ciência, desencadeou a ofensiva geral. Se bem que se tenha controlado a peste bubónica, não se pode, todavia, cantar vitória.

A ofensiva só conseguiu reduzir o número de roedores a um número igual ao da população humana, nos casos de triunfo. Mas o rato mantém o poder suficiente para dizimar os reservatórios do homem. Como o rato vamos reproduzir textualmente um parágrafo do editorial da revista «Saúde Mundial», representante da Organização Mundial de Saúde, de Abril de 1967: «Estimam-se em trinta milhões de toneladas as perdas anuais de cereais e arroz armazenados em todo o Mundo, e os ratos são a principal causa destas perdas. Como se isto fosse pouco, os roedores e os insectos devoram ou destroem anualmente vinte por cento das sementeiras, antes de feitas as colheitas. Um único rato deixado em liberdade num armazém comerá uns quinze quilos de alimentos e destruirá muito mais com os seus excrementos».

O rato não só destrói os alimentos destinados ao homem como também dá cabo de outros animais. Tem-se visto inclusive, nos tanques de piscicultura, os ratos lançarem-se à água e disputarem a comida aos peixes. Expostos ao seu ataque constante encontram-se os estúbulos, capoeiras e redis de herdades. O rato é capaz de roubar os ovos e levá-los intactos até aos buracos onde habita. E em campo aberto ataca galinhas e pintos. Tem chegado, até, a matar cordeiros. Nem sequer as plantas e as flores escapam à sua voracidade.

A SUA ASTÚCIA

COMO é possível a sobrevivência do rato frente à técnica do homem? A resposta só pode ser uma: a sua astúcia. O rato extrai uma lição de cada experiência e transmite este ensinamento a toda a comunidade. O rato selecciona com toda a precaução os alimentos e deixa os seus excrementos sobre os suspeitos, a fim de que não venha outro rato e os coma.

(Continua na 2.ª página)

Por ALBERTO POZO



Um casal de ratos zebra devora uma maçã. Esta espécie encontra-se nos planaltos da África Oriental, onde constitui uma permanente ameaça às culturas

bos, ao pé do rato. Todos se encontram em franca extinção ante o avanço do homem. O único

sua adaptabilidade, a sua tenacidade, a sua vontade de sobreviver. Por isto tem sido, frequen-

tam na bondade da raça humana, dizem que o homem e o rato são os dois animais de presa

saquear as despojas. E as doenças, a fome e a morte têm sido os seus únicos contributos

A ignorância de Von Braun

Levado a depor de livre vontade sobre um campo de concentração situado perto do local onde fazia as suas experiências, a fim de se apurarem as responsabilidades de dois indivíduos acusados de exercerem actividades nesse campo, o cientista afirmou ignorar o que por lá se passava. Não comentamos. Transcrevemos apenas o que sobre uma situação parecida escreve Enzo Collotti no livro «A Alemanha Nazi», a pp. 179-181:

«No que respeita a von Papen, a sua tentativa de salvar o salvável, evitando, uma vez pelo menos, negar a evidência, trata uma vez mais a sua incorrigível hipocrisia: ele sabia que existiam campos de concentração, mas aparentemente tratava-se de instituições respeitáveis; os aliados é que lhe fizeram perder as ilusões, revelando-lhe os horrores deles. Igualmente o grande almirante Dönitz conta nas suas memórias só ter sabido dos horrores do nazismo quando a guerra acabou. Nenhum, em suma, dos grandes responsáveis sabia nada.

A lista das citações poderia continuar até o infinito; ela, todavia, não demonstraria senão a grotesca tentativa de dissociar os crimes cometidos pelo Terceiro Reich de natureza íntima, da própria essência do nacional-socialismo, descarregando a sua responsabilidade sobre um estreito círculo de criaturas cruéis. Mas é fácil compreender que uma tão grande tragédia não podia ser materialmente obra apenas de poucas centenas, ou mesmo de poucos milhares, de homens, não podia realizar-se sem uma organização capilar nos sectores mais diversos da vida nacio-

nal, praticamente em todos os ramos da administração, isto é, sem a connivência de milhões de pessoas, que sabiam, que viam, que consentiam ou que, de qualquer maneira, embora não estivessem de acordo, se calavam, e as mais das vezes trabalhavam sem se oporem a dar o seu contributo à engrenagem das perseguições e do extermínio. Nisto, justamente, nesta roda de solidariedades e de connivências, consiste o grave, o sério, o enorme problema das responsabilidades, o aspecto mais dramático e, certamente, o mais impressionante da situação, que consentiu ao nacional-socialismo consolidar-se no Poder e depois percorrer até o limite extremo da abjeção a parábola dos seus crimes. Podia, pois, o povo alemão, ou mesmo só uma boa parte dele, para não falar dos seus chefes, não saber nada de tudo isto?

Se atentarmos na rede de relações políticas, administrativas e económicas que se entrelaçaram sobre a sorte dos deportados e dos perseguidos, bem difficilmente se poderá discordar da resposta, no conjunto tão equilibrada, que Reitlinger deu a esta inquietante pergunta:

«Uma parte da opinião pública alemã conhecia as condições em que viviam os internados nos campos de concentração, por intermédio de milhares de homens que, no decurso daqueles anos, tinham sido guardas dos campos de concentração, e por quantidade ainda maior de civis que trabalhavam nas fábricas ao lado dos prisioneiros nos campos de concentração. No fim de 1944, quando começou a grande evacuação dos campos, muitos podiam ver a lenta

passagem dos comboios cheios de detidos através das estações apinhadas da Alemanha Oriental e Central, longas filas de vagões de mercadorias abertos, cheios de lastimáveis esqueletos, que mendigavam um bocado de pão e água.

Descrições deste género são numerosas. Isto aconteceu numa época em que a vida civil na Alemanha era ainda normal, em que os comboios rápidos levavam ainda a carruagens-camas para os ricos e os privilegiados. O contraste era visível a todos. Como foi penosa a conjura dos 21 principais acusados nazistas, que, nada perturbados com a ideia de cometer perjúrio, se puseram de acordo para não admitirem saber da existência de mais de dois ou três campos de concentração! E, sobretudo, para negarem o que se passava dentro deles!»

UM BALANÇO DA ORDEM NOVA

«Uma avaliação recente faz subir a 18 milhões os seres humanos de todas as nacionalidades que passaram pelos campos de concentração nazistas na Alemanha e na Europa ocupada pelos exércitos hitlerianos; destes 18 milhões, 11 representariam o número de mortos por perseguições e deportações. No que respeita em sentido restrito à Alemanha, calcula-se que só os alemães aprisionados e deportados pelo regime nazista não foram menos de 1 milhão.

A tarefa de presidir a esta imensa organização e administração do terror foi executada na prática pelos SS, cujos efectivos em 1939, no início da guerra, subiam a cerca de 240 000 homens.»

A ASTÚCIA DO RATO

(Continuação da pág. central)

Uma colónia de ratos não se deixa enganar por duas vezes da mesma maneira. Observou-se que nalguns casos, o rato consegue habilidosamente, libertar da ratoeira a isca, comendo-a tranquilamente. Quando se trata de venenos, aprende a identificá-los e ensina o às suas crias.

Em troca, um par de ratos, sem o estorvo do homem, pode ter uma descendência de vinte milhões só em três anos. E os especialistas chegaram à seguinte conclusão: no primeiro ataque desencadeado contra uma colónia de ratos torna-se necessário matar pelo menos

noventa por cento, ou de contrário a resposta destes animais será aumentar o número original, no prazo de um ano, porque desenvolvem uma produção intensiva.

OS SEUS INIMIGOS

HA 3 000 anos os egípcios chegaram a domesticar o gato e a confiar-lhe a defesa dos seus depósitos de viveres. Pelo seu trabalho venderam-no Bast, a deusa com cabeça de gato, figura no panteão das divindades egípcias. No entanto, na actualidade,

o gato perdeu quase todo o seu prestígio. Os especialistas na conduta animal afirmam que o acto de matar ratos não é inato no gato, mas foi uma qualidade que o homem lhe impôs. Dizem que os gatos só matam quando são criados num ambiente propício, isto é, quando vêem os seus progenitores caçar ratos. Considera-se hoje que o gato vem a ser um combatente de terceira classe na luta contra os ratos. Os especialistas da O. M. S. chegaram a esta desconsoladora conclusão: «O gato doméstico civilizou-se em excesso».

Quando se trate de

combater o rato através de outros animais, — «controle» biológico — esqueçamo-nos do gato e do cão, mas chamemos em nosso auxílio a coruja.

A coruja é uma ave nocturna de rapina, que mede 43 centímetros de bico à cauda. Durante o dia refugia-se em edificações abandonadas, em covas e nas cavidades dos troncos de árvores. De noite sai a caçar ratos.

O homem declarou guerra ao rato e cada dia conta com meios mais refinados e diversos. A astúcia desse animal fá-lo ter perante ele o mais frio, implacável e inteligente dos inimigos.

ALLEN DULLES

(Continuação da 3.ª página)

Verificou-se depressa, com efeito, que a C. I. A. tem uma pesada responsabilidade neste malogro. Tomando os seus desejos por realidades, substituiu o apoio de Fidel de Castro na população e modificou perigosamente os seus planos para responder às diferentes objecções de John Kennedy. Mas Allen Dulles queria a todo o custo que a tentativa de invasão se efectuasse. Habitando a meza dum Eisenhower e à compreensão do seu irmão, estava com dúvida persuadido que havia arrastado Kennedy para a engrenagem para que este não pudesse mais fazer marcha-atrás. Foi no entanto o que se passou quando o novo presidente recusou dar o apoio aéreo indispensável, condenando os invasores a uma derrota sem glória.

O fim da Era dos Perros devia por ponto final na carreira de Allen Dulles. Meses depois, John Kennedy — furioso por ter visto a sua presidência comprometida três meses após a sua ascensão ao poder — demitiu-o de seu cargo e substituiu-o por outro republicano, John Maccone. Tinha acabado a «C. I. A. dos compinchas». Mas du-



ALLEN DULLES

rante muito tempo ainda as bombas de relógio colocadas por Allen Dulles iam explodir aqui e ali. A mais quijote beladina quando se soube que a Agência dava subsídios a numerosas associações culturais e de estudantes. Este novo escândalo ia lançar de novo o problema do controlo das actividades da C. I. A. e da confusão que esta amida faz entre a colheita de informações e actividades secretas. Continua por solucionar. Sem Allen Dulles, não se teria nunca posto em termos tão agudos.

JACQUES AMALRIC

PUBLICAÇÕES

«O TEMPO E O MODO»

A última edição de «O Tempo e o Modo» é um número triplio (64 a 66) de 230 páginas, respeitantes aos meses de Outubro a Dezembro de 1965, e dedica a sua parte mais substancial à sociedade americana, inserindo, além de um nota de abertura, colaboração de Alfredo Barroso, Francisco Sarrafeld Cabral, Jorge de Sena e Maria Emília Braderode Santos, e transcrições de Herbert Marcuse e Claude Julien.

«Na secção «Actualidade crítica» publicam-se diversas notas sobre o momento político mundial e, em «Artes e Letras» dois poemas e crítica literária e cinematográfica. O número termina com um sin memorial de Cristovam Pavia, com colaboração de Alberto Vaz da Silva, João Bénard da Costa, M. S. Lourenço, Nuno de Bragança e Pedro Tamen.

«Junta Nacional da Cortiça» — Boletim n.º 361.

«Revista Técnica Automóvel» — N.º 72.

«Agricultura» — N.º 31.

«Portugal Evangélico» — N.º 576/8.

«Boletim Trimestral de Informação», da D. G. dos Serviços Hidráulicos — n.º 30.

«Estatísticas Agrícolas e Alimentares» — Número referente a 1967.

«O Fermento» — N.º 155.

«Acção» — N.º 30.

«Vita Italiana» — N.º 12.

«El Comercio Exterior Chelovaco» — N.º 1.

«A Cooperação» — N.º 152.

«Engenho» — N.º 3/4.

«Ao Serviço da Lavoura» — N.º 87.

«Boletim da Câmara Municipal de São da Bandeira» — N.º 21 e 22.

«Águas Livres» — N.º 11.

«International Business Equipment» — Vol. VI — N.º 2.

«Empresa» — Revista da U. C. I. D. T. — N.º 13.

«Indústria de Mecânicas» — N.º 12.

«Brevets Nouvelles de France» — N.º 1014.

«Revista Fala» — N.º 27.

«Agress» — N.º 1/2.

«Boletim Económico e Financeiro» — N.º 11/12.

«J. SIMPÓSIO SOBRE ANGOLA» — Em elegante volu-

me se publica o relato do «I Simpósio sobre Angola» realizado no Pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, de 1 a 7 de Março de 1967, promovido pelo Centro das Actividades Económicas de Angola.

No volume se incluem teses importantes para o estudo do presente económico da província de Angola, nos seus vários aspectos.

«Mais Alto» — N.º 117.

«ICAO Bulletin» — N.º 12 (vol. 23).

«Menina e Moça» — N.º 244.

«Toiros 1965» — Balanço final da temporada, por Anselmo Mucho.

«Portugal-Alemanha» — N.º 5.

«O Vinho em Portugal» — N.º 22.

Cerâmica da Beira, Lda. Tondela

CONVOCAÇÃO

Convoco a Assembleia Geral desta Sociedade, a reunir nos escritórios da FÁBRICA DA NALA, no dia 22 de Março de 1966, pelas 13 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

Discussão do relatório, balanço e contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1965.

Não comparecendo numero de sócios que atinja o capital necessário para legalmente se tomarem deliberações, a Assembleia Geral funcionará com qualquer numero de sócios, no mesmo dia e local, pelas 15 horas. Os livros e documentos referentes ao balanço a discutir, encontram-se à disposição de todos os membros associados, no escritório da Empresa, em Tondela, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

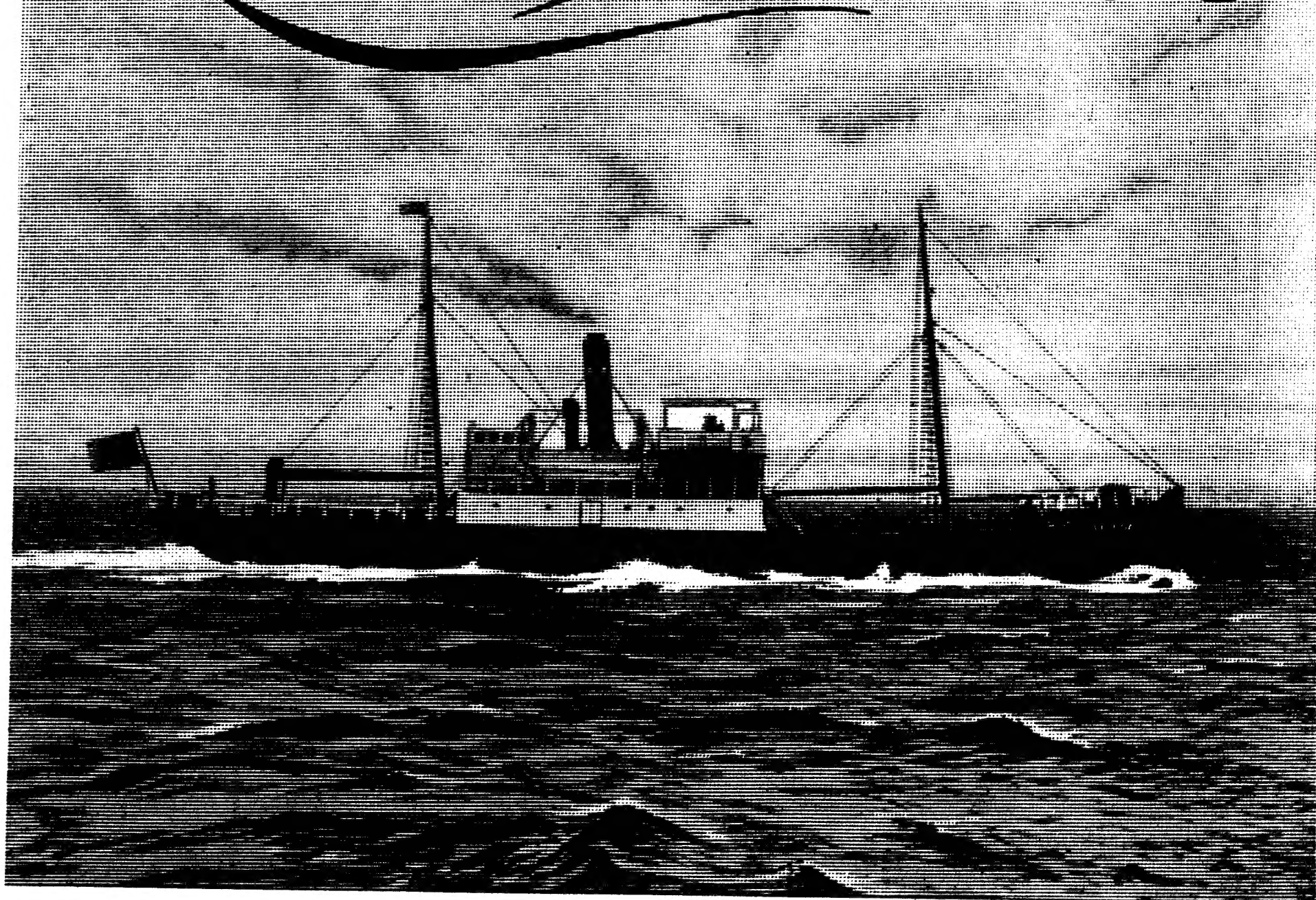
Tondela, 27 de Fevereiro de 1966.

Pela Cerâmica da Beira, Lda.

G. GERENTE.

a) José Lúcio Amaro

O Mar conhece-nos há 50 anos



* LISBOA. Entrado ao serviço da S. G. em 1919 coube-lhe a honra de estabelecer o primeiro contacto entre a nossa Companhia e o oceano.

Foi de facto o mar que nos proporcionou a experiência em que alicerçamos o futuro. Foi ele que nos ensinou a lição fundamental da permanência e da transformação.

Assim, a nossa Companhia, que vem



SOCIEDADE GERAL
DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES, S.A.R.L.

servindo uma vasta clientela disseminada pelo mundo inteiro, continuará a seguir uma única rota: uma rota de progresso, a que conduz à inovação, à descoberta de novos valores, ao seguro desenvolvimento da riqueza nacional.

LISBOA - Rua dos Douradores, 11 - Tel. 370151 - Telex 1543 * PORTO - Rua Sá da Bandeira, 84 - Tel. 22314 - Telex 02718

TERRENO COMPRA-SE

**BOM LOCAL DE LISBOA, PARA CONSTRUÇÃO
IMEDIATA, COM OU SEM PROJECTO APROVADO.
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 224.**

CHARADISMO

(Continuação da 4.ª página)

fosse — o que é o caso — só por isso seria digna dos maiores encontros. Geralmente as secções charadísticas e revistas especializadas são para veteranos ou concedem apenas um cantinho aos novos. Ora tudo tem que evoluir e renovar-se, e é às equipas jovens que terá de passar-se o testemunho para as futuras etapas desta interminável carreira que é o Charadismo. É por isso que as dificuldades iniciais, quando intransponíveis, constituem motivo de desalento para a grande maioria. Criou o meu Amigo nessa sua Secção um verdadeiro oásis para os novos, em que podem ter a satisfação e o estímulo de ombrear com os veteranos, tanto na Produção como na Decifração. O seu Regulamento permite-lhes a alegria íntima — e bem assim sabemos quanto



FRANKISH

grande ela é... — da resolução de todos os trabalhos, sem que todavia abstraiam do raciocínio e do útil trabalho de rebusca nos dicionários.

P. — Em sua opinião, a Secção necessita de sofrer algumas modificações com vista ao seu aperfeiçoamento?

R. — Nada me ocorre que seja susceptível de melhorá-la.

P. — Qual foi a sensação que sentiu quando viu publicado o seu primeiro trabalho?

R. — Já vai muito distante essa sensação, mas ainda me lembro de que foi de intensa alegria. Eu era então pouco mais do que uma criança, mas pela primeira vez compreendi que o produto do trabalho mental pode ser motivo de satisfação própria e alheia.

P. — Já conquistou algum prémio?

R. — Sim, já obtive vários prémios. Mas não vale a pena enumerá-los, porque esses, — sejam taças, medalhas, livros ou diplomas — bem pouco representam para mim em comparação com os verdadeiros prémios que tenho obtido do Charadismo: os Amigos, tantos e tão gratos à minha ânsia de afecto, quer em Portugal quer no Brasil; o conhecimento linguístico; o gosto pela poesia e pelo estudo; a faculdade da concentração mental; a paciência na investigação; enfim, o refúgio espiritual em que temporariamente esqueço ou desabofo as cansaças e angústias da vida. Estes são os mais estimáveis prémios que o Charadismo me tem concedido, e por isso lhe guardo a maior gratidão.

P. — Em sua opinião, os torneios devem ser consecutivos, ou não?

R. — Os torneios devem ser consecutivos, para manter vivo o entusiasmo, o estímulo pela competição desportiva e leal. Quem agora foi vencido, logo pode ser o vencedor, porque há continuas oportunidades para todos.

Assim falou Frankish, de quem não fiz apresentação, por ser bastante conhecido para a dispensar, pois é um dos valores positivos do Charadismo Nacional.

Decifrações do n.º 93

1 — Trapola; 2 — Rodado; 3 — Local-Local; 4 — Efeito; 5 — E mais como FEITO; 6 — Preciso; 7 — Tunda; 8 — Alegria; 9 — Peno, Leno, Puno, Peco, Pena; 10 — Troça C; 11 — Região L; 12 — Gerar, I; 13 — Nego, C; 14 — Exegese; 15 — Geadas; 16 — Adorno.

Decifrações do n.º 94

1 — Kevá; 2 — Hosana; 3 — Madama; 4 — Cacetada; 5 — Capacete; 6 — Volto; 7 — Perverso; 8 — Mavorte; 9 — Cuscuta; 10 — Farelar; 11 — Agrogafia; 12 — Moteja; 13 — Baraça; 14 — Cavado; 15 — Alquimada; 16 — Enrosca.

Correspondência para:
António Fernandes Pereira da Cruz
(Secção de Charadismo)
Redac. do «Diário de Lisboa»
— R. Luz Soriano
— Lisboa-3

FORÇA AÉREA

**Centro de Recenseamento e Mobilização n.º 1
ANÚNCIO**

**RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS
COM DESTINO AOS CURSOS DE OFICIAIS MILICIANOS PARA-QUEDISTAS**

Faz-se público que, nos termos do Decreto N.º 44471 de 23 de Junho de 1962, está aberto concurso para admissão de mancebos voluntários com destino ao Curso de Oficial Miliciano Para-quadista.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

- Idade não inferior a 18 anos;
- Ter como mínimo de habilitações literárias o 3.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;
- Se for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se nas Tropas Para-quadistas;
- Ter a altura mínima de 1,62 m e a necessária aptidão física verificada pela Junta Médica da Força Aérea;
- Ser solteiro ou viúvo sem encargos de família;
- Ter bom comportamento moral e civil e estar no pleno uso dos seus direitos constitucionais.

Têm preferência na admissão os mancebos que possuam o diploma de para-quadista civil.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimento, ao Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1 — Rua Newton, n.º 6-r/c, em Lisboa.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1969.

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey
Major

Licenciado ou Diplomado

Para dirigir estabelecimento de formação profissional segundo novos métodos pedagógicos, em ALJUSTREL (Baixo Alentejo). PRETENDE-SE pessoa com capacidade de chefia e organização. Experiência industrial ou de ensino. Vencimento mensal de 7 800\$00.

Enviar resposta, com «curriculum vitae» pormenorizado, com indicações de idade, classificação de curso, cargos desempenhados e todas as informações que possam constituir elementos de apreciação ao n.º 225.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Fox, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



ESTE ANO OFEREÇO
MENSALMENTE
UM TELEVISOR PORTÁTIL
NATIONAL

BASTA CONSUMIR
Tigre

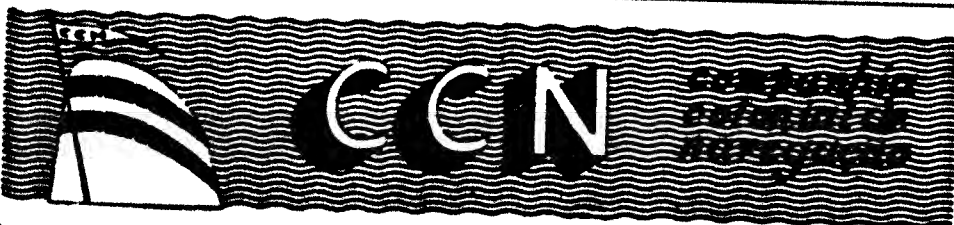
QUEIJO CREME DE GRUYÈRE
DELICIOSA ESPECIALIDADE SUÍÇA

APARELHOS DE SURDEZ viennatone

A MARAVILHA MÁXIMA DE BEM SERVIR
EXPERIMENTE SEM COMPROMISSO
Av. de Roma, 29, 1.ª, porta 1 — LISBOA — Telef. 77 74 77

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.
A.R.L. — 95, Rua Nova
do Almada, 99 — LISBOA



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«VERA CRUZ» a sair em 6 de Março às 16 horas	Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO. Carrega até 3 de Março.
«LUGELA» a sair em 10 de Março	Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 6 a 9 de Março.
«PORTO» a sair em 18 de Março	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 16 de Março.
«UIGE» a sair em 26 de Março às 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 16 a 20 de Março.

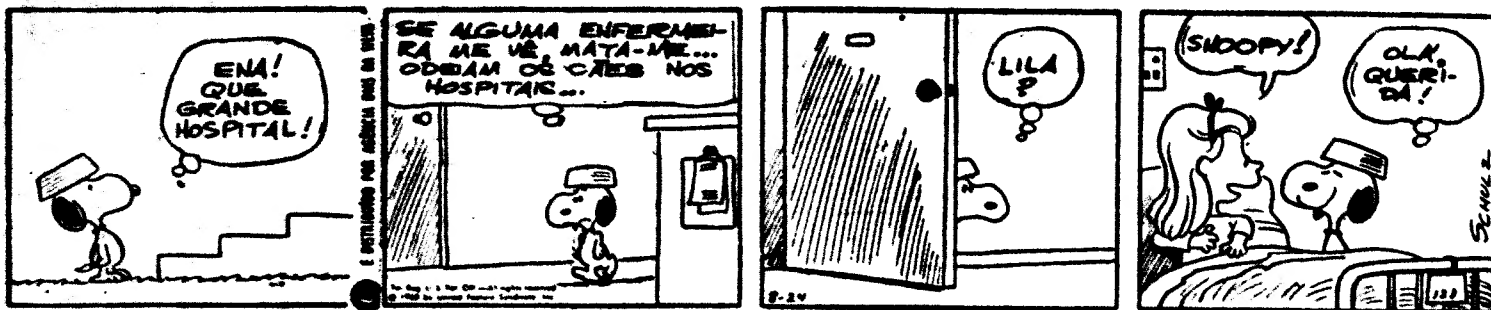
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 19 de Março às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUANRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).
---	--

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/3
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

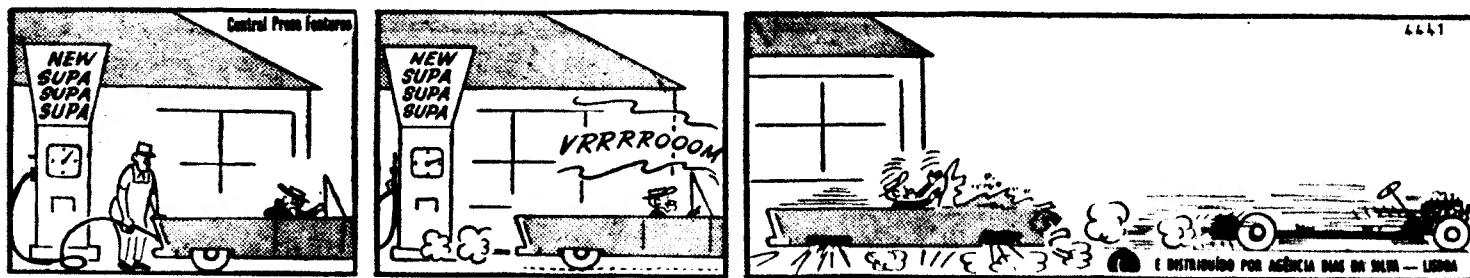
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5108

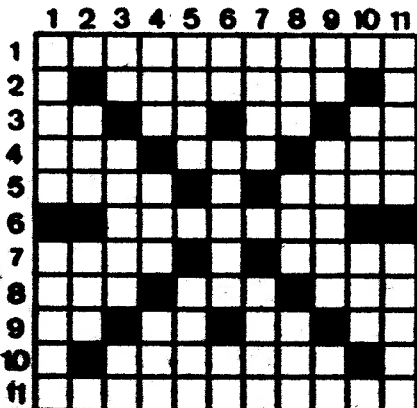
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8946

HORIZONTAIS: 1 — Punham 2 — Dor amara 3 — Cinquenta e cinco em romano, Preparação. Artigo definido. Senhor. 4 — Suprinos. Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Colocar. 5 — Nome de um mês. Criança de colo. 6 — Cercas de rimbo ou de auréola. 7 — Lavras. Artigo definido. Canua. 8 — Ilha do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Trocar. Chete enape. 9 — Viração. Pronome pessoal. O mais. Loço. 11 — Espécie de turbante indiano. 11 — Selvagem que come carne humana.

VERTICAIS: 1 — Pegam. Sacode. 2 — Tempo do verbo ver. Grande quantidade. 3 — Apeido. Península montanhosa do Arábia, entre os golfos de Suez e de Acaba. Platina (s. q.). 4 — O mesmo que três. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda. Oceano. 5 — Mana. Refeço. 6 — Medida japonesa, igual a dois decímetros. Pequena abertura. Abreviatura que se usa em musica. 7 — Ilha de coral. Lago de Lisboa. 8 — Freguesia do concelho de Penafiel. Duas vezes. Bins (inv.). 9 — Caminhão. Aviação. Ruim. 10 — Por baixo de. Ilha inglesa no mar do Irlanda. 11 — De morrados. Peixe do género sítiro.

Resolva completamente este problema! Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



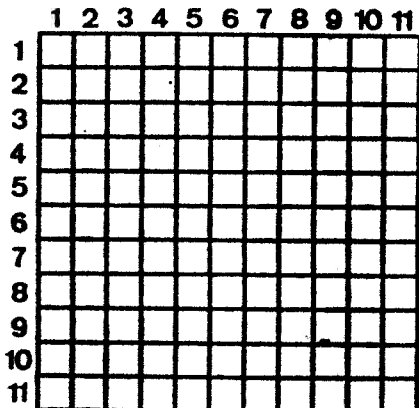
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5102

HORIZONTAIS: 1 — Procedam 2 — Ases. Onorou. 3 — Rã. Roana. 4 — Aio. Atrua. 5 — Sorveréis. 6 — Alá Rio. A. 7 — Ih. Mua. Ir. 8 — CAVALO. DADO. 9 — Inacível. 10 — Sal. Ralo. 11 — NAO. Saira.

VERTICAIS: 1 — Fortesicos. 2 — SE. OLHA. An. 3 — Pesará. Vili. 4 — Ra. IV. Mar. 5 — O. Roar. Lar. 6 — Coa. Rimeas. 7 — Eracous. Clá. 8 — DENTE. Adici. 9 — Iraria. Avir. 10 — Aa. Ca. Ide. 11 — Muda. Prote. (Provérbio: A CAVALO DADO, NÃO SE OLHA O GENTE.)

HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Sulga. Glria. 2 — Lavrei. Brami. 3 — Senhora. Imã da mãe. Oais. 4 — Bosta. Vila e concelho do distrito de Portalegre. Letra grega. 5 — Jogo dianteiro das carrretas de artilharia. Transferes para outro dia. 6 — Encoleriza. Dão mios. 7 — Batráquia. Rei de Basó, gigante que se opunha à passagem dos israelitas. 8 — Copa sem mangas. Triture. Rio da Sibéria. 9 — Troça. Nome de um mês. Prefixo de privação. 10 — Exprimir por palavras. Aldeia de Itália. 11 — Demente. Girar.

VERTICAIS: 1 — Barra de vestido. Uma das ilhas Jónias. 2 — Vagueara. Dor pios. 3 — Mãe de Rómulo e Remo. Rio de Portugal. Nota musical. 4 — Niquel (s. q.). Rosto. Uma das abreviaturas de matemática. 5 — Traveja. Oportunidade. 6 — Clonidade. Mágua. 7 — Prendem. Serra de Portugal. 8 — Amónio (s. q.). Aversão. Sufixo que designa abundancia. 9 — Nome de um planeta. Personagem do «Oleio» de Shakespeare. Tálto (s. q.). 10 — Procederam. Um dos estados do Brasil. 11 — Noite das cartas de jogar. Morrer. (Prov.)



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8945

HORIZONTAIS: 1 — El. Doura. LV. 2 — Rival. Estão. 3 — Acote. Moira. 4 — Arão. Asta. 5 — Ser. 6 — SS. Coram. Ar. 7 — Potos. Sorda. 8 — Acer. Cam. 9 — Rau. Seu. Sra. 10 — Ts. Delta. Ad. 11 — Assim. Anosa.

VERTICAIS: 1 — Era. Esparta. 2 — Liça. Sa. cais. 3 — Vana. Teu. 4 — Data. Cor. DI. 5 — Oieasos. Sem. 6 — Er. Fel. 7 — Remares. Uta. 8 — Osa. Mac. An. 9 — Titã. Ras. 10 — Lara. Adiras. 11 — Voa. Tramada.

Publicações estudantis

«TEMPO»

O último número de «Tempo» — jornal universitário de informação, reveste-se do interesse e da actualidade que vêm caracterizando todas as suas últimas edições. Assim, do sumário deste número fazem parte, além das habituais editoriais, intituladas «Em favor da democracia» e «Neofeudalismo», respostas a um inquérito a propósito das bases para a Reforma da Universidade por si propostas, e no qual depõem os ares. dr. Francisco Pereira de Moura, economista e assistente do I. S. C. I. P. dr. José Carlos de Vasconcelos, advogado e nosso prezado camarada de redacção, Luís Valadas Tavares e Joaquim Cruz Pinto, estudantes do I. S. Técnico.

Um resumo dos «acontecimentos de Dezembro», com cronologia e síntese de declarações, largo noticiário das actividades académicas e circum-escolares em Lisboa e Coimbra, assim como as habituais secções «Tempo Internacional», «diz-se», «cartas dos leitores», «tempo internacional», crítica de livros e de filmes, etc., valorizam ainda este «jornal universitário de informação». Ainda do sumário desta última edição de «Tempo» faz parte uma página com o título «O prof. Marcelino Caetano e o Tempo» em que se recordam e citam parcialmente duas entrevistas publicadas nas suas colunas com o então catedrático de Direito, agora Presidente do Conselho.

CAMINHOS DE FERRO Monte de Carvalho, Chão de Codes e Chaveira

Comunica-nos a C. P. que desde o dia 2 do corrente todas as estações de caminho de ferro despacham mercadorias incluindo pequenos volumes, para Monte de Carvalho-Central, Chão de Codes-Central e Chaveira-Central.

Por seu turno, nos Despachos Centrais de Monte de Carvalho, Chão de Codes e Chaveira expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

No seu próprio interesse não deixe de utilizar este serviço combinado.



— Declaro-me do lado do teu operariado, que reclama aumento de salários. Para mim, quero aumento da mesada que dás lá para casa...



— Tu não tinhas de concordar com aquela sugestão idiota e estúpida do patrão... só porque eu concordei...



— Pensar que ainda me faltam 10 955 dias para atingir a reforma...

O RISO DA SEMANA



— Daqui a vinte anos, olharemos para trás e todo o incidente será motivo de risota...



— E, naturalmente, a senhora não se importa que eu receba todo esse dinheiro para lhe pagar a consulta, não é verdade?



— ... E, é claro, precisaremos de um quarto de banho e meio...